

JAQUELINE PINHEIRO SCHULTZ

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: A  
MOBILIDADE ESTUDANTIL EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL MINEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca da Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Rio Paranaíba**

T

S387i  
2018  
Schultz, Jaqueline Pinheiro, 1988-  
Internacionalização da educação superior no Brasil : a mobilidade estudantil em uma Universidade Federal mineira / Jaqueline Pinheiro Schultz. – Viçosa, MG, 2018.  
xiii, 152f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndices.

Orientador: Odemir Vieira Baeta.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.98-104.

1. Internacionalização da educação superior. 2. Mobilidade estudantil. 3. Universidade Federal de Ouro Preto.

I. Universidade Federal de Viçosa. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional-PROFIAP/UFV.

II. Título.

JAQUELINE PINHEIRO SCHULTZ

**INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: A  
MOBILIDADE ESTUDANTIL EM UMA UNIVERSIDADE FEDERAL MINEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública em Rede Nacional (PROFIAP) para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de outubro de 2018.



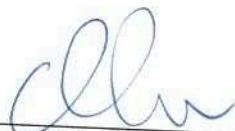
Rita de Cássia Barbosa Louback



Adilson Pereira dos Santos



Débora Carneiro Zuin  
(Coorientadora)



Odemir Vieira Baêta  
(Orientador)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a contribuição de muitas pessoas. Primeiramente agradeço a Deus, pela vida e por sempre me abençoar e iluminar meus caminhos. Agradeço a minha família, que mesmo de longe sempre se fez tão presente. Vocês são a minha base, o meu porto seguro, a minha referência de gente que “Trabalha e Confia” sempre! Agradeço também a UFV, por mais uma vez me receber como aluna; aos professores, pelos conhecimentos compartilhados; aos colegas de turma, pelo companheirismo, em especial Luci, Lud, Henrique e Martha. Ao meu orientador Prof. Odemir Baeta, agradeço pelo apoio, mas principalmente pela dedicação ao Profiap como um todo na UFV. À coordenação do Profiap e a todos os TAE’s da UFV que possibilitam a existência do curso. Agradeço à UFOP, por ter me recebido tão bem, pelas oportunidades, reconhecimento e pelo apoio para a realização deste trabalho. A todas as pessoas com quem trabalhei na Escola de Nutrição, em especial às “Gatinhas da ENUT” (Elisa, Fran, Marcella, Michelle, Miliane e Tati). Agradeço a Joana Gomes pelo início da minha história com a CAINT, por todo apoio de sempre, pela amizade e pelas contribuições com este trabalho. Agradeço imensamente à equipe da CAINT, aos 30 bolsistas com os quais trabalhei e as pessoas que estão atualmente: Cristina, Talyta, Fernanda, Anderson, Felipe, Mariana e Ademir. Obrigada por todo apoio, dedicação, paciência e por acreditarem no nosso trabalho que fazemos juntos. Aos ex-coordenadores, Alessandra e Magno, por todo o aprendizado, confiança e apoio de sempre. À Profa. Cláudia Marlière e ao Prof. Hermínio pela confiança no meu trabalho junto à CAINT. A toda a comunidade da UFOP envolvida com ações de internacionalização, principalmente a todos os alunos que estiveram em mobilidade internacional pela UFOP, incluídos nesse trabalho ou não. Aos meus amigos de perto: Grazi, Priscila, Gi, Murilo, Maristela, Marana, Daniel, Vanilda, Eni, Ritinha, Carla, Tati, Flavi. Aos meus amigos que agora estão mais longe: Emília, Luiza, Laguna, Dani, Eliza (pra sempre nos nossos corações), Mari, Karina, Felipe, Victor, Camila e a turma da China (Maira, Fernando, Marcelo e Leonel, em especial). E a todos que contribuíram de alguma forma com esse trabalho ao longo dessa jornada, em especial: Marina Beirão, pela generosidade e paciência em me ajudar com os dados e aos colegas das RI’s das IES, representados pela Profa. Rita Louback, minha referência de ser humano e de profissional. **Dziękuję. Gracias. 谢谢. Merci.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cursos de origem dos alunos que retornaram entre 2014-2 e 2017-2.....	57
Figura 2 - Países de destino para mobilidade .....	58
Figura 3 - Participantes do Programa de Mobilidade: Categoria de cor de pele .....	59
Figura 4 - Coeficiente de Rendimento Acadêmico antes e depois da mobilidade, por país .....	60
Figura 5 - Média de notas do período de mobilidade - Geral .....	61
Figura 6 - Média de notas, disciplinas cursadas e reprovações, por país .....	61
Figura 7 - Motivos para reprovações durante a mobilidade .....	62
Figura 8 - Média de gastos mensais por país (R\$).....	62
Figura 9 - Distribuição de bolsas de mobilidade.....	63
Figura 10 - Método de ensino: Avaliação geral e Comparação com a UFOP .....	64
Figura 11 - Método de Ensino: avaliação por país .....	65
Figura 12 - Método de Avaliação Geral e em comparação com a UFOP.....	65
Figura 13 - Método de avaliação por país .....	66
Figura 14 - Infraestrutura da instituição de destino e Avaliação geral e em comparação com a UFOP .....	67
Figura 15 - Infraestrutura da instituição de destino, por país.....	67
Figura 16 - Recepção e acompanhamento ao aluno estrangeiro – Geral .....	68
Figura 17 - Recepção e acompanhamento ao aluno estrangeiro - Por país .....	68
Figura 18 - Dificuldades relacionadas à mobilidade .....	69
Figura 19 - Aproveitamento Pessoal - Geral (%).....	70
Figura 20 - Aproveitamento Cultural - Geral (%) .....	70
Figura 21 - Aproveitamento Acadêmico - Geral (%).....	71
Figura 22 - Aproveitamento Acadêmico - Por país.....	71
Figura 23 - Recomendações por categoria .....	72
Figura 24 - Recomendações .....	72
Figura 25 - Auxílio Financeiro durante a graduação.....	74
Figura 26 - Momento da decisão sobre realizar a mobilidade (%) .....	74
Figura 27 - Você já havia viajado para o exterior antes do Programa?.....	75
Figura 28 - Como soube do Programa? .....	75
Figura 29 - Como escolheu a instituição de destino?.....	76
Figura 30 - Nível de preparação antes da mobilidade .....	76

Figura 31 - Informações recebidas pela CAINT .....	76
Figura 32 - Apoio da CAINT .....	77
Figura 33 - Objetivos de participação no Programa .....	78
Figura 34 - De que forma você considera que atingiu seus objetivos? .....	78
Figura 35 - Dificuldades no retorno .....	79
Figura 36 - Aproveitamento de disciplinas .....	79
Figura 37 - Impactos da experiência de mobilidade acadêmica.....	80
Figura 38 - Contribuição com a UFOP .....	81
Figura 39 - Estudos de Idiomas.....	82

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Número de alunos de mobilidade por convênios e número de respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2.....	52
--	----

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Modalidades de atividades desenvolvidas no exterior .....	19
Quadro 2 - Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UFOP .....	32
Quadro 3 - Servidores no setor de Relações Internacionais das principais IES de Minas Gerais .....	37
Quadro 4 - Docentes da UFOP que pesquisam o tema internacionalização universitária e seus correlatos.....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior
ASSINT	Assessoria de Relações Internacionais
BGCT	Bolsa de Gestão, Ciência e Tecnologia
BRAFITEC	<i>Brasil France Ingénieur Technologie</i> - Programa de Cooperação Acadêmica Brasil França
BRAFRAGRI	Programa Brasil/França Agricultura
BRANETEC	Programa de Cooperação Acadêmica Brasil Holanda
CAINT	Coordenadoria de Assuntos Internacionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAD	Centro de Educação Aberta e à Distância
CEDUFOP	Centro Desportivo da UFOP
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COFECUB	Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil
CRES	Conferência Regional de Educação Superior da América Latina e do Caribe
CPInter	Comissão Permanente de Internacionalização
CsF	Ciência sem Fronteiras
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
DEBIO	Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente
DENCS	Departamento de Nutrição Clínica e Social
EDTM	Escola de Direito Turismo e Museologia
EFAR	Escola de Farmácia
EM	Escola de Minas
EMED	Escola de Medicina
ENUT	Escola de Nutrição
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais
FAUBAI	Associação Brasileira de Educação Internacional
Fulbright	Comissão para o Intercâmbio Educacional e Cultural entre os Estados Unidos da América e o Brasil
GATS	General Agreement on Trade in Services
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
GECON	Gerência de Convênios

GUAL	Revista Gestão Universitária na América Latina
IAESTE	<i>International Association for the Exchange of Students for Technical Experience</i>
ICEA	Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas
ICEB	Instituto de Ciências Exatas e Biológicas
ICHS	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
ICSA	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
IES	Instituição de Ensino Superior
IESALC	Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe
IFAC	Instituto de Filosofia, Artes e Cultura
NAFSA	<i>Association of International Education</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PDU	Plano de Desenvolvimento das Universidades Federais
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PRINT	Programa Institucional de Internacionalização
PRACE	Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROPP	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
SEINTER	Seminário de Internacionalização
TAE	Técnico-Administrativo em Educação
TOEFL	<i>Test of English as a Foreign Language</i>
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## RESUMO

SCHULTZ, Jaqueline Pinheiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2018. **Internacionalização da educação superior no Brasil: a mobilidade estudantil em uma Universidade Federal Mineira**. Orientador: Odemir Vieira Baeta. Coorientadoras: Débora Carneiro Zuin e Fernanda Cristina da Silva.

A internacionalização da educação superior é uma realidade e uma tendência mundial, intensificada pela globalização. Entretanto, os níveis de internacionalização e os objetivos almejados com esse processo variam de acordo com as instituições e seus países de origem. Uma das principais atividades relacionadas à cooperação acadêmica internacional é a mobilidade de estudantes, a qual já existe desde antes da Idade Média, mas se intensificou nos últimos anos. No Brasil, o tema internacionalização das universidades tornou-se definitivamente uma pauta importante com o Programa Ciência sem Fronteiras, aumentando a visibilidade do país no exterior. Dessa forma, as parcerias bilaterais já existentes se intensificaram e se ampliaram, fazendo com que as instituições buscassem alternativas para se adaptarem a essa nova realidade. Considerando que a mobilidade de alunos de graduação se mantém principalmente por meio dos acordos bilaterais, independentemente da existência de programas governamentais temporários, entende-se que estudar o processo de mobilidade acadêmica internacional de uma instituição é importante para conhecer sua política de internacionalização e melhorar suas estratégias, o que foi feito neste trabalho tendo-se como referência a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Para isso, este estudo apresenta como pergunta de pesquisa: como institucionalizar e consolidar a política de internacionalização da UFOP no que tange à mobilidade estudantil de graduação? A partir da percepção dos alunos que participaram do programa de mobilidade internacional na UFOP, foi feita uma análise da política de internacionalização da UFOP quanto à mobilidade de estudantes de graduação referente ao período de 2014 a 2017. Por meio da análise de conteúdo dos dados coletados, utilizando-se das teorias relativas à internacionalização da educação superior e da teoria institucional, em sua perspectiva sociológica, foram identificadas potencialidades e fragilidades da política de internacionalização da UFOP no que se refere à mobilidade estudantil de graduação e ações para intensificar a institucionalização desta política na instituição foram propostas.

## ABSTRACT

SCHULTZ, Jaqueline Pinheiro, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, October, 2018. **Internationalization of higher education in Brazil: student mobility in a Federal University in Minas Gerais state**. Advisor: Odemir Vieira Baeta. Co-advisors: Debora Carneiro Zuin and Fernanda Cristina da Silva.

The internationalization of higher education is a reality and a global trend, intensified by globalization. However, the levels of internationalization and the objectives pursued with this process vary according to the institutions and their countries of origin. One of the main activities related to international academic cooperation is student mobility, which has existed since before the Middle Ages, but has intensified in recent years. In Brazil, the theme of internationalization in the universities has definitely become an important agenda with the Science without Borders Program, increasing the visibility of the country abroad. Therefore, existing bilateral partnerships intensified and expanded, making institutions seek alternatives to adapt to this new reality. Considering that student mobility is developed mainly through bilateral agreements, regardless of the existence of temporary governmental programs, it is understood that studying the process of international academic mobility of an institution is important to know its internationalization policy and to improve its strategies. In this study, it was done having as reference the Federal University of Ouro Preto (UFOP), by answering the following research question: how to institutionalize and consolidate the UFOP internationalization policy regarding mobility of undergraduate students? Based on the perception of the students who participated in the international mobility program at UFOP, it was made an analysis of the UFOP internationalization policy regarding student mobility, in relation to the period from 2014 to 2017. Through the content analysis of the data collected, using theories related to the internationalization of higher education and institutional theory, in its sociological perspective, the potentialities and weaknesses of UFOP's internationalization policy regarding the undergraduate student mobility were identified and actions to intensify the institutionalization of this policy in the institution were proposed.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	1
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	5
2.1	Ensino Superior no Brasil e Internacionalização .....	5
2.2	Mobilidade Acadêmica Internacional .....	17
2.3	Teoria Institucional .....	25
2.4	A UFOP e a Internacionalização .....	28
2.4.1	A Universidade Federal de Ouro Preto .....	28
2.4.2	A Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT) .....	33
2.4.2.1	Estrutura e atuação da CAINT/UFOP .....	36
2.4.2.2	O Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP.....	43
2.4.2.2.1	Fluxo do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional.....	47
3	METODOLOGIA .....	51
3.1	Tipo de Pesquisa.....	51
3.2	Objeto de Estudo.....	51
3.3	Procedimentos e Técnicas de Coleta de Dados.....	52
3.4	Procedimentos de Análise e Interpretação dos Dados.....	55
3.5	Análise dos Dados .....	56
4	RESULTADOS.....	83
5	DISCUSSÃO .....	89
6	CONCLUSÃO .....	96
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	98
	APÊNDICE A - Acordos internacionais que preveem mobilidade acadêmica de alunos de graduação, sob gestão da Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT).....	105
	APÊNDICE B – Alunos de graduação da UFOP que participaram do Programa CsF.....	107

APÊNDICE C - Número de alunos por país e por curso – Respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2 .....	108
APÊNDICE D - Número de alunos por país e por instituição – Respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2.....	109
APÊNDICE E – Distribuição de alunos por países, instituições e cursos.....	110
APÊNDICE F – Roteiro do questionário complementar enviado aos alunos que retornaram de mobilidade entre 2014-2 e 2017-2 .....	113
APÊNDICE G - Distribuição de gênero por país .....	116
APÊNDICE H - Distribuição de gênero por curso.....	117
APÊNDICE I - Coeficiente de Rendimento Acadêmico antes e depois da mobilidade, por país .....	118
APÊNDICE J – Média de disciplinas cursadas e reprovações por curso .....	119
APÊNDICE K - Distribuição de bolsas para mobilidade acadêmica internacional e total de alunos que retornara, por ano .....	120
APÊNDICE L - Avaliação do método de ensino da instituição de destino em comparação com a UFOP, por país .....	121
APÊNDICE M - Comparação entre o método de avaliação da instituição de destino e o método de avaliação da UFOP, por país .....	122
APÊNDICE N - Comparação entre a infraestrutura da instituição de destino e a infraestrutura da UFOP, por país .....	123
APÊNDICE O - Aproveitamento pessoal, por país.....	124
APÊNDICE P - Aproveitamento cultural, por país.....	125
APÊNDICE Q - Categorias das recomendações fornecidas pelos alunos participantes do Programa .....	126
APÊNDICE R - Atividades extras desenvolvidas durante a mobilidade .....	127
APÊNDICE S - Tipos de reconhecimento acadêmico recebidos pelos alunos .....	128
APÊNDICE T - Distribuição de alunos participantes do Programa, que responderam ao segundo questionário, por renda.....	129

APÊNDICE U - Composição do grupo familiar dos alunos participantes do Programa que responderam ao segundo questionário .....	130
APÊNDICE V - Justificativas relacionadas aos objetivos com a participação no Programa.....	131
APÊNDICE W - Sugestões para a melhoria do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional.....	132
APÊNDICE X - Boas práticas adotadas pelas instituições estrangeiras .....	133
APÊNDICE Y - Distribuição de categorias de cor de pele declaradas pelos alunos de graduação matriculados entre 2015 e 2017 .....	134
ANEXO A – Roteiro do Formulário Relatório de retorno – CAINT/UFOP.....	135
ANEXO B - Plano de Internacionalização da UFOP .....	137

## 1 INTRODUÇÃO

A internacionalização da educação superior é uma tendência mundial e atual. Entretanto, sabe-se que desde a sua origem as universidades contavam com a circulação de pessoas, estudantes e professores. Além disso, essa movimentação era inclusive incentivada, como parte importante da formação dos alunos (ALTBACH, DE WIT, 2015).

Pode-se dizer que o movimento de internacionalização mais recente se deve, a princípio, à globalização (VAN DER WENDE, 2001; ALTBACH, 2004). A nova ordem econômica mundial, que juntou os mercados, tornou os países interdependentes, é baseada no conhecimento e não mais nas *commodities*. Nesse contexto, as universidades, responsáveis pela produção de conhecimento, entram como peça chave (SANTOS, 2008).

Cada vez mais é preciso saber se comunicar com o mundo, fazer pesquisas relevantes para a sociedade e desenvolver competências que atendam a esse novo contexto. Dessa forma, demanda-se que a universidade prepare os graduandos para atuar num mundo globalizado, mantendo o seu papel de ser espaço para a reflexão e produção do conhecimento (SANTOS, 2008).

A Europa, com a unificação do seu sistema de educação superior, é um dos grandes atores ligados à internacionalização de universidades, além de países como Estados Unidos, Canadá e Austrália, os quais têm nos alunos estrangeiros importante fonte de recursos (OCDE, 2018).

No Brasil, nota-se que as instituições apresentam vários níveis de internacionalização e que essa discussão também é recente (SAMPAIO; SAES, 2014; MOROSINI; NASCIMENTO, 2017). Sabe-se que muitas instituições foram criadas sob modelos portugueses, americanos, franceses e alemães e contaram com professores estrangeiros no início de suas atividades, o que muitas vezes contribuiu para o estreitamento de relações com países estrangeiros (FAVERO, 2006). Além disso, o incentivo à formação dos professores no exterior também fortaleceu esse contato. Também é importante destacar as iniciativas para recebimento de alunos estrangeiros, como o Programa Estudante Convênio de

Graduação (PEC-G), programa do Ministério das Relações Exteriores de mais de 50 anos de existência<sup>1</sup>.

No passado mais recente, além das ações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de financiamento de doutorados sanduíches e pós-doutorados no exterior, é imprescindível mencionar que o programa Ciência Sem Fronteiras (CsF) foi definitivo para que as universidades brasileiras colocassem o tema internacionalização em suas pautas.

Apesar das mais variadas críticas relacionadas ao CsF, como a exclusão das áreas de Ciências Humanas e Sociais, a exigência de proficiência em língua estrangeira (ARCHANJO, 2015), a falta de avaliação do programa (SARMENTO; SANTIAGO; ANDREOTTI, 2016), entre outras, nota-se que as instituições já possuíam ações de internacionalização, principalmente relacionadas à mobilidade e à pesquisa, porém feitas de maneira difusa, e que o programa foi um indutor da institucionalização das relações internacionais, seja por meio da criação de um setor específico ou pelo menos de alguns mecanismos para organizar o programa na instituição, além da abertura do diálogo com instituições de ensino superior localizadas em todas as partes do mundo (STALLIVIERI, 2017).

A produção sobre o tema internacionalização da educação superior ainda é relativamente recente, de aproximadamente 25 anos. Porém, os conceitos de internacionalização da educação superior deixam claro que ela é um processo (KNIGHT, 2004) e que está relacionada às mais diversas atividades de uma instituição, com o objetivo maior de melhorar a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão e dos demais serviços oferecidos (DE WIT; HUNTER, 2015). Isso quer dizer que internacionalização não é só mobilidade (DE WIT, 2011), mas envolve uma gama de atividades e atores que englobam a instituição como um todo.

No Brasil, a produção é ainda mais recente, de aproximadamente 16 anos (IOSIF; ZARDO, 2015; MOROSINI; NASCIMENTO, 2017) e, portanto, nota-se que ainda há espaço para discussão sobre o tema, inclusive sobre mobilidade de estudantes, que ainda é a principal atividade de internacionalização de muitas universidades, não somente brasileiras.

---

<sup>1</sup> Ver: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php>

Dessa forma, entende-se que estudar o processo de mobilidade acadêmica internacional de uma instituição é importante para conhecer sua política de internacionalização e melhorar suas estratégias (STALLIVIERI, 2017), o que foi feito neste trabalho tendo-se como referência a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), localizada em Minas Gerais.

A mobilidade existe muito antes do CsF e é possibilitada pelos convênios realizados pela UFOP com instituições de ensino do exterior. Esses convênios foram firmados na maioria das vezes por iniciativa de professores que já possuíam parcerias de pesquisa ou que estavam em busca disso, sem estarem necessariamente ligados a um planejamento de internacionalização e antes mesmo da criação de um setor responsável por essas questões. Sendo assim, este estudo apresenta como pergunta de pesquisa: como institucionalizar e consolidar a política de internacionalização da UFOP no que tange à mobilidade estudantil de graduação?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a política de internacionalização da UFOP quanto à mobilidade acadêmica internacional dos alunos de graduação entre os anos de 2014 e 2017 e terá como objetivos específicos:

- Analisar a percepção dos estudantes de graduação da UFOP sobre a experiência de mobilidade que realizaram por meio dos convênios bilaterais estabelecidos entre a UFOP e instituições estrangeiras;
- Identificar potencialidades e fragilidades da política de internacionalização da UFOP no que se refere à mobilidade estudantil de graduação;
- Propor ações para intensificar a institucionalização e consolidação da política de mobilidade estudantil internacional da UFOP.

Para responder à pergunta de pesquisa e atingir os objetivos propostos, são apresentados uma revisão bibliográfica sobre os temas internacionalização e educação superior, mobilidade estudantil internacional, além de uma caracterização da UFOP e da atuação de sua Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT). Também é apresentada a metodologia que foi utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, bem como os resultados e as conclusões.

Considerando a escassa produção sobre o tema relacionado à UFOP, espera-se que o desenvolvimento deste estudo contribua não somente na forma de trabalho acadêmico, mas também com a efetiva gestão da internacionalização da instituição, tendo em vista que além de pesquisadora a autora deste trabalho

também é servidora da CAIN/UFOP. Dessa forma, entende-se que a realização desse trabalho está alinhada com a proposta do mestrado profissional que é promover a melhoria da gestão pública.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção serão abordados os temas ensino superior no Brasil e internacionalização, com um breve apanhado histórico e uma contextualização sobre os estudos relacionados à internacionalização da educação superior, incluindo os autores mais citados mundialmente, como Jane Knight e Hans de Wit, além de autores da América Latina e do Brasil.

Também discute-se o tema mobilidade acadêmica, com um breve contexto histórico, principais conceitos programas no Brasil e no mundo, além da relação da UFOP com a internacionalização, de forma sucinta, seguida da atuação da CAINT e do processo de mobilidade acadêmica internacional (alunos de graduação) da UFOP.

### 2.1 Ensino Superior no Brasil e Internacionalização

Apresenta-se uma breve contextualização sobre a origem do ensino superior no Brasil, assim como as ideias dos principais autores que trabalham com o tema internacionalização do ensino superior, principalmente na Europa e nas Américas.

A criação das universidades, do modo como as conhecemos hoje, ocorreu na Europa Ocidental, há aproximadamente mil anos, por influência da Igreja. Entretanto, é necessário destacar a existência de centros de estudos muito antes dos europeus, como a Universidade al-Qarawiyyin, localizada em Fez, Marrocos, e fundada em 859 por Fatima al-Fihri (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2012).

Ao longo da história as universidades cumpriram papéis relacionados, por exemplo, à manutenção dos valores da Igreja e ao domínio das colônias e se mantiveram ao longo do tempo, pois se reinventaram, considerando as mudanças no mundo e a necessidade de responder aos novos desafios a partir da produção de conhecimento. Conforme Santos e Almeida Filho (2012), essas mudanças fizeram com que as universidades incorporassem suas missões ao longo do tempo, começando pelo ensino, depois pela pesquisa e pela extensão, tornando-se instituições estratégicas e de grande relevância para o desenvolvimento dos países.

No caso do Brasil, devido à resistência de Portugal, o ensino superior, que era uma das demandas da Inconfidência Mineira, surge somente no início do século XIX, com a vinda da Família Real Portuguesa para o país em 1808, e a abertura de escolas especializadas na Bahia (Curso Médico de Cirurgia) e no Rio de Janeiro (Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica) e posteriormente em Minas Gerais (FÁVERO, 2006). Antes desse período, os brasileiros que desejassem cursar o ensino superior se dirigiam principalmente a Coimbra ou a Montpellier (MENDONÇA, 2000).

As primeiras universidades brasileiras surgem no início do século XX, no Amazonas (1909) e no Paraná (1912), como iniciativas estaduais. Considera-se que a primeira universidade criada pelo Governo Federal é a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, a partir da junção das Escolas Politécnicas e da Escola de Medicina (FAVERO, 2006). Outros marcos importantes na história do ensino superior do Brasil são a criação, em 1934, da Universidade de São Paulo, e em 1961, da Universidade de Brasília (FAVERO, 2006).

No final da década de 1960, com a Reforma Universitária, houve um movimento de criação de universidades, a partir de escolas já existentes, como ocorreu com a Universidade Federal de Ouro Preto, com a junção da Escola de Farmácia (1839) e da Escola de Minas (1876) e com a Universidade Federal de Viçosa, que teve seu início em 1926 com a Escola Superior de Agronomia e Veterinária.

Conforme Capdeville (1991), o movimento de federalização surgiu, com análises feitas no pós-guerra, da necessidade de formação de pessoas qualificadas para trabalharem pelo desenvolvimento econômico do país. Em movimentos mais recentes de reestruturação das universidades federais, nos anos 2000, outras escolas de Minas Gerais também se tornaram Universidades, como a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (2005), originada da Faculdade de Odontologia de Diamantina (1953)<sup>2</sup> e a Universidade Federal de Alfenas (2005), que teve seu início em 1914 com a Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas<sup>3</sup>.

Sabe-se que as escolas mais tradicionais tiveram influência dos modelos franceses e estadunidenses, sendo os primeiros professores de origem estrangeira.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.ufvjm.edu.br/universidade/historia.html?lang=pt\\_BR.utf8%2C+pt\\_BR.UT](http://www.ufvjm.edu.br/universidade/historia.html?lang=pt_BR.utf8%2C+pt_BR.UT)  
Acesso em 04 nov. 2017

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/institucional/historico> Acesso em: 04 nov. 2017

A Escola de Minas de Ouro Preto, por exemplo, foi criada pelo mineralogista francês Henri Gorceix, nos moldes da Escola de Minas de Saint Etienne, a pedido do então imperador Dom Pedro II (MENDONÇA, 2000). Já a Escola Superior de Agronomia e Veterinária de Viçosa foi criada sob os moldes estadunidenses, pelo Prof. Peter Henry Rolfs, da Universidade da Flórida, a pedido do então Presidente da República, Arthur Bernardes (CAPDEVILLE, 1991a).

Percebe-se, dessa forma, a grande influência estrangeira nas universidades brasileiras, desde sua origem, que é considerada tardia levando-se em conta que a primeira universidade da América Latina data de 1538, a Universidad Autónoma de Santo Domingo, fundada pelos espanhóis na República Dominicana<sup>4</sup>.

Pode-se dizer que a internacionalização já estava presente em muitas universidades, desde a sua criação. A presença de docentes estrangeiros, bem como a ida de docentes brasileiros para capacitação no exterior estimularam os primeiros laços de cooperação acadêmica entre o Brasil e demais países. Nas décadas de 1960 e 1970, como aponta Capdeville (1991), houve um significativo incentivo para a formação em nível de pós-graduação no exterior, com a concessão de bolsas feitas pelas Fundações Rockefeller e Ford, bem como pela CAPES. Além disso, a recepção de alunos estrangeiros e de avaliadores externos também contribuíram para esse processo.

Apesar da internacionalização estar presente nas universidades desde muito tempo, o tema passou a ser mais discutido com o advento da globalização (DE WIT, 2013). As mudanças nos mercados e os avanços da tecnologia da informação deixaram o mundo mais interconectado e reduziram distâncias. A necessidade de se relacionar e cooperar mostrou-se ainda mais intensa.

Nesse contexto, a educação superior também teve influências dessa nova ordem mundial, na qual o conhecimento é uma das bases da economia. Sendo assim, se por um lado a necessidade de gerar conhecimento e desenvolver tecnologia tornou-se cada vez mais importante, por outro a pressão de agências de financiamento internacionais também chegou ao ensino, no sentido de impor currículos e transformar a educação em serviço a ser mais livremente

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://uasd.edu.do/index.php/informacion-general/historia> Acesso em: 04 nov. 2017

comercializado entre os países, a partir do Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS), de 1995, da Organização Mundial do Comércio<sup>5</sup>.

Dessa forma, a partir dos anos 1990, as discussões sobre internacionalização da educação superior tornaram-se mais frequentes. Uma das primeiras autoras a trabalhar o conceito foi a canadense Jane Knight, que em 1994 apontou que a internacionalização da educação superior é “o processo de integração de uma dimensão internacional no ensino, na pesquisa e nos serviços de uma instituição de ensino superior<sup>6</sup>” (KNIGHT, 1994, p. 3).

Considerando as mudanças ocorridas no mundo e na educação superior, em 2015 a autora propôs a atualização do conceito:

Internacionalização nos níveis nacional, setorial e institucional é definida como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global ao propósito, às funções e ao oferecimento da educação pós-secundária<sup>7</sup> (KNIGHT, 2015, p. 2).

Hans de Wit (Holanda/Estados Unidos) e Fiona Hunter (Itália) apresentam uma revisão desse conceito de Knight, a qual foi uma das conclusões de um estudo sobre internacionalização da educação superior na Europa, solicitado pelo Parlamento Europeu. Esse conceito busca refletir as estratégias que são tendências atuais e futuras e se apresenta como segue:

O processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, nas funções e no oferecimento de educação pós-secundária, a fim de melhorar a qualidade da educação e da pesquisa para todos os alunos e colaboradores e para dar uma contribuição significativa para a sociedade<sup>8</sup> (WIT; HUNTER, 2015, p. 3).

Já Hudzik (2011), no livro publicado pela *Association of International Education* (NAFSA), Estados Unidos, propõe o conceito de “internacionalização compreensiva”, que seria

Um compromisso, confirmado através da ação, para infundir perspectivas internacionais e comparativas ao longo das missões de ensino, pesquisa e serviço do ensino superior. Ele molda o ethos institucional e os valores e toca toda a empresa de ensino superior. É essencial que seja abraçado pela liderança institucional, governança, corpo docente e discente e todas as unidades de suporte e serviço acadêmico. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável (p. 6)<sup>9</sup>.

---

<sup>5</sup> Ver:

[http://www.unesco.org/education/studyingabroad/highlights/global\\_forum/gats\\_he/basics\\_gats.shtml](http://www.unesco.org/education/studyingabroad/highlights/global_forum/gats_he/basics_gats.shtml)  
Acesso em 04 nov. 2017

<sup>6</sup> Tradução nossa

<sup>7</sup> Tradução nossa

<sup>8</sup> Tradução nossa

<sup>9</sup> Tradução nossa

Miri Yemini, da Universidade de Tel Aviv, Isarel, analisa a definição de Jane Knight e propõe uma nova definição de internacionalização, focada no estudante dos mais diversos níveis de educação. Para a autora, internacionalização é o “processo de encorajamento da integração de dimensões multiculturais, multilíngues e globais no sistema educacional, com o objetivo de incutir nos estudantes um senso de cidadania global”<sup>10</sup> (YEMINI, 2016, p. 20). A autora expõe a necessidade de uma definição mais focada e mais adaptada à nova realidade da educação, como a ampliação do acesso, e o uso de novas tecnologias da informação e que também possibilite uma melhor avaliação das atividades, para além da mobilidade.

Altbach (2004) indica ainda a relação entre globalização e internacionalização da educação superior. Para o autor, nesse contexto a globalização é considerada como as amplas tendências econômicas, tecnológicas e científicas que afetam as instituições de ensino superior e que são inevitáveis e a internacionalização, por sua vez,

Inclui políticas e programas específicos desenvolvidos por governos, sistemas e instituições acadêmicas, e até mesmo departamentos ou instituições individuais para lidar ou explorar a globalização. Internacionalização descreve as formas voluntárias e até criativas de lidar com a globalização<sup>11</sup> (p.6).

Van Der Wende (2001) expõe que a globalização é reconhecida como um processo macrossocial externo, de cunho econômico e a internacionalização seria uma resposta à globalização, formulada e influenciada a nível interno das instituições.

Também é importante citar as diferentes abordagens ao tema internacionalização formuladas na América Latina. Lima e Maranhão (2009) ao analisarem o conceito de internacionalização proposto por Knight e avaliarem o fluxo de mobilidade estudantil ao redor do mundo, apontam o conceito de internacionalização ativa e passiva aplicado ao contexto da educação, que basicamente seriam exercidas por países centrais e países periféricos, respectivamente. A internacionalização ativa refere-se à inserção internacional do setor educacional dos países centrais, que por suas condições e políticas, influenciam de forma significativa o sistema de educação superior mundial. Já os

---

<sup>10</sup> Tradução nossa de: *the process of encouraging a integration of multicultural, multilingual and global dimensions within the education system, with the aim of instilling in learners a sense of global citizenship.*

<sup>11</sup> Tradução nossa

países periféricos geralmente apresentam uma internacionalização passiva, sendo fonte de recursos financeiros e humanos para os países centrais, muitas vezes não apresentando estrutura e recursos para investimentos, nem uma política consolidada em relação à internacionalização.

Em um contexto regional, Perrotta (2015) avalia a internacionalização a partir de estudos sobre políticas na América do Sul, identificando a existência de duas propostas opostas, as quais a autora chama de “internacionalização fenícia” e “internacionalização solidária”. A primeira se refere a “uma internacionalização competitiva, orientada ao mercado e baseada na busca do lucro sob critérios de racionalidade econômica” (p. 52). E a “internacionalização solidária” seria “cooperativa, orientada para o relacionamento horizontal e baseada no acordo mútuo, na compreensão e no diálogo” (p. 52). Considerando a região, a autora identificou três tendências na internacionalização das universidades: a “internacionalização do status quo”, que seguiria a tendência do mundo hegemônico, sem questionamentos; a “internacionalização revisionista” que se aproxima da tendência mundial, mas questiona alguns de seus aspectos e a “internacionalização rupturista”, que faz uma crítica severa à tendência hegemônica.

Oregioni (2017) também contribui com essa discussão ao analisar a internacionalização universitária na América Latina, com foco na América do Sul, e expor as ideias de “internacionalização hegemônica”, “internacionalização não-hegemônica” e “internacionalização contra-hegemônica”. A internacionalização hegemônica aponta o caráter mercantilista e exógeno dos vínculos internacionais, baseados em atores e interesses externos, que aprofundam as diferenças norte-sul e que consideram a educação como serviço comercial. Já a internacionalização não-hegemônica tem como referência os interesses institucionais, de acordo com as estratégias nacionais e regionais e se baseia em relações de solidariedade e cooperação. Nesse contexto, a internacionalização passa a ser contra-hegemônica quando ocorre por meios alternativos às tendências dominantes, como as redes de produção e cooperação regionais para produção e divulgação do conhecimento.

Já a internacionalização não-hegemônica tem como referência os interesses institucionais, de acordo com as estratégias nacionais e regionais e se baseia em relações de solidariedade e cooperação. Nesse contexto, a internacionalização passa a ser contra-hegemônica quando ocorre por meios alternativos às tendências

dominantes, como as redes de produção e cooperação regionais para produção e divulgação do conhecimento (OREGIONI, 2017).

A criação da União Europeia e do Processo de Bolonha<sup>12</sup>, com a unificação do sistema de ensino superior, influenciou sobremaneira a internacionalização da educação superior no mundo. Considerando a intensa relação das universidades brasileiras com as europeias, notou-se um maior movimento no Brasil no sentido de se adaptar a essas novas realidades (WIELEWICK; OLIVEIRA, 2010).

Entretanto, como a realidade, não somente brasileira, mas como de toda a América Latina, é muito diferente das realidades canadense, holandesa e estadunidense, dentre outras, apesar das tentativas de se adaptar a esses modelos, nota-se que são necessárias novas reflexões e novas abordagens em relação à internacionalização da educação superior nessas regiões.

Verifica-se a existência de vários trabalhos produzidos por autores latino-americanos como Jocelyne Gacel-Ávila, do México, e Maria Soledad Oregioni e Daniela Perrotta, da Argentina, entre outros. Nota-se a preocupação com o contexto histórico da região, que desde muito tempo tem relações desiguais com países do Norte. Além disso, apontam-se as peculiaridades da educação superior na América Latina, como a presença das atividades de extensão como parte da missão das universidades e que devem ser levadas em conta nos processos de internacionalização e o papel fundamental das universidades no desenvolvimento de pesquisa nos países (OREGIONI, 2017). E também é possível perceber a indicação para a América Latina de políticas já adotadas e consolidadas por países do Norte.

Em junho de 2018, a Conferência Regional de Educação Superior da América Latina e do Caribe (CRES)<sup>13</sup>, evento da UNESCO que ocorre a cada 10 anos desde 1998, foi realizada em Córdoba, na Argentina, por ocasião dos 100 anos da Reforma Universitária de Córdoba. Um dos eixos temáticos do evento foi “Educação superior, Internacionalização e integração regional da América Latina e do Caribe”, sobre o qual se indicou na Declaração CRES 2018<sup>14</sup> que a internacionalização seria uma

---

<sup>12</sup> O Processo de Bolonha (1999) busca uma maior compatibilidade no sistema europeu de educação superior e tem como principais objetivos: introduzir sistemas de três ciclos (graduação/mestrado/doutorado), reforçar a garantia de qualidade e facilitar o reconhecimento de créditos e de períodos de estudos. Mais informações em: [https://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process\\_pt](https://ec.europa.eu/education/policy/higher-education/bologna-process_pt) Acesso em: 24 set. 2018.

<sup>13</sup> Mais informações em: <http://www.cres2018.org/>

<sup>14</sup> Texto integral da Declaração CRES 2018 disponível em: [http://www.cres2018.org/uploads/declaracion\\_cres2018%20\(2\).pdf](http://www.cres2018.org/uploads/declaracion_cres2018%20(2).pdf) Acesso em: 24 set. 2018

ferramenta para a transformação da educação superior, favorecendo a formação de cidadãos e profissionais capazes de conviverem e atuarem em uma comunidade local e mundial.

No estudo *“Estado del Arte de la Internacionalización de la Educación Superior en América Latina”*, escrito por Hans de Wit (Holanda/Estados Unidos), Jocelyne Gacel-Ávila (México) e Marcelo Knobel (Brasil), baseado em uma fala solicitada pelo Banco Mundial e realizada durante o *“Foro de expertos latinoamericanos en Educación Superior: de las buenas ideas a la acción”*, que ocorreu na Colômbia em 2016, os autores apontam que apesar das instituições de ensino superior estarem mais preocupadas com sua inserção internacional, o foco ainda é a mobilidade de saída, com muitos convênios, mas pouca estratégia e também poucas iniciativas de internacionalização em casa.

Nesse contexto, os autores apontam algumas políticas que poderiam ser adotadas pela região com a finalidade de atrair mais alunos e pessoal acadêmico, de forma estratégica, como: redução da burocracia relacionada a vistos; desenvolvimento de uma política de aprendizado de idiomas estrangeiros; flexibilização de calendários acadêmicos; diversificação e maior flexibilidade dos currículos; desenvolvimento de um sistema de créditos para a América Latina; aumento da experiência internacional do pessoal acadêmico; desenvolvimento de um enfoque mais forte na internacionalização em casa; investimento em alianças estratégicas e participação em redes internacionais, principalmente dentro da própria região e com outros países emergentes.

Outro importante estudo sobre o tema internacionalização na América Latina é o livro *“Internacionalización de la Educación Superior y la Ciencia en América Latina: un Estado del Arte”*, de 2014, coordenado por Sylvie Didou Aupetit (México) e Vielka Jaramillo de Escobar (Panamá) e publicado pelo *Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC)* ligado à UNESCO (AUPETIT; ESCOBAR, 2014). Com capítulos destinados a exposição da produção acadêmica sobre o tema em países como Argentina, Brasil, Chile, México e Panamá, as coordenadoras apontam as tendências verificadas: análises baseadas na defesa de cooperação solidária entre pares, crítica aos enfoques neocoloniais, ênfase na educação como bem público, caráter nacional das pesquisas, especialistas da área tem base em suas experiências práticas e são das mais

diversas áreas disciplinares e pouca quantidade de autores latino-americanos reconhecidos e citados.

Destacam ainda que as produções são sobre temas já consolidados, como a mobilidade estudantil de saída, sobre temas emergentes, como a gestão de processos e sobre temas que ainda precisam de maior exploração, como os graus conjuntos e as mobilidades científicas de retorno. Apontam também as dificuldades, como a falta de dados atuais e confiáveis e o desequilíbrio na produção, com foco maior em internacionalização da educação superior do que em globalização da ciência.

No Brasil a discussão sobre internacionalização da educação superior também é recente. Uma das primeiras pesquisadoras do tema foi Sonia Pereira Laus, ex-presidente da FAUBAI, que dentre tantas contribuições, estudou o processo de internacionalização da Universidade Federal de Santa Catarina (LAUS, 2012). Há ainda contribuições de autoras como Marilia Morosini, Luciane Stallivieri e Manolita Lima que tratam sobre a cooperação internacional, a mobilidade de estudantes, entre outros assuntos. Entretanto, há poucos periódicos dedicados à discussão do tema e um deles é a Revista Gestão Universitária na América Latina (GUAL)<sup>15</sup>.

Em seu estudo sobre as teses e dissertações desenvolvidas no país com o tema internacionalização da educação superior, do período entre 2011 e 2014, Morosini e Nascimento (2017) indicam que os trabalhos podem ser divididos, segundo sua abrangência, em globais, nacionais e institucionais, com tensões no que se refere à internacionalização como regulação ou como bem público e com foco voltado à integração regional. Indicam ainda que há pouca produção se comparado ao nível internacional, mas com uma tendência a aumentar considerando que o tema internacionalização é cada vez mais valorizado nas instituições de ensino superior.

As conclusões de Morosini e Nascimento (2017) são corroboradas por Sampaio e Saes (2014), as quais também realizaram um levantamento sobre a produção do tema, entretanto, no período de 1999 a 2012. As autoras ainda destacam que a partir de 2006 houve um aumento nas publicações sobre o tema e uma das áreas que mais publicam é a Administração. A maioria dos autores são

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/index> Acesso em 04 nov. 2017

mulheres, diferente do que ocorre na maioria dos outros países e as citações são equilibradas, entre brasileiros e estrangeiros. Os principais temas publicados, geralmente inter-relacionados, foram: comercialização da educação superior, estratégias de internacionalização da educação superior no Brasil, mobilidade acadêmica e geopolítica: Mercosul e processo de Bolonha.

Vale destacar que no Brasil os maiores incentivadores da cooperação internacional e da internacionalização da educação superior são a CAPES e o CNPq, seja pelos critérios de avaliação dos programas de pós-graduação, dentre os quais um é justamente a internacionalização, ou pelo financiamento de projetos no exterior.

Por meio de sua Diretoria de Relações Internacionais, a CAPES fomenta a cooperação internacional a partir do apoio ao intercâmbio internacional de grupos de pesquisa, com vistas à excelência da pós-graduação brasileira<sup>16</sup>. Os projetos ocorrem por meio de acordos bilaterais e parcerias universitárias binacionais, abarcando missões de professores ao exterior, bolsas de estudos para alunos de graduação e pós-graduação e custeio para projetos.

O primeiro acordo para a concessão de bolsas no exterior foi firmado pela CAPES em 1978, junto ao Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária com o Brasil (Cofecub). Outros acordos tradicionais, com linha de atuação semelhante, foram firmados com a Alemanha (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico – DAAD) e com os Estados Unidos (Comissão para o Intercâmbio Educacional e Cultural entre os Estados Unidos da América e o Brasil – Fulbright) (CAPES, 2011). Atualmente a CAPES possui convênios com 24 países, além de convênios multinacionais e cátedras<sup>17</sup>.

Em 2017, a CAPES fez uma ampla consulta às Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras que oferecem cursos de pós-graduação *stricto sensu*, a fim de verificar o nível atual de internacionalização das instituições e as metas para um período de quatro anos. Concluiu-se que há dois grupos distintos de instituições no Brasil, no que se refere aos níveis de internacionalização e que no geral a internacionalização não pode ser mais considerada incipiente. Além disso, os países prioritários para cooperação ainda são os da América do Norte e da Europa e

---

<sup>16</sup> Ver: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional> Acesso em 05 nov. 2017

<sup>17</sup> Idem

a prioridade de fomento é o pós-doutorado de docentes, sendo que o intercâmbio de alunos de graduação não se configura como prioritário. (CAPES, 2017)

A partir desses dados, a CAPES lançou o Programa Institucional de Internacionalização (PRINT)<sup>18</sup>, “fundamentado na realidade das instituições de ensino superior (IES) brasileiras, para permitir seu empoderamento por meio da promoção e fortalecimento de suas estratégias de internacionalização” (CAPES, 2017). Em novembro de 2017 foi lançado um edital com orientações sobre as propostas que as instituições de ensino superior deveriam apresentar para concorrerem pelos 300 milhões de reais do Programa, que seriam destinados a até 40 instituições. A divulgação do resultado final<sup>19</sup> foi feita em 1º de outubro de 2018, sendo contempladas somente 36 instituições, dentre elas apenas quatro de Minas Gerais (UFLA, UFMG, UFU e UFV).

O CNPq também apoia a cooperação internacional, a fim de promover o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação. A atuação se dá por meio de financiamento a projetos conjuntos de pesquisa, visitas científicas e formação e capacitação de brasileiros no exterior bem como de estrangeiros no Brasil. Além disso, representa o país em organismos internacionais ligados à pesquisa e inovação<sup>20</sup>.

Pode-se dizer que a internacionalização de muitas instituições de ensino ocorre devido às pesquisas realizadas e as redes de cooperação que se estabelecem. E isso tem sido visto como muito positivo, pois a produção do conhecimento é incentivada por essas parcerias. As redes de cooperação também se configuram como uma forma de unir esforços a fim de que as instituições sejam mais eficientes e tenham mais possibilidades de visibilidade e de obtenção de recursos (LOUBACK, 2016).

As redes de universidades podem ser tanto nacionais como internacionais (OREGIONI, 2015). Uma iniciativa muito reconhecida nesse sentido é o Grupo Coimbra<sup>21</sup>, feito na Europa. No Brasil há algumas iniciativas, como o Grupo Coimbra

---

<sup>18</sup> Mais informações em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print> Acesso em 18 jul 2018.

<sup>19</sup> Ver:

[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01102018\\_EDITAL\\_41\\_2017\\_PrInt\\_resultado\\_final.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01102018_EDITAL_41_2017_PrInt_resultado_final.pdf)

<sup>20</sup> Ver: <http://cnpq.br/apresentacao-cooperacao-internacional/>

<sup>21</sup> Ver: <https://www.coimbra-group.eu/>

de Universidades Brasileiras (GCUB)<sup>22</sup> e a FAUBAI - Associação Brasileira de Educação Internacional<sup>23</sup>. Além disso, há iniciativas no âmbito regional, como a rede UNIMINAS, que reúne os gestores de relações internacionais das universidades de Minas Gerais, a qual contribui com o processo de internacionalização das instituições de ensino superior do estado (LOUBACK, 2016). Sabe-se que a atuação em rede soma esforços, divide custos e potencializa os efeitos positivos das cooperações, facilitando também a comunicação com as mais diversas entidades que lidam com relações internacionais nos mais diversos âmbitos (OREGIONI, 2015).

Mas, também se mostra importante questionar o real motivo da internacionalização da instituição. Devem haver razões mais sólidas do que simplesmente seguir a tendência atual e atender a interesses dos países do Norte. Como expõem Leite e Genro (2012), o Processo de Bolonha pode ser visto com uma imposição do padrão europeu em busca de um novo mercado de serviços e para a disseminação da influência intelectual dessa região, um novo modo de imperialismo. Dessa forma, para que a internacionalização não se torne somente mais um modismo, ou simplesmente mais uma prática neocolonizadora, é necessário pensá-la de forma transversal, como algo que irá elevar a qualidade do cumprimento das missões da universidade.

Para além da inserção internacional, a universidade pública deve honrar o seu compromisso de produzir conhecimento relevante para a resolução dos problemas do país e assim do mundo. Como Boaventura de Sousa Santos (2008) propõe sobre o papel da universidade na globalização, o qual deve estar ligado à resolução coletiva dos problemas sociais, levando em conta a contextualização global, além da preparação de graduados que sejam capazes de promover o desenvolvimento sustentável e a equidade.

Para isso, deve ter autonomia para estabelecer uma agenda própria, que contemple as vocações da instituição e da região onde está inserida, dialogando com as demais partes do mundo, mas mantendo sua identidade e peculiaridades. É isso que dizem os autores Naomar Filho e Fernando Seabra Santos (2002, p. 146) quando colocam a internacionalização como a quarta missão da universidade, que

---

<sup>22</sup> Ver: <http://www.grupocoimbra.org.br/>

<sup>23</sup> Ver: <http://faubai.org.br/pt-br/>

por meio dela, de forma intencional e consciente, busca atingir os seguintes objetivos:

“Reforçar projetos conjuntos e integradores; dar maior dimensão às suas atividades de formação, de pesquisa e de inovação; conduzir uma agenda própria de diplomacia cultural universitária; contribuir para a consolidação de Espaços Integrados do Conhecimento”.

Na próxima seção, será abordado o tema mobilidade acadêmica internacional, com um breve histórico, caracterização dos tipos de mobilidade e dos impactos desta atividade.

## **2.2 Mobilidade Acadêmica Internacional**

Além de vários autores considerarem que a internacionalização não deve ser um fim em si mesma (GACEL-ÁVILA, MARMOLEJO, 2016; DE WIT *et al.*, 2015; KNIGHT, 2012; HUDZIK, 2011), esse processo também não deve ser resumido somente à mobilidade de pessoas (DE WIT, 2011). Contudo, é quase impossível falar de internacionalização sem falar de mobilidade, pois ela ainda é uma das principais atividades ligadas à internacionalização. Apesar de as distâncias terem sido encurtadas pelas tecnologias da comunicação, ainda não é possível substituir a experiência que se tem em viver pessoalmente uma outra cultura. E isso ainda é primordial no desenvolvimento de bons laços de cooperação.

Sabe-se que a mobilidade de estudantes e professores não é um fenômeno novo, pois o interesse em ampliar o conhecimento sempre existiu. Baseando-se em estudos de Gacel-Ávila, Teichler e Seben, Stallivieri (2017) faz um apanhado histórico sobre a mobilidade, destacando momentos chaves, como: o início, quando ainda antes de Cristo, os jovens romanos iam à Grécia Antiga para estudar; a ascensão das universidades, nos séculos XII e XIII, como Bolonha e Paris; o *Grand Tour*, dos séculos XVII e XVIII, quando os melhores estudantes das melhores universidades realizavam viagens e estudos em universidades renomadas fora de seus países; o envio de alunos ao exterior pelos Estados Unidos, China e Japão; o período pós-guerra, quando a mobilidade de pessoas, além do objetivo de estudos, também incorporou a ideia de aprendizado, convivência pacífica entre os povos e

assistência a países destruídos; incentivos da UNESCO, a partir de 1955, ao intercâmbio de estudantes; a formação de blocos econômicos, como na Europa e o surgimento de iniciativas de intercâmbio dentro dessas regiões, como o Programa Erasmus<sup>24</sup> (1987) e de unificação do ensino superior com a Declaração de Bolonha (1999).

No Brasil, o início tardio do ensino superior forçou a mobilidade de estudantes, que precisavam deixar o país para obter formação. Os principais destinos eram Portugal e França. O início das universidades no país foi marcado pela influência estrangeira, principalmente com a vinda de professores do exterior e posteriormente o recebimento de alunos internacionais. Conforme Stallivieri (2017), na década de 1970, por meio da CAPES, o governo brasileiro intensifica o financiamento para mobilidade de professores e alunos, com o objetivo de incrementar a formação dos profissionais brasileiros e desenvolver a pesquisa científica.

E em 1988 é criado o Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais (Faubai), com o objetivo de fortalecer a cooperação internacional das universidades brasileiras. Nesse mesmo ano, na Declaração elaborada por ocasião da Conferência Mundial sobre Ensino, a UNESCO propõe o seguinte conceito de mobilidade acadêmica:

Academic Mobility' implies a period of study, teaching and/or research in a country other than a student's or academic staff member's country of residence ('the home country'). This period is of limited duration, and it is envisaged that the student or staff member return to his or her home country upon completion of the designated period. The term 'academic mobility' is not intended to cover migration from one country to another. Academic mobility may be achieved within exchange programmes set up for this purpose, or individually ('free movers'). Academic mobility also implies virtual mobility<sup>25</sup>.

Essa experiência acadêmica por tempo limitado pode ocorrer de várias maneiras, as quais são indicadas por Stallivieri (2017) e apresentadas no Quadro 1 a seguir:

---

<sup>24</sup> Criado em 1987, é um programa de financiamento europeu que oferece aos estudantes universitários a possibilidade de estudar ou fazer um estágio em outro país. A edição atual do Programa também prevê a mobilidade para países de fora da Europa, contemplando ainda docentes e servidores técnico-administrativos. Mais informações em: [https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/node\\_pt](https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/node_pt) Acesso em 24 set. 2018

<sup>25</sup> Disponível em: [http://www.unesco.org/education/studyingabroad/what\\_is/mobility.shtml](http://www.unesco.org/education/studyingabroad/what_is/mobility.shtml) Acesso em 08 out. 2017

**Quadro 1 - Modalidades de atividades desenvolvidas no exterior**

<b>Modalidade</b>	<b>Descrição</b>
Semestre no Exterior – <i>Exchange program</i>	O estudante desenvolve estudos de graduação por meio de acordos de cooperação mantidos entre a instituição de Ensino Superior onde ele estuda e outras instituições congêneres, com o objetivo de aproveitar, em seu retorno, os créditos cursados no exterior. Baseada na reciprocidade, busca o equilíbrio no número de alunos enviados e recebidos, bem como benefícios mútuos. Geralmente, os estudantes permanecem durante um semestre no exterior, podendo estender a permanência por até mais um período de estudos. Devido à complexidade do programa, os estudantes devem apresentar proficiência na língua do país de destino.
Semestre no Exterior – <i>Study abroad</i>	Também se refere a um período de estudos no exterior, entretanto, sem o acordo interinstitucional. Geralmente, são iniciativas isoladas pelas quais o estudante busca uma forma de qualificação em sua área de estudos. Não prevê o reconhecimento de créditos, e as exigências acadêmicas são um pouco mais flexíveis. A proficiência em idioma estrangeiro também é exigida.
Duplo diploma – <i>Double degree</i>	Programa para obtenção de diploma em duas instituições parceiras, pelo qual o aluno realiza parte de seus estudos em ambas as instituições. Para a realização de um programa de duplo diploma, é necessário um aprofundado estudo dos currículos, dos programas, dos objetivos e das ementas de cada disciplina dos cursos de graduação envolvidos. É um programa mais complexo, que exige um nível de negociação mais avançado entre o corpo docente das duas instituições. Porém, traz benefícios muito maiores para as universidades e para os estudantes. O domínio de línguas estrangeiras é condição básica para ingresso no programa.
Programas conjuntos – <i>Joint programs</i>	Programa desenvolvido por duas ou mais instituições, em conjunto, e que, no final, os estudantes recebam um diploma único, porém com o selo das universidades partícipes. Os estudantes são rigorosamente selecionados e desenvolvem parte de seus estudos na universidade de origem e parte na universidade de acolhida. Programa complexo, com alto grau de exigência tanto no perfil acadêmico dos estudantes quanto na proficiência da língua do país de acolhida.
Programas de verão – <i>Summer programs</i>	Programas de curta duração, realizados durante o período de férias, geralmente sobre temas específicos, que atendem a públicos diversificados, tanto em termos de áreas de conhecimento quanto em nível de formação acadêmica. Exige-se conhecimento da língua de instrução em que as aulas serão ministradas, sendo que uma forte tendência é a oferta de cursos dessa natureza totalmente ministrados em língua inglesa. É uma alternativa para os alunos que pretendem ter uma experiência no exterior, porém não possuem um semestre disponível, assim como para as instituições utilizarem seus espaços em períodos de férias e divulgarem seu trabalho entre o público estrangeiro.
Programas de curta duração – <i>Short term programs</i>	Programas com o objetivo de oferecer alternativas de qualificação e atualização a profissionais e estudantes de todo o mundo. Tratam de temas específicos, são oferecidos por períodos menores e reúnem estudantes de diferentes nacionalidades. A língua de instrução dependerá da proposta do curso, mas espera-se que os estudantes tenham conhecimento suficiente para o acompanhamento das aulas. Geralmente, não são exigidos comprovantes oficiais de proficiência linguística.
Programas de línguas estrangeiras – <i>Foreign language programs</i>	Cursos desenhados para capacitar estudantes estrangeiros com o domínio das quatro habilidades de comunicação em língua estrangeira. Os cursos podem ter duração variada, dependendo do nível de conhecimento e do interesse dos estudantes em aprofundar o domínio da língua estrangeira em questão.
Atividades isoladas – <i>Free activities</i>	Atividades acadêmicas oferecidas por programas de graduação, mas que podem ser frequentadas por estudantes que, inclusive, já concluíram seus cursos de graduação e que buscam uma qualificação em determinado

	assunto. Tendo em vista que o foco não está no aprendizado de uma língua estrangeira, recomenda-se que os estudantes já sejam proficientes, mesmo que a comprovação de conhecimentos não seja exigida.
Estágios acadêmicos – <i>Internships</i> .	Estágios desenvolvidos no exterior que proporcionam aos estudantes, além da aplicação dos conteúdos desenvolvidos durante seu curso de graduação, a possibilidade de interação direta com comunidades locais, propiciando grande amadurecimento linguístico e intercultural. O domínio de línguas, dependendo da atividade, é proporcionalmente exigido.
Trabalhos voluntários – <i>Work programs</i> .	Geralmente realizadas em períodos de férias acadêmicas, são atividades de caráter social e pedagógico que fortalecem os conceitos de solidariedade e de compreensão da diversidade e que contribuem para o crescimento profissional e humano. O domínio de línguas é recomendável, porém não obrigatório, pois também pode fazer parte da experiência.

Fonte: adaptado de STALLIVIERI (2017).

A demanda por ensino superior tem aumentado no mundo, e a busca por educação no exterior cresceu significativamente. Segundo dados da OCDE, o número de alunos estrangeiros subiu de dois milhões em 1999 para cinco milhões em 2016 (OCDE, Education at a Glance, 2018). Percebendo essa tendência e o potencial desse mercado, países como Austrália, Canadá, Estados Unidos e Reino Unido tem investido na atração de alunos estrangeiros, o que tem se mostrado como uma atividade comercial muito lucrativa. Por isso a realidade de internacionalização nesses países é muito diferente.

A partir do modelo de educação superior desses países que foram criados os *rankings* de universidades e as creditações internacionais, que servem de referência para alunos que escolhem onde estudar, para agências de financiamento orientarem seus investimentos. Entretanto, uma das críticas que se faz é que os *rankings* e as creditações são pensados com base nos padrões de instituições já há muito tempo consolidadas, e com missões e características muito diferentes. Instituições públicas do Brasil, por exemplo, que não visam lucro e que há algum tempo tem passado por muitas dificuldades financeiras e são os principais centros de pesquisa do país acabam sendo prejudicadas por certos tipos de avaliação (UNESCO-IESALC, 2018; JÖNS & HOYLER, 2010).

Alguns países da Europa e da América Latina buscam a cooperação por meio da atração de estudantes e pesquisadores estrangeiros, por isso, as abordagens são muito diferentes. Já no Brasil, um dos programas de atração de alunos estrangeiros mais antigos é o programa PEC-G, destinado a alunos provenientes de países em desenvolvimento que vem ao Brasil para cursar graduação plena em uma universidade federal. Além disso, a CAPES e o CNPq financiam mobilidades no âmbito de programas com países como Alemanha, Estados Unidos, França,

Holanda. São beneficiados estudantes de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorados, além de professores.

E, o maior programa de mobilidade internacional já existente na história do país foi o Ciência Sem Fronteiras (CsF), que colocou de vez o Brasil no cenário da educação superior internacional. Apesar das críticas, como a exclusão das áreas de Ciências Humanas e Sociais, a exigência de proficiência em língua estrangeira (ARCHANJO, 2015), a falta de avaliação do programa (SARMENTO; SANTIAGO; ANDREOTTI, 2016), entre outras, o programa impulsionou as atividades de internacionalização de muitas universidades e pode ser considerado um marco na história do ensino superior no Brasil (MCMANUS; NOBRE, 2017).

Entende-se que possa existir uma ideia de que com o término do CsF findou-se o fluxo de alunos para o exterior, o que é um equívoco. É importante destacar que muito antes do CsF as universidades já possuíam cooperações internacionais e programas próprios de mobilidade internacional. Um exemplo de programa próprio de mobilidade acadêmica internacional é o Minas Mundi, da Universidade Federal de Minas Gerais, que foi criado em 2003 e desde 2010 envia mais de 500 alunos ao exterior por ano, com bolsa, para mais de 100 instituições conveniadas (VILAÇA, 2014).

Por isso, destaca-se a importância do estudo sobre o programa de mobilidade relacionado a convênios, pois estes se mostram como mais duradouros, frutos das relações da comunidade acadêmica brasileira e com mais potenciais para o desenvolvimento de relações mais igualitárias, nas quais ambos os países são beneficiados. Além disso, conforme Moura (2016), a mobilidade também contribui para a abertura do ensino superior para novas ideias, influenciando não somente as escolhas dos estudantes retornados mas também a modernização dos currículos acadêmicos.

A mobilidade internacional tem várias características e vários estudos já foram feitos sobre esse assunto. Há, por exemplo, estudos sobre a motivação dos alunos para estudarem no exterior (PEREIRA *et al.*, 2016; OLIVEIRA; FREITAS, 2016), estudos sobre os perfis dos alunos (TEODORO; SILVA; MELO, 2017), metodologias de avaliação (SARMENTO; SANTIAGO; ANDREOTTI, 2016), estudos sobre a realização de estágios no exterior. Esses estudos são realizados em várias partes do mundo, por diversas áreas do conhecimento, como educação e administração, mas também por áreas que estudam a mobilidade de seus próprios alunos, como a

Enfermagem (BOHMAN; BORGLIN, 2013) e a Farmácia (OWEN *et al.*, 2013), por exemplo.

Cada vez mais se reconhece a necessidade de profissionais com formação ampla, que contemple a diversidade e que sejam capazes de atuar nos mais diferentes contextos. Nesse sentido, a experiência internacional contribui de forma significativa.

Em estudo<sup>26</sup> feito pela Comissão Europeia, sobre os impactos da mobilidade do Programa Erasmus nos estudantes e na internacionalização da educação superior, nota-se que a mobilidade foi fundamental para o desenvolvimento de competências sociais o desenvolvimento de habilidades que geralmente não são aprendidas na Universidade, e como a experiência internacional influenciou na empregabilidade do aluno. Além disso, as empresas que receberam ex-alunos do Erasmus também apontaram o diferencial desses profissionais.

Há várias motivações para que um estudante de graduação busque uma experiência no exterior: conhecimento de um novo idioma, uma nova cultura, obtenção de conhecimentos específicos de sua área de atuação, aquisição de competências pessoais. Existem também muitos desafios que fazem parte dessa experiência e as instituições de origem devem ser capazes de preparar os estudantes para que eles tenham acesso a oportunidades de mobilidade e para que eles desfrutem da melhor forma possível. Essa preparação abarca não somente conhecimentos linguísticos, mas também o aspecto da comunicação intercultural. (STALLIVIERI, 2017).

Em relação à UFOP, existem poucos estudos sobre mobilidade acadêmica e internacionalização da educação superior, mas com contribuições relevantes para a instituição. Santos e Dias (2012), por exemplo, fazem uma análise dos programas de mobilidade oferecidos aos estudantes de graduação da UFOP à época, como o Programa Mobilidade Acadêmica Nacional da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES)<sup>27</sup>, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP (o qual será tratado com mais

---

<sup>26</sup> The Erasmus Impact Study. Disponível em: [http://ec.europa.eu/dgs/education\\_culture/repository/education/library/study/2014/erasmus-impact\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/repository/education/library/study/2014/erasmus-impact_en.pdf) Acesso em 09 out 2017

<sup>27</sup> Criado em 2003, o programa busca fomentar a cooperação técnica e científica entre as Universidades Federais brasileiras através da mobilidade acadêmica de alunos de graduação. Mais informações em: [http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2012/04/Convenio\\_Andifes\\_de\\_Mobilidade\\_Academica.pdf](http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2012/04/Convenio_Andifes_de_Mobilidade_Academica.pdf) Acesso em 09 out 2017

detalhes adiante) e o Programa Ciência sem Fronteiras, com relação ao aproveitamento dos estudos realizados. Os autores apontam a necessidade de uma melhor compreensão da mobilidade por parte das instituições, no sentido de reconhecê-la não somente como um período para a integralização curricular, mas também uma oportunidade de enriquecimento da formação, de cooperação técnica e científica, de ampliação dos currículos bem como de investimento na gestão eficiente da internacionalização da universidade.

Em estudo específico sobre o Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica, criado em 2003 e renovado em 2011, na gestão do Prof. João Luiz Martins, então Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto e Presidente da ANDIFES, Braz (2015) faz uma análise do programa e um estudo de caso com os alunos enviados e recebidos pela UFOP. A autora aponta que os principais objetivos dos alunos para realizarem a mobilidade foram aperfeiçoar conhecimentos e ampliar as vivências acadêmicas, tendo assim uma formação diferenciada. Como principais dificuldades foram citadas a divulgação e a obtenção de informações sobre o programa e a dificuldade aproveitamento dos créditos cursados durante a mobilidade. A partir do estudo, a autora destaca que a mobilidade é uma vivência construtiva na formação do aluno e por isso faz-se necessário que as instituições desenvolvam políticas mais consistentes e mais abrangentes.

Considerando a questão da divulgação e da obtenção de informações sobre programas de mobilidade, Maranhão; Dutra; Maranhão (2017) contribuem com a discussão a partir de um estudo realizado junto aos discentes do curso de Administração de uma Instituição Federal de Ensino Superior mineira sobre o grau de conhecimento destes sobre as possibilidades de mobilidade internacional. Segundo os autores, dados sobre mobilidade internacional foram obtidos junto à Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT), dessa IFES. Os autores destacam que apesar da grande disseminação do tema, há um baixo grau de conhecimento, por parte dos alunos, e uma percepção de que a internacionalização não está ao alcance deles. Questões financeiras são colocadas como os principais impedimentos para a realização da mobilidade.

Esta é uma realidade do Brasil, que ainda envia poucos alunos para o exterior se comparado com outros países. Segundo a OCDE, em 2016, apenas 0,5% dos alunos de ensino superior no Brasil tiveram experiência no exterior, bem abaixo da média de 2% dos países da OCDE (OCDE, 2018). Nesse sentido, é necessário

pensar em alternativas que democratizem a experiência internacional e que a tornem mais acessível.

Nesse contexto, surge o conceito de internacionalização em casa, colocado por Beelen e Jones (2015, p. 69, tradução nossa) como a “integração intencional de dimensões internacionais e interculturais nos currículos formal e informal para todos os alunos em ambientes domésticos de aprendizagem<sup>28</sup>”. Sendo assim, ficam as questões para reflexão: como potencializar a presença de internacionais na universidade e beneficiar a comunidade acadêmica? Como tratar temas de relevância internacional nos cursos, nas pesquisas e nos projetos de extensão?

Outro fenômeno que também é muito criticado é a chamada fuga de cérebros, ou *brain drain*, que segundo Brooks e Waters (2011, p. 9), é “o movimento de talentos de países em desenvolvimento para nações desenvolvidas<sup>29</sup>”. O incentivo de ir para o exterior e a atratividade disso faz com que muitas pessoas migrem e não retornem aos seus países de origem. Nos casos de países com economia ainda em desenvolvimento isso pode ser prejudicial, levando as condições a continuarem sendo desiguais (BERRY; TAYLOR, 2014; OREGIONI, 2017).

A atratividade de profissionais pode ser considerada um dos efeitos do investimento em educação superior como parte do *soft power* de um país. Segundo Nye (2004, p. 13) *soft power* relaciona-se com a “habilidade de moldar as preferências de outros”, utilizando-se de uma atração intangível para convencer, sem ameaças ou trocas explícitas.

O aluno internacional, ao retornar ao seu país de origem, leva consigo e dissemina não somente o conhecimento obtido em sala de aula, mas principalmente o idioma, a cultura, os valores, fazendo com que a influência do país onde esteve aumente em sua terra natal. Sendo assim, a educação superior cada vez mais tem feito parte das políticas externas dos países, pois ao contrário das medidas relacionadas ao chamado *hard power*, que segundo Nye (2004) inclui medidas militares e econômicas (AMIRBEK, YDYRYS, 2014), seus custos são menores e seus efeitos mais duradouros no sentido de difundirem seus interesses pelo mundo.

---

<sup>28</sup> *Internationalization at Home is the purposeful integration of international and intercultural dimensions into the formal and informal curriculum for all students within domestic learning environments.*

<sup>29</sup> Tradução nossa

## 2.3 Teoria Institucional

A teoria institucional é uma perspectiva de análise organizacional, baseada na ideia de que as organizações são uma “expressão estrutural da ação racional” (SELZNIK, 1957 apud CARVALHO *et al.*, 1999, p.1). O processo de institucionalização, conforme Tolbert e Zucker (1999) apud Pereira (2012, p. 278), é “uma tipificação de ações tornadas habituais por tipos específicos de atores” e ele ocorre quando “os valores substituem os fatores técnicos na determinação das tarefas organizativas” (SELZNIK, 1957 apud Carvalho *et al.*, 1999, p. 1). Para Meyer e Rowan (1977, p.341), institucionalização envolve “the processes by which social processes, obligations, or actualities come to take on a rulelike status in social thought and action”.

A teoria institucional surge no final do século XIX, com discussões sobre o método científico, principalmente na Alemanha, lideradas por economistas e por sociólogos como Emile Durkheim e Max Weber (CARVALHO *et al.*, 1999).

Nos anos 1970, surge uma nova abordagem da teoria, o chamado neoinstitucionalismo, que pode ser dividido em três escolas, segundo Hall e Taylor (2003): o institucionalismo histórico, o institucionalismo da escolha racional e o institucionalismo sociológico. Apesar de não formarem uma corrente de pensamento unificada, todas as escolas buscam identificar a influência das instituições na determinação de resultados sociais e políticos. (HALL; TAYLOR, 2003)

Segundo Chanlat (1989), apud Carvalho *et al.* (1999), a teoria institucional se apresenta em três orientações distintas: uma econômica, outra política e uma sociológica.

Na perspectiva econômica, os processos econômicos são considerados como construções sociais, que sofrem influência de forças históricas e culturais e das relações de natureza institucional (CARVALHO *et al.*, 1999). O neoinstitucionalismo econômico tem foco nos sistemas de normas e de governos que se criam para orientar e gerir as relações econômicas (SCOTT, 1995 apud CARVALHO *et al.*, 1999).

A orientação política enfatiza as relações informais de poder, as atitudes e o comportamento político e assim, concentra-se na análise da autonomia relativa das instituições políticas em relação à sociedade, na complexidade dos sistemas

políticos, e no papel essencial que a representação e o simbolismo exercem no universo político (CARVALHO *et al.*, 1999).

Por sua vez, a perspectiva sociológica tem origem nos estudos de Émile Durkheim, principalmente sobre a influência dos sistemas de conhecimento, de crença e de autoridade moral como instituições sociais e nas contribuições de Weber sobre o caráter histórico das estruturas econômicas e sociais. Berger e Luckman (1991) apud Carvalho *et al.* (1999) também contribuíram de maneira significativa à orientação sociológica, com seus estudos na busca da natureza da ordem social, com a ideia de que a ordem social é baseada na “construção social da realidade”.

Para esse estudo, optou-se pela perspectiva sociológica, com o neoinstitucionalismo sociológico, que surgiu no fim dos anos 1970, no quadro da teoria das organizações (HALL; TAYLOR, 2003). O neoinstitucionalismo sociológico questionou se o foco principal das estruturas burocráticas era de fato o cumprimento de tarefas formais, de maneira eficiente, como expunha Max Weber. Passou-se a propor que muitos dos procedimentos formais realizados eram fruto de uma prática cultural, e que não seriam necessariamente os mais eficientes para a consecução dos objetivos da instituição. Sendo assim, busca-se entender, por exemplo, as motivações que levam as organizações a adotarem um conjunto específico de normas, procedimentos ou símbolos institucionais e a se dedicarem à transmissão desses, como também a semelhança das práticas entre organizações (HALL; TAYLOR, 2003). Ressalta-se o caráter interativo entre as ações individuais e das instituições, entendendo-se que ambas se complementam e se influenciam.

Nesse contexto, destacam-se as contribuições de Meyer e Rowan (1977), os quais apontam que as organizações adotam práticas e procedimentos já institucionalizados no ambiente organizacional a fim de manterem sua legitimidade e sua sobrevivência, independentemente se essas práticas e procedimentos contribuirão ou não para a eficiência em suas atividades, levando muitas vezes à homogeneização entre as organizações. Os autores propõem ainda que o controle, a coordenação e avaliação de atividades em organizações institucionalizadas podem levar a conflitos e à perda de legitimidade. Além disso, indicam que quanto mais a estrutura de uma organização derivar-se de mitos institucionalizados, mais confiança, satisfação ela tem de seu público interno e externo.

Os estudos de DiMaggio e Powell (1983) sobre isomorfismo institucional também são de grande relevância para o neoinstitucionalismo sociológico. Os autores expõem que o processo de institucionalização ou estruturação de um ambiente organizacional é composto por quatro fases: aumento da interação das organizações desse ambiente; surgimento de estruturas interorganizacionais de dominação bem definidas; aumento de informações com as quais as organizações desse ambiente devem lidar e o desenvolvimento de uma consciência mútua entre os participantes das organizações.

O processo de homogeneização entre as instituições foi chamado de isomorfismo, que segundo Hawley (1968) apud Di Maggio e Powell (1983, p. 149) é: “a constraining process that forces one unit in a population to resemble other units that face the same set of environmental conditions”.

Segundo Di Maggio e Powell (1983), as mudanças institucionais isomórficas podem ocorrer por meio de três mecanismos: isomorfismo coercitivo, mimético e normativo.

O isomorfismo coercitivo ocorre pela influência de pressões formais e informais advindas de outras organizações ou do Estado, para que as organizações se adaptem a novas realidades, ou regulamentos, por exemplo, contribuindo para a homogeneização.

Outro fator de influência para as mudanças organizacionais são as incertezas, que podem levar à imitação, ou ao isomorfismo mimético. Há uma tendência de se adotar procedimentos e práticas já legitimados em outras organizações, os quais não necessariamente serão os mais eficientes ou adequados para todas as realidades.

Por fim, o isomorfismo normativo relaciona-se à profissionalização, no sentido de que os membros de determinada ocupação estabelecem suas condições de atuação, a fim de legitimar sua autonomia. A formação universitária, as redes de colaboração de profissionais e as políticas de seleção de pessoal são indutores do isomorfismo normativo, que também está relacionado às mudanças das estruturas organizacionais.

Considerando os três tipos apontados, Di Maggio e Powell (1983) também indicam algumas situações em que há uma maior tendência ao isomorfismo, como a dependência entre organizações, a centralização de fontes de recursos de uma organização, a definição não muito clara de objetivos de uma organização, a

dependência de credenciais acadêmicas para contratação de pessoal, a participação dos colaboradores em associações profissionais e a relação com agências governamentais.

Na próxima seção expõe-se sobre a UFOP e seu processo de internacionalização, destacando-se a mobilidade de estudantes de graduação e a atuação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais.

## **2.4 A UFOP e a Internacionalização**

Nesta seção apresenta-se um breve histórico sobre a Universidade Federal de Ouro Preto e sobre a Coordenadoria de Assuntos Internacionais, abordando-se aspectos sobre a internacionalização da instituição, incluindo a atual gestão dos processos de mobilidade acadêmica internacional focada em alunos de graduação.

### **2.4.1 A Universidade Federal de Ouro Preto**

Ouro Preto, primeira cidade brasileira a ser considerada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO<sup>30</sup> foi palco da Inconfidência Mineira, movimento de luta pela independência do país que dentre as ideias defendidas estava a criação de uma universidade na então Vila Rica (MAXWELL, 1989). Dessa maneira, a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi criada em 21 de agosto de 1969 a partir da junção da Escola de Farmácia de Ouro Preto (1839) e da Escola de Minas de Ouro Preto (1876)<sup>31</sup>. Considerando que o ensino superior no Brasil teve um início muito tardio<sup>32</sup>, (somente em 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o país) as duas Escolas fazem parte do grupo de instituições mais tradicionais do país, seguindo assim a característica histórica da cidade.

---

<sup>30</sup> Ver: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>  
Acesso em 14 out. 2017

<sup>31</sup> <http://www.ufop.br/historia-da-ufop> Acesso em 14 out. 2017

<sup>32</sup> FÁVERO (2006)

A Escola de Farmácia é a mais antiga da América Latina na referida área do conhecimento e foi criada pela Lei nº 140, de 04 de abril de 1839, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais<sup>33</sup>. Pode-se dizer que a Escola de Farmácia de Ouro Preto proporcionou o surgimento da primeira Faculdade de Medicina de Minas Gerais, inaugurada em Belo Horizonte em 1911, por dois de seus egressos, o mineiro Aurélio Pires, formado em 1894 e o italiano Alfredo Balena, formado em 1901 (GALVÃO; SOUZA, 2014). Além disso, Ouro Preto teve grande influência na criação da Universidade Federal de Minas Gerais, inaugurada em 1927<sup>34</sup> a partir da junção da Faculdade de Direito, de 1892, criada na então capital de Minas Gerais e transferida para Belo Horizonte, Escola Livre de Odontologia (1907), Escola de Engenharia (1911) e Faculdade de Medicina (1911).

Nota-se que a influência estrangeira esteve presente desde o início da Escola de Farmácia. Para a matrícula, por exemplo, dentre outros documentos os alunos deveriam apresentar comprovante de conhecimento da língua francesa. E um dos primeiros professores foi o naturalista alemão Guilherme Schwacke, que também foi Diretor da Escola<sup>35</sup>.

Após várias mudanças, com a transferência da capital de Ouro Preto para Belo Horizonte, no início do século XX, a Escola foi instalada onde funcionou o Congresso Constituinte Mineiro<sup>36</sup>. Em 2013, os cursos foram transferidos para o prédio localizado no Campus Morro do Cruzeiro e a antiga Escola passou a funcionar como o “Museu da Pharmacia”, guardando importante acervo do início do ensino farmacêutico no Brasil<sup>37</sup>.

A propósito da transferência da capital de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte, vale destacar um importante acontecimento decorrido desse fato que é marca da cidade: o surgimento das Repúblicas Federais. Com o esvaziamento da cidade, por conta da mudança de capital, muitos imóveis ficaram vagos e foram

---

<sup>33</sup> Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escfarop.htm#publicacoes> Acesso em 14 out. 2017

<sup>34</sup> Ver: <https://www.ufmg.br/90anos/historia-da-ufmg/> Acesso em 14 out. 2017

<sup>35</sup> Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escfarop.htm#publicacoes> Acesso em 14 out. 2017

<sup>36</sup> Idem

<sup>37</sup> Mais informações sobre o Museu da Pharmacia em: <http://escoladefarmacia.ufop.br/museu-da-pharmacia> Acesso em 14 out. 2017

ocupados por estudantes das duas Escolas de ensino superior da cidade à época (MACHADO, 2003).

Já a Escola de Minas tem sua origem numa iniciativa do imperador Dom Pedro II, que convidou o mineralogista francês Claude-Henri Gorceix para vir ao Brasil e fundar uma Escola que se dedicasse aos estudos da Mineralogia e da Geologia. Devido às características da região, Ouro Preto foi escolhida para abrigar a Escola, a qual foi inaugurada em 12 de outubro de 1876, inspirada nas Escolas de Minas francesas de Paris e de Saint Etienne (LEMOS, 2013).

Nota-se assim a influência internacional desde a criação da Escola, não somente com modelo francês, mas também com professores franceses e com a participação em exposições internacionais entre 1886 e 1911, em países como Alemanha, França, Estados Unidos, Chile, República Tcheca e Itália. (LEMOS, 2013). Além disso, já em 1882 o Professor Gorceix enviava alunos para estudarem na França, como Augusto Barbosa da Silva, que mais tarde seria professor e Diretor da Escola de Minas.

Quanto à recepção de alunos estrangeiros, consta no livro a “História da Escola de Minas”, em seu capítulo “Celeiro de nomes de vulto nacional”, os registros de Amaro Lanari, argentino, formado na turma de 1909 e Borisas Simbleris, da Lituânia, formado em 1957.

Em 1969, com a Reforma Universitária, foi criada a Universidade Federal de Ouro Preto, a partir da junção das Escolas de Farmácia e de Minas. As atividades se davam nos prédios localizados no Centro Histórico de Ouro Preto, onde antes da transferência da capital para Belo Horizonte eram a Assembleia Provincial (Escola de Farmácia) e o Palácio dos Governadores (Escola de Minas).

Em 1978 é criado o curso de Nutrição e, em 1979, na cidade de Mariana, o Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Já em 1982, o Instituto de Ciências Exatas e Biológicas passa a funcionar no Campus Morro do Cruzeiro, fora do Centro Histórico, oferecendo as disciplinas básicas para todos os cursos. Na década de 1990 foram criados os cursos de Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Direito, Filosofia e Turismo. E, a partir de 2000, com a criação do Centro de Educação Aberta e à Distância a UFOP passa a oferecer cursos de graduação e pós-graduação em uma nova modalidade, com pólos nos estados de Minas Gerais, Bahia e São Paulo. No ano de 2007 é criado o curso de Medicina.

Em parceria com a Prefeitura de João Monlevade, foi criado, em 2002, um campus que abriga o Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas, com os cursos de Engenharia Elétrica, Engenharia da Computação, Engenharia de Produção e Sistemas de Informação. Com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), foi criado, em 2008, o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, em Mariana, e o curso de Educação Física, com seu Centro Desportivo.

A UFOP é referência no país em Assistência Estudantil, devido ao apoio à permanência do aluno na instituição. Além disso, tem importante inserção regional por meio de seus mais de 200 projetos de extensão, tendo como destaque o Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana, realizado há 25 anos.

A pós-graduação cresceu expressivamente nos últimos sete anos, com a criação de mais de dez cursos de Mestrado e Doutorado, em todas as áreas do conhecimento. Além disso, a Universidade já possui mais de 100 patentes registradas<sup>38</sup>.

Vale destacar que sob a gestão da Universidade encontram-se a Biblioteca de Obras Raras<sup>39</sup>, com mais de 20.000 títulos editados entre os séculos XVII e XX; o Museu de Ciência e Técnica<sup>40</sup>, com destaque para a área de Mineralogia e para o Observatório Astronômico, de 1926; o Cine Vila Rica<sup>41</sup>, um dos cinemas mais tradicionais de Minas Gerais, inaugurado em 1958; e o Centro de Artes de Convenções de Ouro Preto<sup>42</sup>, antigo Parque Metalúrgico Augusto Barbosa, de 1946.

Atualmente a UFOP conta com 42 cursos de graduação, sendo 38 presenciais e quatro à distância, além de 22 cursos de mestrado, nove de doutorado, cinco mestrados profissionais e três especializações. Além disso, possui aproximadamente 12.200 alunos, 875 professores e 772 servidores técnico-administrativos. É uma instituição tradicional no país e que contribui significativamente com a região onde estão instalados seus campi. O quadro 2 apresenta essas informações:

---

<sup>38</sup> Disponível em: <http://nite.ufop.br/nite-em-n%C3%BAmeros> Acesso em 14 out. 2017

<sup>39</sup> Disponível em: [http://www.obrasraras.em.ufop.br/novoportal/?page\\_id=2](http://www.obrasraras.em.ufop.br/novoportal/?page_id=2) Acesso em 14 out. 2017

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.museu.em.ufop.br/museu/index.php> Acesso em 14 out. 2017

<sup>41</sup> Disponível em: <http://cinevilaricaop.blogspot.com.br/> Acesso em 14 out. 2017

<sup>42</sup> Disponível em <http://www.centrodeconvencoesufop.com.br/historia> Acesso em 14 out. 2017

**Quadro 2 - Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UFOP**

<b>Campus Ouro Preto</b>
<b>Centro de Educação Aberta e à Distância (CEAD):</b> Administração Pública, Geografia, Matemática e Pedagogia.
<b>Centro Desportivo da UFOP (CEDUFOP):</b> Educação Física.
<b>Escola de Direito Turismo e Museologia (EDTM):</b> Direito, Turismo Museologia, Mestrado em Direito.
<b>Escola de Farmácia (EFAR):</b> Farmácia, Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas.
<b>Escola de Medicina (EMED):</b> Medicina e Residência Médica.
<b>Escola de Minas (EM):</b> Arquitetura, Engenharia Civil, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Ambiental, Engenharia de Produção, Engenharia Geológica, Engenharia Metalúrgica, Engenharia Mecânica, Engenharia de Minas, Engenharia Urbana. Mestrado e Doutorado em Engenharia Civil, Mestrado Profissional em Construção Metálica, Mestrado e Doutorado em Engenharia Ambiental, Mestrado Profissional em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental, Mestrado e Doutorado em Evolução Crustal e Recursos Naturais, Mestrado e Doutorado em Geotecnia, Mestrado Profissional em Engenharia Geotécnica, Mestrado e Doutorado em Engenharia Mineral, Mestrado Profissional em Instrumentação, Controle e Automação de Processos de Mineração, Mestrado e Doutorado em Engenharia de Materiais, Mestrado em Engenharia Mecânica.
<b>Escola de Nutrição (ENUT):</b> Ciência e Tecnologia de Alimentos, Nutrição, Mestrado e Doutorado em Saúde e Nutrição.
<b>Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB):</b> Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Estatística, Física, Matemática, Química. Mestrado em Ecologia e Biomas Tropicais, Mestrado e Doutorado em Biotecnologia, Mestrado e Doutorado em Ciências Biológicas, Mestrado e Doutorado em Ciência da Computação, Mestrado em Física dos Materiais, Mestrado Profissional em Educação Matemática, Mestrado e Doutorado em Química.
<b>Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC):</b> Artes Cênicas, Filosofia, Música, Mestrado em Artes Cênicas, Mestrado em Filosofia.
<b>Campus Mariana</b>
<b>Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS):</b> História, Letras, Pedagogia. Mestrado e Doutorado em História, Mestrado em Letras, Mestrado e Doutorado em Educação.
<b>Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA):</b> Administração, Ciências Econômicas, Jornalismo, Serviço Social. Mestrado em Comunicação, Mestrado em Economia.
<b>Campus João Monlevade</b>
<b>Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas (ICEA):</b> Engenharia de Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia de Produção e Sistemas de Informação. Mestrado em Engenharia de Produção

Fonte: Elaborado pela autora.

### 2.4.2 A Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT)

Como é possível notar no histórico da Universidade Federal de Ouro Preto, a influência internacional se faz presente desde o início das atividades das centenárias Escolas que se juntaram em 1969: a presença de alunos e professores estrangeiros, o envio de alunos estrangeiros para o exterior e a criação da Escola de Minas pelo francês Claude-Henri Gorceix apontam para esse fato.

Sabe-se que a comunidade acadêmica mantém contatos internacionais das mais diversas maneiras, como: formação no exterior, parcerias de pesquisa e extensão, prestação de serviços, dentre outras, entretanto os registros são escassos. Por exemplo, em levantamento feito junto aos arquivos da Gerência de Convênios (GECON) em 2013, em busca dos acordos internacionais referentes à mobilidade acadêmica internacional assinados pela UFOP, identificou-se que o convênio mais antigo é datado de 1981, com a instituição de ensino alemã Technische Universität Clausthal. Contudo, considerando a idade das Escolas que originaram a UFOP infere-se que existam acordos mais antigos, que, infelizmente, não foram devidamente registrados.

Nesse contexto, identificou-se que a concretização da preocupação em centralizar e formalizar o registro desses tipos de relações deu-se somente em 2006 com a criação da Assessoria de Relações Internacionais (ASSINT). O então Reitor Prof. João Luiz Martins, que foi Presidente da ANDIFES em 2011, delegou à Profa. Dulce Maria Viana Mindlin, do Departamento de Letras, a função de gerenciar as relações internacionais realizadas pela Universidade. Em 2006, por exemplo, a docente foi a Portugal e à Itália para lecionar e para “alargar a política de internacionalização da UFOP”<sup>43</sup>.

Destacam-se, dentre outras ações, a realização do I Encontro de Cooperação Internacional de Ouro Preto<sup>44</sup>, o qual constou, por recomendação do Reitor, no calendário acadêmico do ano de 2008<sup>45</sup>, e que reuniu palestrantes de diversos órgãos de fomento nacionais e internacionais, universidades e representantes da

---

<sup>43</sup> Portaria nº416, de 28 de agosto de 2006. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=2&pagina=14&data=13/09/2006> Acesso em 22 out. 17

<sup>44</sup> Homepage do evento: <http://www.ecint.ufop.br/public/site/> Acesso em 22 out. 17

<sup>45</sup> Disponível em: [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_3315.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_3315.pdf) Acesso em 22 out. 17

iniciativa privada para a discussão do tema na UFOP. Além disso, a assinatura de convênios e o início do registro da mobilidade acadêmica graduação foram as principais atividades deste período.

Em 2009, a Assessoria de Relações Internacionais passa a ser denominada de Coordenadoria de Assuntos Internacionais, órgão vinculado diretamente à Reitoria e também sob responsabilidade da Profa. Dulce Mindlin, com sede em uma pequena sala, anexa à Reitoria. Em 2010 é publicada a Resolução nº 4164<sup>46</sup>, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), que versa sobre o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, e a partir dos Relatórios de Gestão<sup>47</sup> da UFOP referentes aos exercícios de 2010 e 2011 é possível verificar que a Coordenadora participou de vários eventos internacionais, bem como visitou instituições estrangeiras com as quais ainda existem convênios vigentes, além de participar da Secretaria Adjunta do GCUB.

Ainda foram Coordenadores da CAINT, durante a gestão do Reitor Marcene Jamilson Freitas Souza, o Prof. Luiz Singi Albuquerque, do Departamento de Direito, de janeiro a dezembro de 2013 e o Prof. Carlos Magno de Souza Paiva, do mesmo Departamento, entre janeiro de 2014 e fevereiro de 2017<sup>48</sup>.

Em 2011, com o lançamento do Programa Ciência Sem Fronteiras (CsF), a demanda de trabalho aumentou substancialmente. Foi nomeado um Coordenador para o Programa CsF, função ocupada pelo Prof. Marcene Jamilson Freitas, do Departamento de Ciência da Computação, entre 16 de janeiro de 2012 a 08 de março de 2013<sup>49</sup>, pela Profa. Christianne de Lyra Nogueira, do Departamento de Engenharia de Minas, de 09 de março de 2013 a 11 de maio de 2014, tendo como último Coordenador, de 12 de maio de 2014 a 17 de fevereiro de 2017, o Prof. Marco Antonio Moreira Carvalho, do Departamento de Ciência da Computação<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> Disponível em: [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_4164.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_4164.pdf) Acesso em 20 out. 2017.

<sup>47</sup> Disponível em: [http://www.ufop.br/sites/default/files/relatrio\\_de\\_gesto\\_2010.pdf](http://www.ufop.br/sites/default/files/relatrio_de_gesto_2010.pdf). Acesso em 20 out. 2017.

<sup>48</sup> Disponível em [http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/2014/Boletim\\_Administrativo\\_n\\_03\\_2014.pdf](http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/2014/Boletim_Administrativo_n_03_2014.pdf) Acesso em 20 out. 2017.

<sup>49</sup> Disponível em: [http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/2013/Boletim\\_Administrativo\\_n\\_13\\_\\_2013.pdf](http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/2013/Boletim_Administrativo_n_13__2013.pdf) Acesso em 20 out. 2017.

<sup>50</sup> Disponível em: [http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/Boletim\\_Administrativo\\_n\\_26\\_2014.pdf](http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/boletins/Boletim_Administrativo_n_26_2014.pdf) Acesso em 20 out. 2017.

É importante destacar o trabalho da Secretária Executiva Joana Vasconcelos, que no período de 2013 a 2015 contribuiu significativamente com o desenvolvimento da CAINT, principalmente com as seguintes ações: levantamento, digitalização e organização de todos os convênios internacionais arquivados na Gerência de Convênios da UFOP; implantação de fluxos de processos e criação de formulários de mobilidade e administrativos; padronização de editais de seleção; organização dos arquivos físicos e digitais; elaboração de bancos de dados; redação do projeto “Consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFOP”, aprovado junto à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) em 2015 para consolidação do setor de relações internacionais; produção de material para o site da CAINT e para orientação de alunos estrangeiros; apoio para a criação da Comissão Permanente de Internacionalização (CPIInter), além de inúmeros atendimentos presenciais, por telefone e e-mail, a professores, técnicos e principalmente alunos interessados em realizar mobilidade acadêmica internacional e estrangeiros que chegavam à instituição.

Em maio de 2015 a sede da CAINT foi transferida da pequena sala anexa à Reitoria para o Campus Morro do Cruzeiro, no prédio denominado “Praça de Alimentação”, entre a Escola de Nutrição (ENUT) e o Bloco de Salas de Aulas, onde se encontram dois estabelecimentos terceirizados (um restaurante e uma lanchonete), além da Coordenadoria de Logística e Segurança da UFOP.

Em 22 fevereiro de 2017 teve início a gestão da Reitora Cláudia Aparecida Marlière de Lima, primeira mulher a assumir o cargo máximo da UFOP<sup>51</sup>, docente do Departamento de Nutrição Clínica e Social (DENCS). De março de 2017 a fevereiro de 2018, a Profa. Alessandra Rodrigues Kozovits,<sup>52</sup> do Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente (DEBIO) esteve à frente da CAINT. A partir de março de 2018, a autora deste trabalho é a Coordenadora da CAINT, sendo a primeira servidora técnico-administrativa a assumir o cargo no setor e a pessoa mais jovem à frente das relações internacionais das universidades federais mineiras e provavelmente também a mais jovem entre as universidades federais de todo o país, no momento.

---

<sup>51</sup> Disponível em: <http://www.ufop.br/noticias/reitoria/solenidade-marca-posse-de-nova-reitora-e-vice-reitor> Acesso em 21 out. 2017

<sup>52</sup> Disponível em: [http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/Boletim\\_Administrativo\\_n\\_12\\_2017.pdf](http://www.proad.ufop.br/cgp/arquivos/Boletim_Administrativo_n_12_2017.pdf) Acesso em 21 out. 2017

### 2.4.2.1 Estrutura e atuação da CAINT/UFOP

A Coordenadoria de Assuntos Internacionais não possui regimento próprio, porém, é o setor da UFOP responsável por apoiar projetos de internacionalização<sup>53</sup>. Suas principais atividades são: realização de convênios internacionais, organização da mobilidade acadêmica internacional de alunos de graduação (fluxos de entrada e saída), recepção de estrangeiros que chegam à UFOP, divulgação de oportunidades para a comunidade acadêmica, organização de eventos relativos à internacionalização e apoio ao ensino de idiomas estrangeiros e de português para estrangeiros.

Para o desenvolvimento dessas atividades, conta atualmente, em julho de 2018, com a seguinte equipe:

- Uma Coordenadora de Assuntos Internacionais (servidora efetiva, em cargo de nível superior - Secretária Executiva, atuando há três anos e cinco meses no setor e há oito meses nomeada pela Reitora como Coordenadora);
- Um Auxiliar em Administração (servidor efetivo, em cargo de nível fundamental de escolaridade, atuando no setor há oito meses, com carga horária de 40 horas semanais);
- Uma Recepcionista (servidora terceirizada atuando no setor há quatro anos e quatro meses, com carga horária de 40 horas semanais);
- Uma Bolsista de Comunicação (com formação superior em Publicidade e Propaganda, há dois anos e três meses no setor, com carga horária de 30 horas semanais);
- Uma Bolsista de Apoio Administrativo (aluna de graduação, do curso de Direito, há oito meses no setor, com carga horária de 20 horas semanais);
- Dois Bolsistas para recepção aos estrangeiros (alunos de graduação, dos cursos de Serviço Social e Engenharia Civil, há quatro meses e há oito meses no setor, respectivamente, com carga horária de 20 horas semanais).

Além disso, por meio de projeto da FAPEMIG, entre dezembro de 2015 e junho de 2016, a CAINT contou com um bolsista que atuou como Coordenador de Tecnologia da Informação.

---

<sup>53</sup>Mais informações em: <http://www.caint.ufop.br/apresentacao> Acesso em 22 out. 17

Como já dito anteriormente, entre janeiro de 2012 e fevereiro de 2017 fez parte da equipe da CAINT um Coordenador dedicado ao Programa CsF. Entretanto, a equipe continuava, como desde a sua criação, contando somente com um servidor técnico-administrativo, uma colaboradora terceirizada e bolsistas de graduação. Considerando-se que a UFOP enviou 785 alunos de graduação para o exterior pelo Programa CsF e as atividades relacionadas à mobilidade de convênios bilaterais continuaram e aumentaram nesse período, dentre outras inerentes às relações internacionais, é possível perceber que a carga de trabalho do setor é grande e desproporcional à equipe que possui e à instituição que atende.

Em março de 2018, a única servidora efetiva da CAINT, até então, assumiu a Coordenação e outro servidor efetivo (Auxiliar em Administração) foi alocado no setor. Apesar de o servidor possuir formação adequada às demandas, há uma limitação na remuneração, devido à natureza do cargo.

Nesse sentido, comparando com o quadro de pessoal efetivo dos setores de relações internacionais das principais IFES mineiras, a UFOP por muito tempo esteve atrás somente da Universidade Federal de Alfenas, que até 2017 não possuía servidor técnico efetivo. O quadro 3 apresenta a relação de servidores no setor de Relações Internacionais em IES de Minas Gerais.

**Quadro 3 - Servidores no setor de Relações Internacionais das principais IES de Minas Gerais**

<b>Instituição</b>	<b>Nº de alunos</b>	<b>Servidor(es)</b>
Universidade Federal de Minas Gerais	51005	22
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	68567	04
Universidade Federal de Juiz de Fora	22400	08
Universidade Federal de Uberlândia	25964	06
Universidade Federal de Viçosa	21232	05
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	19008	03
Universidade Federal de Itajubá	8829	03
Universidade Federal do Triângulo Mineiro	8367	03
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	8810	03
Universidade Federal de Lavras	10192	02
Universidade Federal de São João Del Rei	12701	02

Universidade Federal de Ouro Preto	13299	02
Universidade Estadual de Montes Claros	11233	01
Universidade Federal de Alfenas	3627	01

Fonte: Relatórios de Gestão referentes ao ano de 2017 disponíveis nos websites das instituições e pesquisa juntos aos gestores responsáveis em julho de 2018.

Um reflexo da heterogeneidade e da rotação da equipe de bolsistas é percebido por meio dos dados do Sistema de Bolsas da UFOP, pelo qual constata-se que no período entre 2014 e 2018 passaram pela CAINT 42 bolsistas de graduação, de 17 cursos de graduação (Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Direito, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Metalúrgica, História, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Serviço Social, Turismo) que ficaram no setor por períodos entre um e 20 meses, numa média de cinco meses de trabalho. Considerando o período de atuação da pesquisadora no setor, já passaram pela CAINT 25 bolsistas que atuaram sob sua supervisão direta.

Além disso, a pesquisadora também orientou o trabalho de quatro bolsistas de Gestão, Ciência e Tecnologia (BGCT), para as áreas de Comunicação e Tecnologia da Informação (1 para cada área), contratados com recursos provenientes do projeto “Consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFOP”, aprovado junto à FAPEMIG em 2015.

À limitação de pessoal soma-se a limitação financeira, já que o setor não possui orçamento próprio. Essa situação foi atenuada somente em 2015, com a implantação do PDU Internacionalização, o qual foi cortado em 2017 e reativado parcialmente em 2018. O orçamento vindo diretamente do Ministério da Educação, com orientação para investimentos na internacionalização das universidades, proporcionou a aquisição de material permanente para estruturar a sede da CAINT, bem como para investir em ações como mobilidade internacional de alunos de graduação (*in e out*) e de Técnico-Administrativos em Educação (TAE's), oferta de disciplinas em língua inglesa e capacitação em gestão de escritório de relações internacionais.

Apesar de todos os entraves e limitações, é possível observar por meio dos Relatórios de Gestão do período de 2014 a 2017, que a CAINT ampliou a sua

atuação significativamente. Seguem abaixo as principais ações desenvolvidas, algumas das quais serão melhor detalhadas no decorrer deste trabalho:

- Criação, em 2015, da Comissão Permanente de Internacionalização (CPInter), com representantes de todas as unidades acadêmicas, além de representação dos servidores técnico-administrativos em Educação e do corpo discente;
- Desenvolvimento do histórico escolar em inglês, em parceria com o Núcleo de Tecnologia da Informação, com certificação digital, o que facilitou muito a burocracia relacionada às candidaturas de nossos alunos à mobilidade em instituições estrangeiras;
- Aumento do número de acordos de cooperação internacional, de 23 para 72, de 2014 a 2016, como acordos de cotutela e duplo diploma;
- Criação do Projeto Welcome, de boas-vindas e acompanhamento aos alunos estrangeiros, além do desenvolvimento de atividades culturais e esportivas, voltadas a esse público, durante todo o ano;
- Desenvolvimento do novo site da CAINT, interativo e com plataformas relevantes, como o Mapa de Convênios da UFOP, o Mapa do Pesquisador da UFOP no mundo e a plataforma Flex para aperfeiçoamento de idiomas entre alunos nacionais e estrangeiros;
- Desenvolvimento do sistema de controle de mobilidade, com um expressivo banco de dados de todos os estudantes nacionais e internacionais em mobilidade;
- Divulgação média de 12 editais por ano com oportunidades de mobilidade acadêmica internacional para estudantes de graduação em mais de 30 países;
- Realização do primeiro edital de mobilidade internacional para servidores técnico-administrativos em educação, em parceria com a Universidade do Algarve, em Portugal, uma iniciativa pioneira no país;
- Elaboração dos seguintes impressos: Guia de Mobilidade Internacional para Alunos de Graduação, Guia de Mobilidade Internacional para Membros de Colegiado de Curso, Manual do Aluno Estrangeiro (bilíngue) e Revista Escolha Internacional (bilíngue);
- Abertura do primeiro edital para oferta de disciplinas em inglês na UFOP: uma da pós-graduação e três da graduação;

- Oferta, por meio Núcleo de Línguas, de turmas de inglês e aplicação gratuita de Exames Toefl, nos três campi, a partir do Programa Idioma sem Fronteiras;
- Oferta de curso de Português como Língua Estrangeira, por meio do Núcleo de Línguas, porém financiado pela UFOP, com turmas em Mariana e em Ouro Preto;
- Realização do primeiro *Summer Programme* da UFOP, ministrado em inglês, em julho de 2016, com participantes de cinco países;
- Implementação do Relatório de Retorno, aplicado aos alunos de mobilidade *out*, gerando, atualmente, um banco de dados com mais de 600 formulários;
- Criação, em parceria com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e o curso de Turismo, da Casa do Pesquisador, imóvel de propriedade da UFOP, o que tem possibilitado a hospedagem gratuita ou de baixo custo para pesquisadores externos, inclusive, estrangeiros;
- Elaboração do vídeo institucional promocional da UFOP, em inglês, em parceria com o laboratório de audiovisual do curso de Jornalismo;
- Criação, no Facebook, dos perfis do Embaixador e da Embaixadora CAINT, que hoje contam com mais de 6.000 amigos e se tornaram a principal ferramenta de divulgação das ações da CAINT;
- Aprovação das primeiras propostas de projeto dentro do programa Erasmus+: uma com a Universidade Portucalense, Portugal, e outra com a Universidade Tecnológica de Rzeszow, Polônia, abarcando mobilidades para discentes, docentes e servidores técnico-administrativos;
- Criação do Seminário de Internacionalização (SEINTER) e das “Rodas de Conversa”, dentro do Encontro de Saberes<sup>54</sup>, com a participação dos alunos que retornaram de mobilidade internacional no respectivo ano de realização do evento;
- Participação em plataformas de *rankings* internacionais, colocando a UFOP entre as 50 melhores universidades da América Latina em 2016, segundo o *Ranking* da Times Higher Education, Inglaterra;
- Aumento do número de estudantes estrangeiros de graduação e pós-graduação de oito (em 2013) para 165 (em 2016);

---

<sup>54</sup>Esse evento tem o objetivo de ampliar e aprofundar o diálogo entre a comunidade acadêmica (UFOP) e a comunidade externa, de forma a gerar conhecimentos e fortalecer o vínculo e o compromisso com as suas populações-alvo. Disponível em: <http://www.propp.ufop.br/pesquisa/encontro-de-saberes>. Acesso em: 09 jul. 2017.

- Elaboração, em parceria com a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento, do eixo Internacionalização no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2016-2025;
- Início da elaboração do Plano de Internacionalização da UFOP;
- Criação da Sala de Formação com webconferência e do Espaço de Internacionalização, dedicados ao convívio e ampliação da cultura de internacionalização dentro da UFOP.

Apesar do tema internacionalização aparentemente ter sido colocado em pauta formalmente na UFOP a partir de 2006, somente em 2016 ele é tratado no PDI da Universidade, provavelmente por conta da importância dada à temática nos últimos anos. Nos PDI's 2003-2012<sup>55</sup> e 2011-2015<sup>56</sup> a única menção que se faz é sobre o aumento da inserção internacional dos programas de pós-graduação. No PDI 2016-2025<sup>57</sup>, constam eixos temáticos, um dos quais é a Internacionalização, que apresenta como objetivo: “ter a internacionalização como parte intrínseca do ambiente acadêmico e cultural da comunidade UFOP, colaborando para a produção do conhecimento científico, tecnológico, social, cultural, patrimonial e ambiental, e aumentando a inserção da UFOP no universo científico internacional” (PDI UFOP 2016-2025, p. 131).

A meta para internacionalização da UFOP é “ter uma população flutuante, somando entrada e saída de mobilidade internacional, de 10% do total de docentes, TAs e discentes da UFOP, buscando sempre o equilíbrio de fluxo”, sendo as metas intermediárias as seguintes:

- Ter dez disciplinas oferecidas em idioma estrangeiro na graduação e na pós-graduação, até 2018. Oferecer um curso de idiomas a distância por meio da sala multimídia da CAINTE, até 2018.
- Ter um fluxo de 2% de pessoas em mobilidade (*mob in* e *mob out*) até 2018.
- Regulamentar o controle de entrada e saída para a mobilidade internacional até 2018.
- Ter o site principal da UFOP e dos programas de pós-graduação traduzidos para o inglês até 2018.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.pdi.ufop.br/wp-content/uploads/2015/12/pdi-2003-2012.pdf>. Acesso em 22 out. 2017.

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.pdi.ufop.br/wp-content/uploads/2015/12/pdi2011-2015.pdf>. Acesso em 22 out. 2017

<sup>57</sup> Disponível em: <http://www.pdi.ufop.br/wp-content/uploads/2015/12/PDI-UFOP-2016-2025-1.pdf>. Acesso em 22 out. 2017

- Ter uma equipe de trabalho adequada às necessidades do setor, com um Tradutor, um Secretário Executivo, um Técnico em TI, um Técnico em Comunicação e dois Assistentes Administrativos até 2018.
- Estabelecer ao menos um acordo de duplo diploma com um país da América Latina até 2018.
- Incluir dez estrangeiros nos Projetos de Extensão da UFOP até 2018.
- Ter um fluxo de 4% de pessoas em mobilidade (*mob in* e *mob out*) até 2020.
- Ter todos os sites dos cursos de graduação traduzidos para o inglês até 2020.
- Oferecer três cursos de idiomas a distância por meio da sala multimídia da CAINT até 2020.
- Dobrar o número de convênios com países da América Latina até 2020.
- Estabelecer ao menos dois acordos de duplo diploma com um país da América Latina até 2020.
- Fazer com que a CAINT tenha competências acadêmicas para atribuição de créditos e montagem de cursos até 2020.
- Criar dois cursos de férias (com atribuição de créditos) sobre temas diversos, em inglês, até 2020.
- Incluir 20 estrangeiros nos Projetos de Extensão da UFOP até 2020.
- Ter no programa das disciplinas introdutórias de cada curso de graduação a temática da internacionalização até 2022.
- Ter um fluxo de 6% de pessoas em mobilidade (*mob in* e *mob out*) até 2022.
- Ter uma nova sede que comporte uma estrutura de Ações Internacionais/Centro de Línguas/Educação Continuada para o público estrangeiro até 2022.
- Ter ambientes CAINT em Mariana e João Monlevade e em horário noturno até 2022.
- Oferecer cursos de capacitação em gestão de relações internacionais para o público externo até 2024. Ter um programa de pós-graduação oferecido em inglês até 2025.
- Oferecer disciplina de inglês ou espanhol a partir do primeiro período até 2025.
- Ter uma “international house” até 2025

No sentido de detalhar as metas e ações descritas no PDI, foi aprovado em abril de 2018, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFOP, o Plano de

Internacionalização<sup>58</sup>. O Plano contempla metas e ações agrupadas em cinco eixos de atuação: Consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais; Políticas Linguísticas; Cooperação acadêmica-científica internacional; Produção científica internacional; e Visibilidade internacional. O Plano de Internacionalização na íntegra está disponível no Anexo B deste trabalho.

Percebe-se que o PDI e o Plano de Internacionalização são ambiciosos em relação à internacionalização da UFOP e tem grande ênfase na mobilidade. Nesse sentido, faz-se importante conhecer as iniciativas de mobilidade já existentes na universidade, sendo o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional o foco deste trabalho e que será tratado a seguir.

#### **2.4.2.2 O Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP**

A mobilidade de estudantes de graduação já é uma realidade nas IES brasileiras. A movimentação tanto nacional quanto internacional é buscada pelos alunos como uma oportunidade de diferencial na formação e aquisição de novas experiências.

Na Universidade Federal de Ouro Preto, segundo dados do Sistema de Controle Acadêmico, desde 1971 a instituição já recebeu 271 alunos regulares estrangeiros. Esse número se deve, principalmente pela participação da instituição no Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)<sup>59</sup> desde o referido ano, tendo recebido desde então 138 alunos de países da África, da América Central e da América do Sul. Vale destacar que o programa também abrange a Ásia.

O Programa é, desde o seu início na UFOP, coordenado pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), foi criado oficialmente em 1965 pelo Decreto nº 55.613 e, atualmente, regido pelo Decreto nº 7.948. O Programa oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em IES brasileiras. O PEC-G é administrado pelo Ministério das Relações

---

<sup>58</sup> Disponível em: [https://www.soc.ufop.br/public/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_7400.pdf](https://www.soc.ufop.br/public/files/RESOLUCAO_CEPE_7400.pdf) Acesso em: 17 jul. 2018

<sup>59</sup> Ver: <http://portal.mec.gov.br/pec-g> Acesso em 22 out. 17

Exteriores, por meio da Divisão de Temas Educacionais, e pelo Ministério da Educação, em parceria com Instituições de Ensino Superior em todo o país.

Para realizar cursos plenos, de acordo com o Sistema de Pós-Graduação da UFOP, desde 1993, os mestrados e doutorados receberam 93 alunos. Os registros de alunos que estiveram na UFOP para cursar parte de sua pós-graduação ou pós-doutorado são escassos e inconsistentes.

Na graduação, além do PEC-G, a UFOP recebe alunos estrangeiros por meio de acordos bilaterais, para estudarem por um ou dois semestres. Também são recebidos alunos por meio de outros programas, como para estágio pela entidade *International Association for the Exchange of Students for Technical Experience* (IAESTE)<sup>60</sup> e para cursos especiais, de curta duração (como o *Summer Programme*<sup>61</sup>). No Sistema de Gestão da CAINT há 311 registros, sendo o mais antigo de 2006, ano de criação da Assessoria de Relações Internacionais da UFOP.

Quanto à saída de alunos da UFOP, é importante destacar o Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica nacional, regulamentado pela Resolução CEPE nº 3077, de 2007<sup>62</sup>, pelo qual a instituição já enviou 162 alunos desde 2005 (Dados do Sistema de Controle Acadêmico da UFOP).

Considerando o movimento de alunos para o exterior, vale destacar que desde o início do funcionamento da Escola de Minas já era prática enviar alunos a outros países para realizar parte de seus estudos. Infelizmente não há registros consolidados sobre todo o período de existência das Escolas de Farmácia e de Minas, porém infere-se que esse fluxo sempre existiu.

Devido aos diversos programas de apoio da CAPES e do CNPq, sabe-se que a pós-graduação envia muitos de seus alunos para o exterior, entretanto, não há prática de registro desse tipo de saída por parte dos programas de pós-graduação da UFOP, o que dificultou a obtenção de dados. Por programas gerenciados pela CAINT entre 2016 e 2018, quatro alunos realizaram parte de seus cursos no exterior.

Quanto à graduação, há registros desde 2006 da mobilidade realizada por 865 alunos, por meio de convênios bilaterais, programas da CAPES com a França (BRAHITEC) e com a Holanda (BRANETEC), programa Erasmus+ com Portugal e o

---

<sup>60</sup> Ver: <https://www.abipe.org.br/estudantes/programa-iaeste>. Acesso em 22 out. 17

<sup>61</sup> Ver: <http://www.caint.ufop.br/read/644-caint-ufop-inova-e-realiza-summer-course-em-julho> Acesso em 22 out. 17

<sup>62</sup> Disponível em [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_3077.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_3077.pdf) Acesso em 22 out. 17

programa IAESTE, tanto para graduação sanduíche como para obtenção de duplo diploma (Università degli Studi di Palermo – Itália e École des Mines de Douai – França) e realização de estágio.

A UFOP possui atualmente 51 convênios bilaterais vigentes que abrangem a mobilidade internacional de alunos de graduação, os quais foram o foco deste estudo. Vale destacar que alguns dos convênios que estavam vigentes à época da realização da mobilidade dos alunos não estão atualmente. A lista completa de convênios internacionais da UFOP, que abarcam a mobilidade de alunos de graduação, geridos pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais, está disponível no Apêndice A deste trabalho.

Entretanto, é indispensável destacar a participação da UFOP no Programa CsF, que foi um marco para a internacionalização da educação superior do Brasil. Entre 2012 e 2015, a UFOP enviou 785 alunos de graduação ao exterior pelo Programa Ciência sem Fronteiras (2012 – 151; 2013 – 270; 2014 – 284 e 2015 – 80). Além dos alunos de graduação, a UFOP enviou 23 alunos ao exterior para a realização de Doutorado Sanduíche, doze alunos para Doutorado Pleno e cinco pesquisadores para realização de Pós-Doutorado. Além disso, pelo Programa CsF recebeu um Pesquisador Visitante Especial e três pesquisadores pelo Programa de Atração de Jovens Talentos.

Verificando-se a distribuição dos alunos de graduação participantes do Programa CsF por país e por curso (Apêndice B), nota-se que os países que mais receberam alunos da UFOP foram os Estados Unidos, Austrália e Reino Unido e os três cursos com maior número de alunos participantes do Programa foram Engenharia de Produção, Engenharia de Minas e Arquitetura e Urbanismo.

Apesar da mobilidade estudantil ocorrer há muito tempo na UFOP, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da instituição foi regulamentado somente em 2010, pela Resolução CEPE nº 4.164, de 13 de setembro, a qual foi alterada pela Resolução CEPE nº 5.789, de 16 de junho de 2014<sup>63</sup>. Neste documento constam o público abrangido pelo Programa (alunos de graduação regularmente matriculados na UFOP ou em instituições conveniadas), critério de integralização curricular mínima (dois períodos letivos na instituição de origem), a informação de que o período em mobilidade é contabilizado no tempo de

---

<sup>63</sup> Disponível em: [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_5789.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_5789.pdf) Acesso em 22 out. 17

integralização curricular, o tempo máximo para afastamento por mobilidade, os procedimentos para participação, as condições para o afastamento, as atribuições dos Colegiados de Curso, da PROGRAD e da CAINT.

A partir de 2012, com a seleção dos primeiros alunos para o programa CsF, os assuntos internacionalização da educação superior e mobilidade acadêmica internacional entraram definitivamente na pauta das universidades, não somente na UFOP. As instituições precisaram se adaptar a uma nova realidade, como expedição de documentos em inglês, aproveitamento de disciplinas cursadas em sistemas educacionais diferentes, orientação de alunos para a mobilidade, dentre outras questões burocráticas que fizeram parte do programa. No âmbito dessas adaptações, destacam-se as seguintes:

- Em setembro de 2012, foi adotado como critério de excelência para a participação no Programa CsF<sup>64</sup> o atendimento a uma das seguintes condições: coeficiente geral igual ou superior a sete pontos ou coeficiente geral igual ou superior a seis pontos e cinco décimos e sem nenhuma reprovação.
- Em maio de 2013, a Resolução CEPE nº 5235<sup>65</sup> foi um mecanismo para tratar dos problemas decorrentes das diferenças de calendários entre a UFOP e as mais diversas instituições, o que possibilitou a saída do aluno para mobilidade antes do término do período, com direito a avaliações diferenciadas, desde que decorridos 2/3 do semestre.
- A fim de regulamentar a Resolução CEPE nº 5235, em outubro de 2013 foi publicada a Portaria PROGRAD/CAINT nº02<sup>66</sup>, na qual estão expostos os procedimentos para a solicitação de Atividades Avaliativas Diferenciadas (AAD's) – casos de afastamento antes do término do período, e para o retorno até o 25º dia letivo do período (casos de retorno após o início das aulas).
- Em setembro de 2014, a UFOP alterou a Resolução do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional (Resolução CEPE nº 5.789). O tempo permitido para a mobilidade que era de até dois semestres letivos ou um ano,

---

<sup>64</sup> Resolução CEPE 4949. Disponível em: [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_4949.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_4949.pdf) Acesso em 22 out. 17

<sup>65</sup> Disponível em [http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO\\_CEPE\\_5235.pdf](http://www.soc.ufop.br/files/RESOLUCAO_CEPE_5235.pdf) Acesso em 22 out. 17

<sup>66</sup> Disponível em [http://www.caint.ufop.br/arqdown/normas/Portaria\\_PROGRAD-CAINT\\_n%C2%BA2-2013.pdf](http://www.caint.ufop.br/arqdown/normas/Portaria_PROGRAD-CAINT_n%C2%BA2-2013.pdf) Acesso em 22 out. 17

com possível renovação para mais um semestre letivo, passou a ser de até dois anos ou quatro semestres letivos, consecutivos ou não.

É possível notar que após o programa Ciência sem Fronteiras a ideia de se realizar uma mobilidade acadêmica internacional durante a graduação tornou-se ainda mais conhecida e procurada pelos alunos, além da recepção de alunos estrangeiros ter aumentado. Dessa forma, percebe-se a necessidade de avaliação dos programas de mobilidade oferecidos pela instituição por meio dos convênios, os quais já existiam e ainda perduram, mesmo com o fim do CsF.

#### **2.4.2.2.1 Fluxo do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional**

Muito antes da ida do aluno ao exterior, a CAINT realiza vários procedimentos para possibilitar esse período nas instituições conveniadas.

O primeiro passo é a consulta realizada junto às universidades parceiras a fim de se obter informações sobre os procedimentos de candidatura, prazos, número de vagas disponíveis, critérios de aceitação, proficiência em idioma estrangeiro, oferta de moradia, serviços oferecidos aos alunos e demais informações relevantes para o período de mobilidade. Essa consulta serve como base para a elaboração do edital de seleção e para a instrução aos alunos selecionados que geralmente realizam a mobilidade no semestre subsequente ao da seleção.

Nos últimos quatro anos, têm sido publicados editais específicos para os programas que contam com auxílio financeiro, como os programas financiados pelo Banco Santander<sup>67</sup> (ex: Top Espanha, Iberoamericanas, Mundi) e os programas em parceria com o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), de intercâmbio com a Colômbia<sup>68</sup> (BRACOL) e com o México<sup>69</sup> (BRAMEX). Também é publicado ao

---

<sup>67</sup> Mais informações disponíveis em: <https://www.santander.com.br/universidades/formacao> Acesso em: 24 set. 2018

<sup>68</sup> Mais informações disponíveis em: <http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=13> Acesso em: 24 set. 2018

<sup>69</sup> Mais informações disponíveis em: <http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=18> Acesso em: 24 set. 2018

menos uma vez por semestre o edital que contempla as instituições conveniadas, mas sem previsão de auxílio financeiro.

Os editais sem auxílio financeiro têm como critérios de avaliação: coeficiente de rendimento acadêmico (peso 5), currículo (peso 3) e proficiência em idioma estrangeiro (peso 2). Editais com previsão de bolsas possuem processo seletivo com duas etapas, sendo a primeira a classificação dos maiores coeficientes e a segunda a avaliação de currículo, carta de motivação, proficiência em idioma estrangeiro e em alguns casos a comprovação de situação econômico desfavorável.

A avaliação é feita pela equipe da CAINT e por comissões formadas por membros da Comissão Permanente de Internacionalização e os resultados são divulgados nos meios de comunicação da CAINT (site e Facebook). Após a divulgação dos resultados, todos os selecionados recebem um e-mail com todas as instruções necessárias, convocação para a reunião de orientação e solicitação de confirmação de interesse em prosseguir com a preparação para a mobilidade. Os e-mails e as reuniões de orientação são preparados conforme as informações obtidas junto às universidades parceiras e há uma grande variedade de procedimentos.

Na reunião de orientação, o aluno é informado sobre os procedimentos que deverão ser realizados junto à universidade parceira, como entrega de documentos e escolha de disciplinas, e sobre os procedimentos que deverão ser realizados junto à UFOP para a formalização de seu afastamento. Além disso, são prestadas informações sobre vistos, seguro-saúde e demais informações práticas e úteis para uma viagem ao exterior.

Um dos principais documentos dessa fase é o Plano de Trabalho, no qual deverão constar as disciplinas que o aluno irá cursar durante o período de mobilidade. Para preencher o formulário, o aluno deve ser acompanhado por um Professor Tutor, docente do seu curso que deverá ajudá-lo na escolha das disciplinas, considerando as características da universidade de destino, a matriz curricular da UFOP e os objetivos de formação do aluno. O Plano de Trabalho também é assinado pelo Presidente do Colegiado do curso, que é o responsável pelo acompanhamento dos alunos, bem como por orientar os procedimentos de aproveitamentos de créditos no retorno do discente. Cabe destacar que o acompanhamento do Professor Tutor e do Presidente do Colegiado do Curso está previsto na Resolução CEPE nº 4164, que versa sobre o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional.

Após a entrega da documentação na CAINT e o envio à instituição parceira, o aluno recebe a Carta de Aceite, documento que comprova seu período de mobilidade e que possibilita a obtenção do visto. Nesse ínterim, muitos contatos ainda são feitos, para esclarecimentos de dúvidas, atualização de Planos de Trabalho e eventuais questões relacionadas à mobilidade.

Antes da viagem, o aluno deve entregar o documento “Termo de Afastamento” no qual é informado seu endereço no país de destino, data de afastamento da UFOP e data da viagem. Após o recebimento do Termo de Afastamento é instruído o processo de mobilidade acadêmica internacional e é feito o lançamento da mobilidade no Sistema de Controle Acadêmico. Desta forma, durante o período no exterior, o status do aluno é registrado como “Em Mobilidade Acadêmica Internacional até 20xx/1 ou 2).

Para o retorno, o aluno é orientado a apresentar os seguintes documentos à CAINT: histórico escolar constando as notas de todas as disciplinas informadas no Plano de Trabalho; Termo de Retorno, que é o documento que consta a data de reapresentação do aluno à UFOP e o comprovante de resposta ao Relatório de Retorno, que é o questionário sobre o período de mobilidade, o qual é analisado neste trabalho. Este procedimento deve ser realizado pelo aluno, presencialmente, até o 25º dia letivo do período subsequente ao da mobilidade (data informada no Calendário Acadêmico), conforme consta na Portaria PROGRAD/CAINT nº 01/2013, citada anteriormente.

Além disso, caso o aluno tenha alterado a lista de disciplinas cursadas e não tenha atualizado o Plano de Trabalho junto à CAINT, também é necessário apresentar o novo Plano de Trabalho. A não entrega da documentação de retorno não impede que o aluno seja matriculado automaticamente no semestre subsequente à mobilidade. Entretanto, seu nome passa a constar na Lista de Presença somente após a entrega da documentação e o lançamento de retorno, por parte da CAINT, no Sistema de Controle Acadêmico.

Com a documentação de retorno, a CAINT encaminha o processo de Mobilidade Acadêmica Internacional do aluno para a Seção de Ensino do seu curso, para que seja orientado o aproveitamento dos créditos (procedimento que deve ser solicitado pelo aluno junto ao Colegiado de curso) e o processo arquivado junto aos demais documentos do aluno.

Após o seu retorno, o aluno é convidado a auxiliar os demais discentes que queiram realizar mobilidade internacional por meio da participação no programa “Intercambista Amigo”, que consiste em um cadastro disponibilizado no site da CAINT, constando nome, curso, instituição e país de destino e endereço de e-mail. Além disso, no ano de seu retorno, o aluno participa do Seminário de Internacionalização (SEINTER) que ocorre junto ao Encontro de Saberes da UFOP (geralmente no mês de novembro), o qual reúne mostras de iniciação científica, extensão, de projetos relacionados ao ensino de graduação e de pós-graduação.

No SEINTER, os alunos são agrupados por área do conhecimento e são convidados a dividirem suas experiências com os demais colegas, alunos interessados em realizar mobilidade, professores dos cursos correlatos e servidores técnico-administrativos relacionados ao processo de mobilidade acadêmica. Esta é uma oportunidade de compartilhar os resultados da mobilidade e fazer uma avaliação sobre os aspectos positivos e negativos de todo o processo, sendo importante não somente para a equipe da CAINT, mas também para os demais servidores da Universidade envolvidos e para os alunos que desejam ter uma experiência no exterior.

### **3 METODOLOGIA**

Neste tópico apresenta-se a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, considerando o tipo de estudo e os procedimentos e técnicas para coleta e análise dos dados.

#### **3.1 Tipo de Pesquisa**

Considerando seu objetivo geral, este estudo pode ser classificado como exploratório, pois, conforme Gil (2002), nesse tipo de pesquisa busca-se o aprimoramento de ideias além da maior familiaridade com o problema. Além disso, também pode ser considerado descritivo, pois busca identificar as características da política de internacionalização da UFOP no que tange à mobilidade estudantil de graduação bem como, conforme expõe Gil (2002), verificar a existência de associação de variáveis.

#### **3.2 Objeto de Estudo**

O objeto de estudo é a política de internacionalização da Universidade Federal de Ouro Preto, relacionada à mobilidade internacional de estudantes de graduação, e os alunos que retornaram entre os anos de 2014 e 2017 da mobilidade internacional realizada em instituições conveniadas.

É importante esclarecer que se optou por não incluir o Programa Ciência Sem Fronteiras devido às suas condições específicas, como seleção dos estudantes e financiamento. Além disso, a maioria das instituições de destino dos estudantes beneficiários do CsF não possuem convênio com a UFOP, o que não condiz com um dos objetivos do trabalho que é analisar o programa de mobilidade por convênios, o qual antecede o CsF e ainda permanece. Também não foram incluídos

os programas BRAFITEC e BRANETEC por terem condições parecidas com o programa CsF.

Considerando o período de retorno à UFOP entre 2014-2 e 2017-2, 219 alunos, de 26 cursos, foram para 42 instituições, de 12 países, por meio dos convênios estabelecidos pela instituição estudada.

**Tabela 1 - Número de alunos de mobilidade por convênios e número de respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2**

<b>Ano</b>	<b>Saída</b>	<b>Retorno</b>	<b>Respostas</b>
2014	38	46	35
2015	67	72	67
2016	61	59	56
2017	53	58	55
<b>Total</b>	<b>219</b>	<b>235</b>	<b>213</b>

Fonte: CAINT/UFOP (2018).

Nos Apêndices C, D e E deste trabalho encontram-se as tabelas com o quantitativo de alunos por país e por curso e de alunos por país e instituição de destino.

### **3.3 Procedimentos e Técnicas de Coleta de Dados**

Quanto aos procedimentos técnicos de coleta de dados, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre os temas internacionalização do ensino superior no Brasil e no mundo, mobilidade acadêmica de graduação no ensino superior brasileiro e em especial na UFOP.

Realizou-se uma busca na base de dados Scielo utilizando-se os seguintes descritores: “internacionalização universitária”; “internacionalização” e “ensino superior”; “mobilidade estudantil”; “internationalization” e “higher education”; “internacionalización” e “educación”; e “internacionalización” e “universidad”. Dos resultados encontrados, foi feita uma seleção baseada nos títulos e nos resumos dos artigos e no ano de publicação, sendo o mais antigo de 2006 e o mais recente de 2017.

Também foi realizada uma busca na base de dados Web of Science, em junho de 2017, utilizando-se os descritores “internationalization”, considerando que

são encontradas duas grafias da palavra (*internationalisation e internationalization*) e “higher education”, associados, para o período de 2012 a 2017. Dos 190 resultados encontrados, após a seleção dos artigos considerando o título e o resumo, chegou-se a 90 artigos.

Considerando que este estudo é sobre a UFOP, fez-se uma busca no Repositório<sup>70</sup> da referida instituição utilizando-se os descritores “internacionalização”, “mobilidade” e “cooperação internacional”. Foram encontrados trabalhos de duas docentes, que discutem a internacionalização relacionada à educação à distância e à área de Serviço Social, mas que não tratam especificamente da UFOP.

Na busca realizada no Google Acadêmico, com os mesmos critérios, foram identificados dois trabalhos realizados por técnico-administrativos da UFOP. Um deles é o artigo de Santos e Dias (2012), sobre os programas de mobilidade oferecidos aos alunos de graduação à época e o outro é a dissertação de mestrado de Braz (2015), que trata do Programa ANDIFES de mobilidade nacional, os quais foram abordados no referencial teórico deste trabalho.

Ainda em busca de pessoas da comunidade acadêmica que estudem o tema internacionalização, foi feita uma consulta à plataforma SOMOS UFOP<sup>71</sup>, que retornou os seguintes resultados de acordo com as palavras-chaves indicadas pelos próprios pesquisadores relativamente a suas produções. O quadro 4 apresenta essas informações.

**Quadro 4 - Docentes da UFOP que pesquisam o tema internacionalização universitária e seus correlatos**

<b>Palavra-chave</b>	<b>Docente</b>	<b>Departamento</b>
Internacionalização	Daniel Orey	Educação Matemática
Mobilidade estudantil e Internacionalização da Educação Superior	Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão	Ciências Econômicas e Gerenciais
Cooperação e Internacionalização	Inajara de Salles Viana Neves	Educação e Tecnologias
Seleção de candidatos à mobilidade acadêmica	José Luiz Vila Real Gonçalves	Letras
Internacionalização de PD	Silvana Prata Camargos	Engenharia de Produção

Fonte: Plataforma Somos UFOP (2017).

<sup>70</sup> Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/> Acesso em 19 out. 2017

<sup>71</sup> O Somos UFOP foi desenvolvido para facilitar o mapeamento das competências da UFOP, com o objetivo de incrementar a interação da Universidade em áreas de pesquisa científica e tecnológica com instituições públicas e privadas. Disponível em <http://www.somos.ufop.br/> Acesso em 19 out 2017

Além da busca por publicações científicas, também foi realizada uma pesquisa documental junto aos órgãos da UFOP relacionados à internacionalização e à mobilidade estudantil de graduação, a fim de se verificar quais as normas aprovadas e as ações desenvolvidas na Universidade, que se relacionem com a mobilidade internacional para alunos de graduação. A pesquisa documental também foi realizada junto aos websites do Ministério da Educação, CAPES e outras entidades relacionadas ao tema de internacionalização da educação superior. De acordo com Gil (2002), dentre as vantagens da pesquisa documental estão o fato de que os documentos são uma fonte rica e estável de dados, além de apresentarem baixo custo.

Considerando que o foco da pesquisa é a mobilidade internacional de estudantes, os dados para análise foram coletados junto ao Sistema de Controle Acadêmico e junto ao sistema de gestão interna da Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFOP. Uma das fontes de coleta de dados foi o Relatório de Retorno, formulário eletrônico da CAIN/UFOP, que é preenchido pelos estudantes de graduação como item obrigatório para regularização de sua matrícula junto à Universidade, após a realização da mobilidade acadêmica internacional.

O Relatório de Retorno é um formulário do Google<sup>72</sup>, composto por uma parte de identificação (nome, curso na UFOP, país e instituição de destino) e por 19 perguntas, sendo 11 fechadas e oito abertas, sobre temas como disciplinas cursadas, métodos de ensino e avaliação, infraestrutura da instituição de destino, dificuldades e recomendações, além de um espaço aberto para observações gerais. As respostas às perguntas fechadas seguem a seguinte escala: ótimo, regular, fraco, péssimo / muito melhor, melhor, equivalente, pior, muito pior. O referido Relatório foi implementado em julho de 2014 e já foi respondido por 219 alunos participantes do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP com instituições conveniadas e seu roteiro de perguntas encontra-se disponível no Anexo A deste trabalho.

Também foi aplicado um questionário adicional aos alunos participantes do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, com o qual obteve-se 41

---

<sup>72</sup> Disponível em:

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScYvdh\\_1cb8UvocT88TKFSKc1z9Vq8XHFF59tfcqeTtpnBPjg/viewform](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScYvdh_1cb8UvocT88TKFSKc1z9Vq8XHFF59tfcqeTtpnBPjg/viewform) Acesso em: 19 out 2017

respostas. Foram feitas perguntas sobre: grupo familiar, renda, número de viagens ao exterior, como tomou conhecimento sobre o Programa, objetivos de participação, escolha do país de destino, estudo de idiomas, avaliação do apoio prestado pela CAINT, aproveitamento de disciplinas, contribuição com a UFOP a partir da experiência obtida, influência da mobilidade na tomada de decisões acadêmicas e profissionais. O roteiro completo está disponível no Apêndice F deste trabalho.

### **3.4 Procedimentos de Análise e Interpretação dos Dados**

A análise e interpretação dos dados foram feitas por meio de análise de conteúdo. Para Bardin (2011), análise de conteúdo é o conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Busca-se com a análise de conteúdo inferir conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), recorrendo-se a indicadores (quantitativos ou não).

A análise de conteúdo dá-se em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferências e interpretação. (BARDIN, 2011). Com relação à primeira fase da análise de conteúdo referente ao Relatório de Retorno, foi feita uma análise geral das questões fechadas, considerando a totalidade das respostas dos estudantes que realizaram mobilidade acadêmica internacional em instituições conveniadas. Foram excluídas as respostas repetidas, nesses casos mantendo-se as respostas mais recentes.

Para efeitos de análise, foram coletados alguns dados adicionais, por meio do Sistema de Controle Acadêmico da UFOP, os quais foram acrescentados à planilha de dados, quais sejam: gênero, idade, categoria de cor de pele, situação acadêmica atual dos alunos, semestres cursados antes e depois da mobilidade, coeficiente de rendimento acadêmico antes e depois da mobilidade.

Foram produzidos gráficos referentes às questões fechadas e sobre os dados adicionais coletados, como número de alunos por curso e por país, gênero, categoria de cor de pele, média de coeficientes antes e depois da mobilidade, média de notas, disciplinas e reprovações, média de gastos mensais, avaliação da instituição de destino (método de ensino e de avaliação, infraestrutura, apoio ao

aluno estrangeiro), avaliação da UFOP em comparação com a instituição de destino (método de ensino e de avaliação, infraestrutura).

Optou-se avaliar no geral e por país, devido à grande variedade de cursos e instituições e apesar de todos os alunos estarem incluídos nos cálculos de médias, e nas representações gráficas, a discussão se limitará apenas aos resultados derivados de amostragens com número acima de três, a fim de se evitar conclusões generalizadas com base em dados que baixa representatividade dos cursos e países e baixa repetibilidade na população estudada.

Em relação às questões abertas, primeiramente foi feita uma leitura de todas as respostas de cada uma das perguntas. Para o grupo de respostas de cada pergunta, foi realizado um agrupamento em categorias, seguindo-se os critérios propostos por Bardin (2011) para tal: validade, pertinência e adequação; exaustividade ou inclusividade; homogeneidade, exclusividade ou exclusão mútua; objetividade, consistência ou fidedignidade. Para análise das questões abertas também se utilizou a representação em gráficos.

Passaram por esse procedimento as perguntas: motivos de reprovação; desenvolvimento de atividades extracurriculares; três principais dificuldades enfrentadas durante a estadia, em ordem de prioridade; recomendações a um aluno da UFOP que fosse estudar na mesma instituição; avaliação do aproveitamento acadêmico, cultural e pessoal; recebimento de prêmio, distinção ou outra forma de reconhecimento pelo desempenho acadêmico.

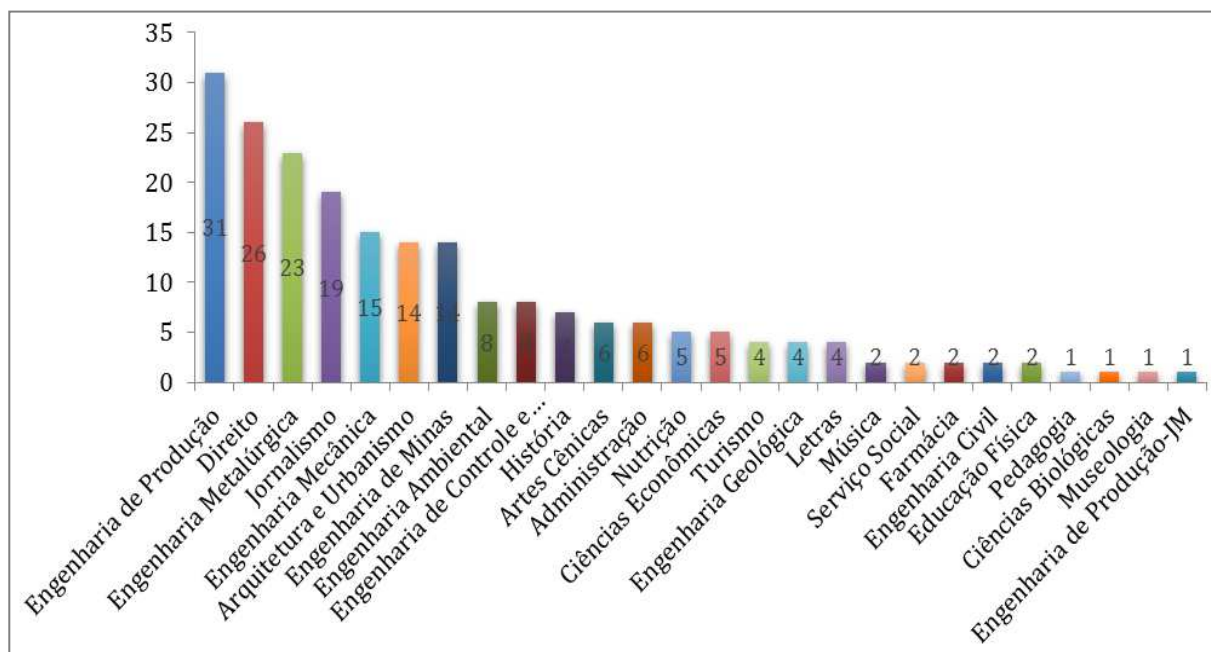
A terceira fase da análise de conteúdo, que se refere ao tratamento dos resultados, inferências e interpretações será apresentada na seção a seguir.

### **3.5 Análise dos Dados**

Entre os semestres de 2014-2 e 2017-2, 213 alunos retornaram do exterior por meio do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e responderam, pelo menos em parte, o Relatório de Retorno. Destes, 41 responderam ao questionário adicional que foi enviado no início de 2018.

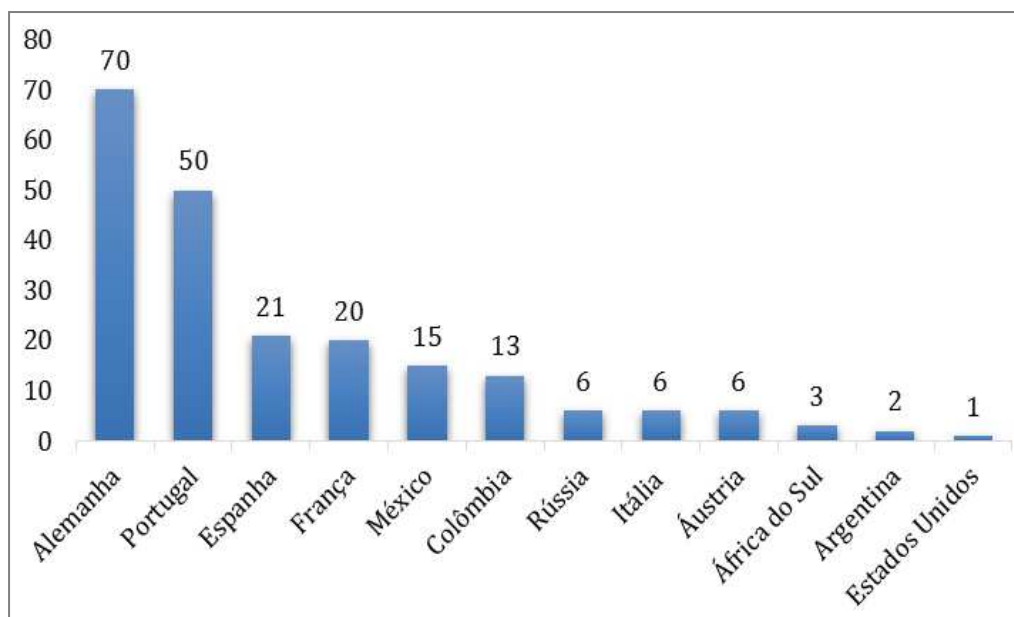
Participaram do Programa alunos de 26 dos 51 cursos de graduação da UFOP, sendo Engenharia de Produção - Campus Ouro Preto (14,5%), Direito (12,2%) e Engenharia Metalúrgica (10,7%) os mais representados (Figura 1).

**Figura 1 - Cursos de origem dos alunos que retornaram entre 2014-2 e 2017-2**



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos destinos, representados na Figura 2, a Alemanha (32,8%) é o país que mais recebe alunos da UFOP, seguido de Portugal (23,4%). Os dois países receberam pouco mais de 50% dos participantes do Programa e também são os destinos dos alunos dos cursos que mais enviam alunos. A Alemanha foi o destino de aproximadamente 50% dos alunos de Engenharia de Produção e Engenharia Metalúrgica, e Portugal recebeu 38% dos alunos de Direito. Percebe-se ainda que, no geral, 12 países receberam alunos da UFOP, não somente da Europa, mas também das Américas e da África.

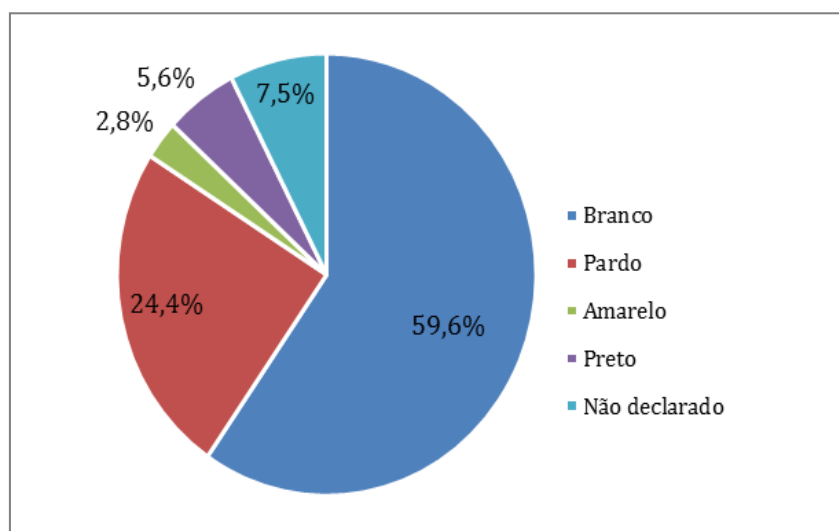
**Figura 2 - Países de destino para mobilidade**

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a instituições de destino, a UFOP enviou alunos para 42 estabelecimentos, estando a maior parte deles localizados na Colômbia (11). Isto se deve principalmente pela participação da UFOP no Programa de Intercâmbio Brasil-Colômbia (BRACOL), gerido pelo Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). Entretanto, as instituições que mais receberam alunos da UFOP foram a Hochschule Reutlingen, na Alemanha, e a Universidade do Porto, em Portugal, com 30 alunos cada, tendo a instituição portuguesa uma maior variedade de participantes de cursos diferentes. A tabela completa de países, instituições, cursos de origem e número de alunos encontra-se disponível no Apêndice F.

É importante destacar que os países Estados Unidos, Argentina e África do Sul receberam respectivamente 3, 2 e 1 alunos. Dessa forma, alguns dados relativos a esses países podem ser de difícil comparação com os demais países.

A média de idade dos participantes do Programa foi de 23 anos, sendo a maioria do gênero feminino (58%) e quase 60% deles declaram-se brancos (Figura 3).

**Figura 3 - Participantes do Programa de Mobilidade: Categoria de cor de pele**

Fonte: Elaborado pela autora.

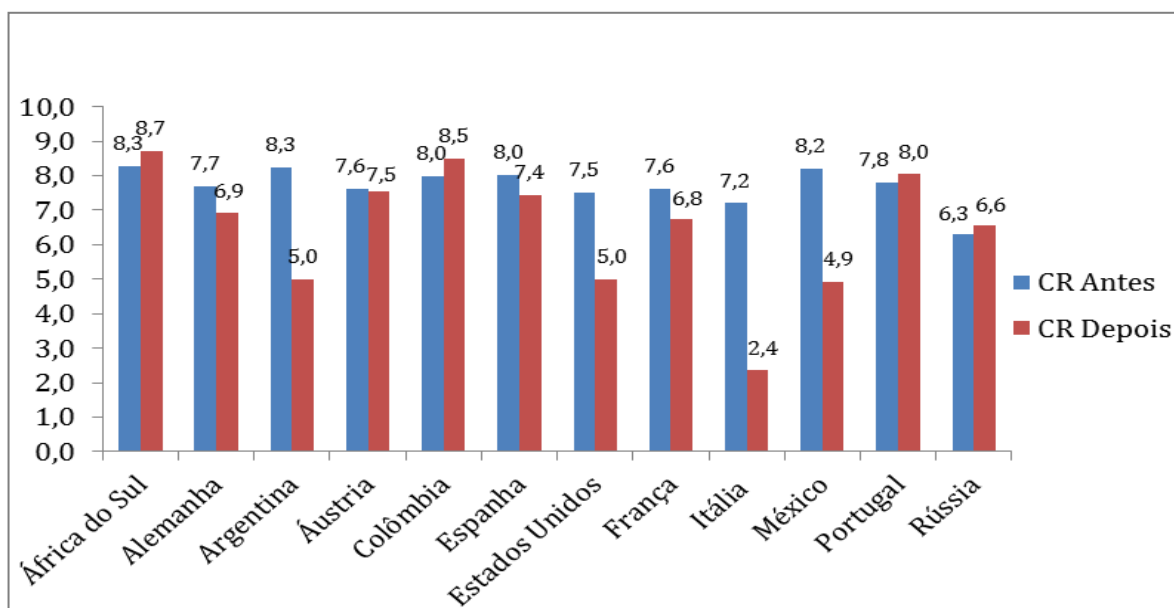
Com exceção da Alemanha, da Áustria e da Rússia, todos os demais países receberam mais alunos do gênero feminino. A distribuição de gênero por países e por cursos encontra-se disponível nos Apêndices G e H.

Verificou-se que os alunos geralmente realizam a mobilidade após cursarem uma média de sete semestres acadêmicos. Vale destacar que 69,5% da amostra é composta por alunos de cursos com duração de 10 semestres acadêmicos.

No momento da análise dos dados, no início do primeiro semestre de 2018, 67,1% já estavam diplomados, 31,9% ainda estavam matriculados na UFOP e 1% encontrava-se afastado ou evadido.

A média do coeficiente de rendimento no semestre anterior ao da mobilidade é de 7,75 e no semestre cursado após o retorno é de 7,97, conforme dados obtidos juntos aos históricos escolares dos alunos. A elevação do coeficiente, entretanto, foi determinada pelos valores dos alunos que realizaram a mobilidade em apenas quatro países (África do Sul, Colômbia, Portugal e Rússia, cf. Figura 4), e em apenas dois dos 17 cursos representados por mais de três alunos (Arquitetura e Urbanismo, Turismo), conforme figura do Apêndice I.

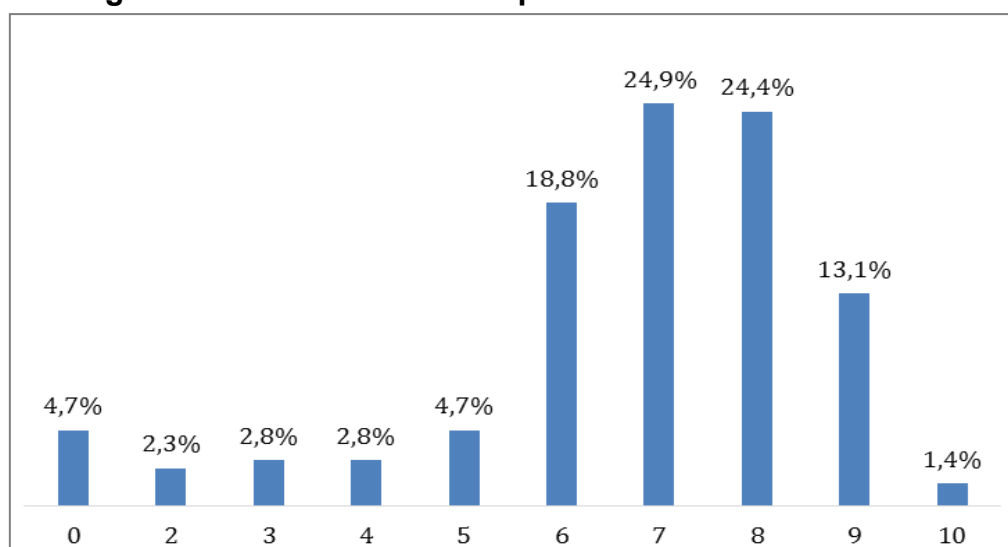
**Figura 4 - Coeficiente de Rendimento Acadêmico antes e depois da mobilidade, por país**



Fonte: Elaborado pela autora.

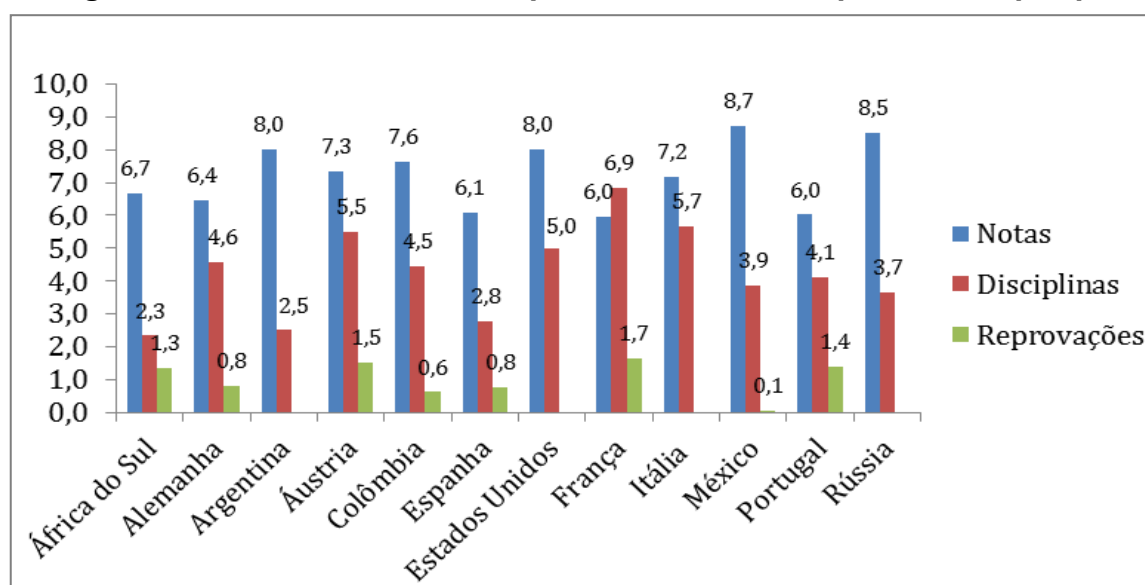
Com exceção dos alunos de duplo diploma, cuja mobilidade dura, pelo menos, três semestres acadêmicos, os demais alunos permanecem em mobilidade por aproximadamente 6,8 meses.

Durante a mobilidade, os discentes cursaram em média 4,4 disciplinas por semestre, reprovaram em aproximadamente uma delas e receberam uma nota geral média de 6,6 pontos (Figura 5). Os alunos que apresentaram maior média de disciplinas cursadas foram os de Arquitetura e Urbanismo (5,4), enquanto a maior média de notas e maior média de reprovações foram obtidas, respectivamente, pelos alunos de Letras (7,8) e de Engenharia de Controle e Automação (1,8). As figuras representando o número de disciplinas e de reprovações e a média de notas por curso na UFOP encontram-se no Apêndice J.

**Figura 5 - Média de notas do período de mobilidade - Geral**

Fonte: Elaborada pela autora.

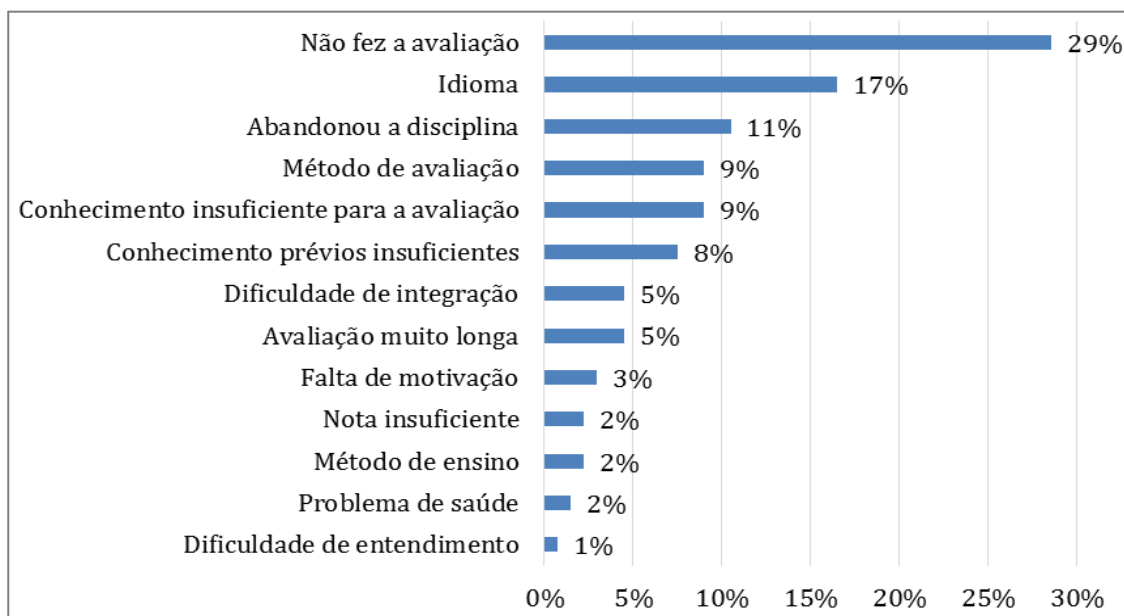
O país com a maior média de notas é o México (8,7) e os países com a maior média de reprovações são Áustria (1,4) e França (1,7). Se for feita uma comparação entre a média de disciplinas cursadas e reprovações, a África do Sul é o país com mais reprovações (57%), seguido de Portugal (34%), Espanha (28%), Áustria (27%) e França (24%). Segue abaixo a Figura 5 que apresenta a média de notas, disciplinas cursadas e reprovações, por país.

**Figura 6 - Média de notas, disciplinas cursadas e reprovações, por país**

Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação a reprovações, verificou-se que 48% dos participantes reprovaram em pelo menos uma disciplina, e dentre os motivos mais apontados estão a não realização da avaliação, o idioma e o abandono da disciplina (Figura 7).

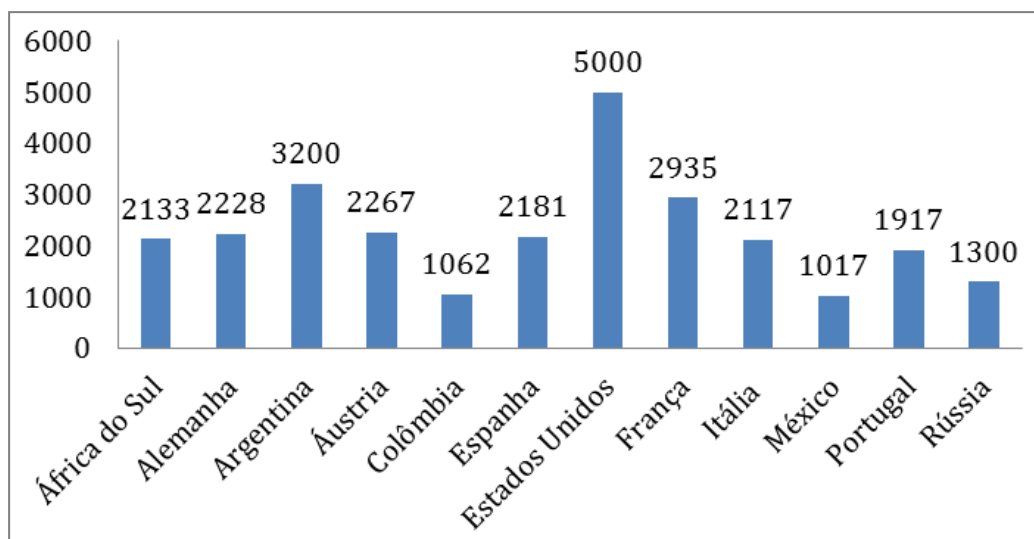
**Figura 7 - Motivos para reprovações durante a mobilidade**



Fonte: Elaborada pela autora.

A média de gastos mensais geral declarada pelos alunos para o período da mobilidade foi de R\$2072,46. É importante considerar que os gastos foram calculados tendo-se por base o câmbio no momento da partida do aluno. A Figura 8 apresenta esses dados.

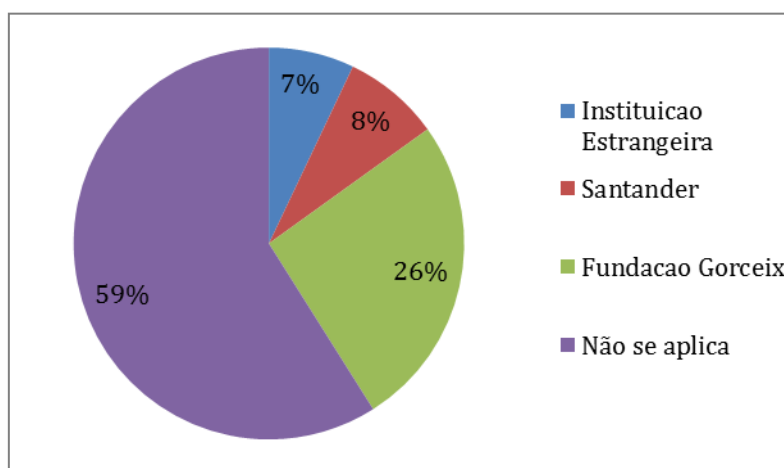
**Figura 8 - Média de gastos mensais por país (R\$)**



Fonte: Elaborada pela autora.

Vale destacar que 41% dos alunos receberam algum tipo de auxílio financeiro durante a mobilidade (Figura 9). Por meio dos Programas Brasil-Colômbia e Brasil-México os alunos recebem, da instituição de destino, auxílio para hospedagem e alimentação, seja por meio de pagamento em dinheiro ou por meio de acesso, sem custos, a moradias e restaurantes universitários. Os Programas do Banco Santander fornecem um pagamento único, antes da viagem e o aluno tem liberdade para a destinação dos recursos, que geralmente são de aproximadamente R\$10.000,00. Já os alunos da Escola de Minas contam com o apoio da Fundação Gorceix<sup>73</sup>, que até 2016 forneceu bolsas para os alunos dos cursos de Engenharias e Arquitetura (R\$1800,00, por 5 meses). A distribuição de bolsas por ano está representada na figura do Apêndice K.

**Figura 9 - Distribuição de bolsas de mobilidade**



Fonte: Elaborada pela autora.

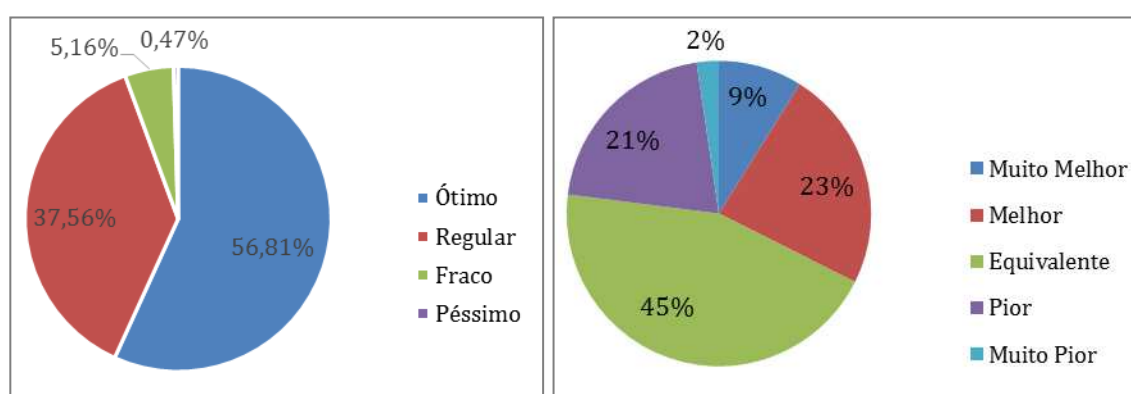
Na segunda seção do questionário, é feita uma avaliação da instituição de destino, quanto ao método de ensino, de avaliação, quanto à infraestrutura e à recepção ao aluno estrangeiro. Em seguida, essa avaliação é feita em comparação com a UFOP.

<sup>73</sup> A Fundação Gorceix é uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de utilidade pública, para fins de pesquisa científica e tecnológica, de assistência social, de educação, de cultura e de incentivo a atividades voltadas para o desenvolvimento indústria brasileiro, priorizando em seus diversos projetos contratados a participação de professores e alunos da Escola de Minas de Ouro Preto. Disponível em: <http://site.gorceixonline.com.br/historia>; <http://site.gorceixonline.com.br/apoio-a-escola-de-minas> Acesso em 30 agosto 2018.

Optou-se por apresentar a seguir as avaliações gerais e por país, para efeitos de análise mais significativa, considerando a grande variedade de instituições de destino e cursos de origem.

Em relação ao método de ensino, considerando a totalidade das respostas, verificou-se que mais da metade dos participantes o consideraram como ótimo. Em comparação com a UFOP, 45% dos participantes o consideraram equivalente e 32% avaliaram como melhor e muito melhor (Figura 10).

**Figura 10 - Método de ensino: Avaliação geral e Comparação com a UFOP**

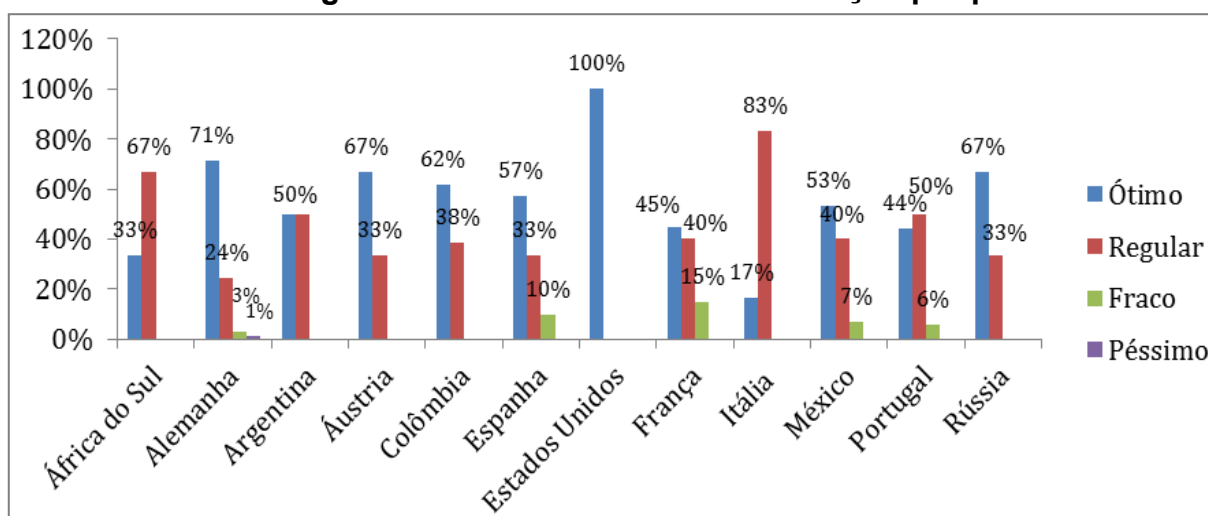


Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos países de destino, o método de ensino foi classificado como ótimo em sua maioria, estando as classificações “Fraco” e “Péssimo” presentes somente em avaliações da Alemanha, Espanha, França, México e Portugal (Figura 11). A comparação do método de ensino das instituições estrangeiras com o da UFOP está representada na figura do Apêndice L.

No caso da Alemanha, apesar de 41% dos participantes avaliarem o método de ensino como equivalente ao da UFOP, 51% avaliaram como melhor e muito melhor. Considerando a Espanha, verifica-se que a porcentagem de avaliação “equivalente”, 38%, é igual à soma das avaliações “melhor” e “muito melhor”. Já para a França, 40% dos participantes consideram o método de ensino “pior” ou “muito pior” se comparado ao da UFOP e 45% o consideram equivalente.

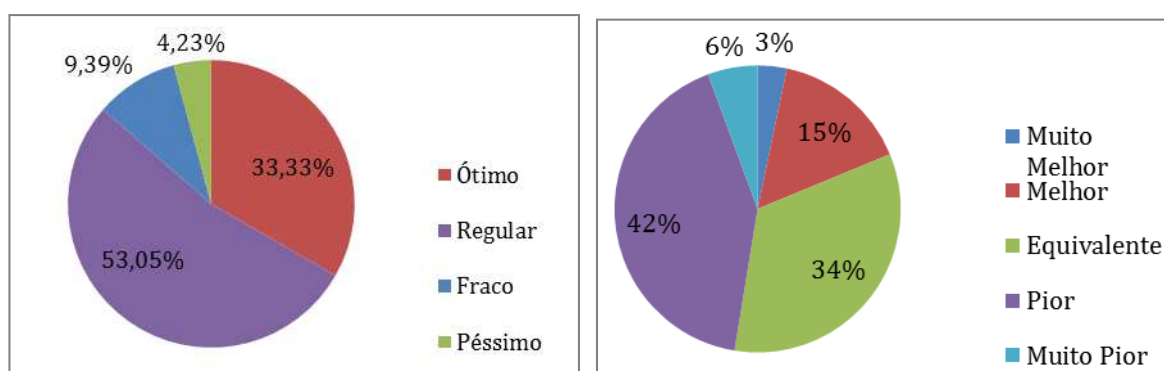
**Figura 11 - Método de Ensino: avaliação por país**



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao método de avaliação, no geral, mais de 50% dos participantes o classificaram como “Regular”. Em comparação com o método de avaliação da UFOP, este é considerado pior que o da UFOP por 42% dos participantes do Programa. Somando-se a porcentagem da classificação “Muito pior”, o total aumenta para 48% dos respondentes (Figura 12).

**Figura 12 - Método de Avaliação Geral e em comparação com a UFOP**

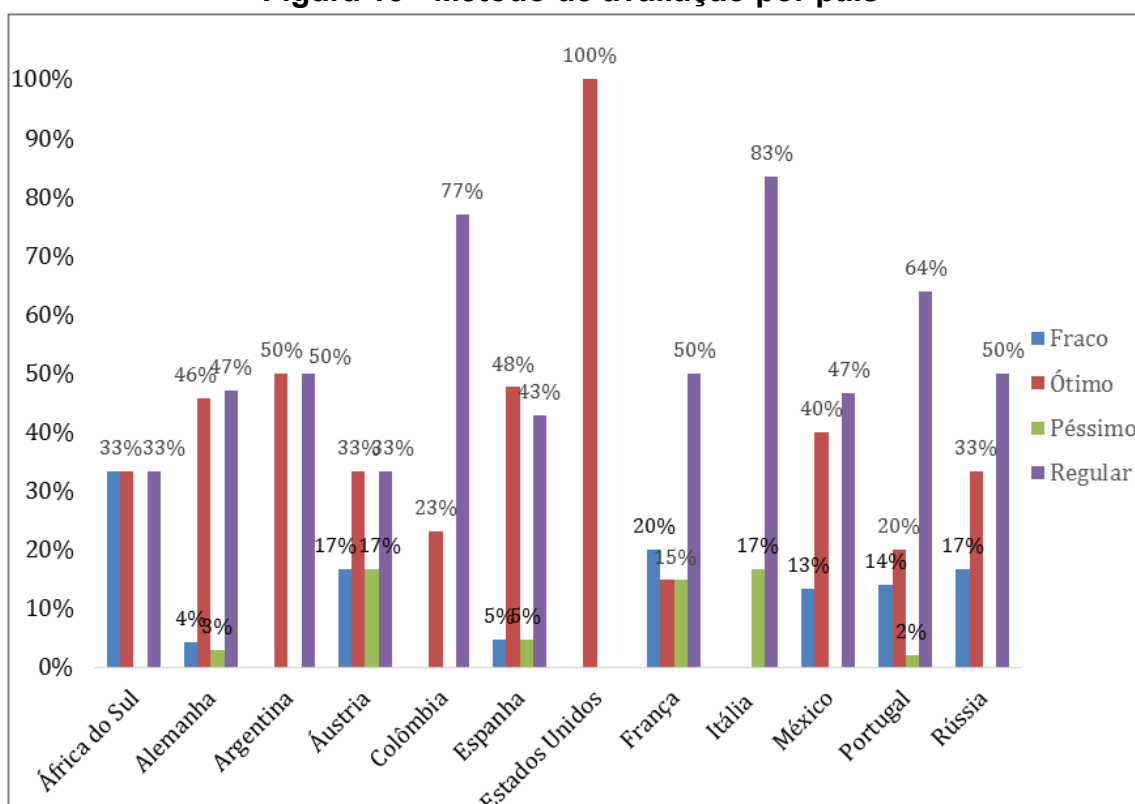


Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à avaliação por país, somente na Espanha o método de avaliação foi considerado “Ótimo” (Figura 13). Excluindo-se os países Argentina, Colômbia e Estados Unidos, os demais também apresentaram classificação “Fraco” e “Péssimo”. Em comparação com a UFOP, o método de avaliação das instituições estrangeiras foi considerado pior (42%). Apenas Argentina, Colômbia, Espanha e México apresentaram a avaliação

“equivalente” maior do que a avaliação “pior”. Itália e França apresentaram as maiores porcentagens para a soma das avaliações “pior” e “muito pior”, sendo 65% e 77% do total, respectivamente. A comparação do método de avaliação das instituições estrangeiras com o da UFOP está representada na figura do Apêndice M.

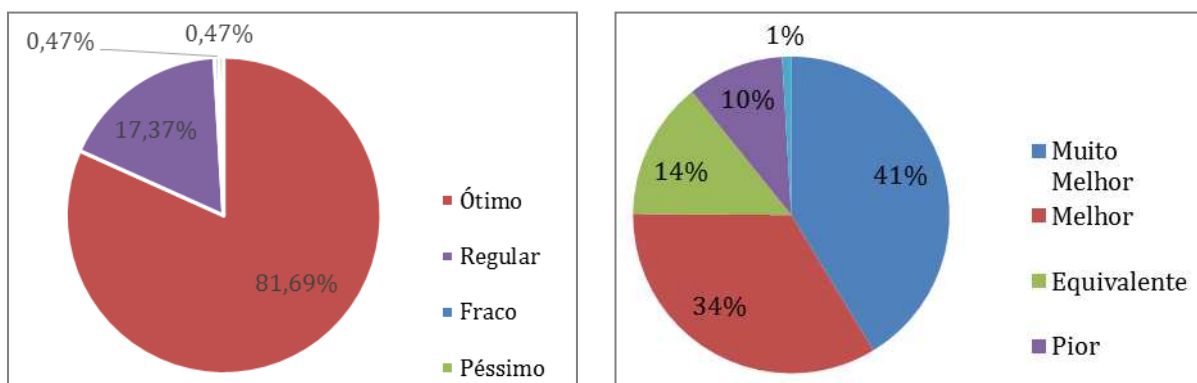
**Figura 13 - Método de avaliação por país**



Fonte: Elaborada pela autora.

Quase 100% dos respondentes afirmaram que a infraestrutura da instituição de destino é ótima (Figura 14). Somente na Argentina e na Itália a classificação “Regular” apareceu em primeiro lugar. Comparando com a infraestrutura da UFOP, verificou-se que 41% dos alunos consideraram “muito melhor” a infraestrutura da instituição de destino. Considerando ainda a avaliação “melhor”, verifica-se que 75% dos participantes apontaram a infraestrutura da instituição de destino como melhor que a da UFOP.

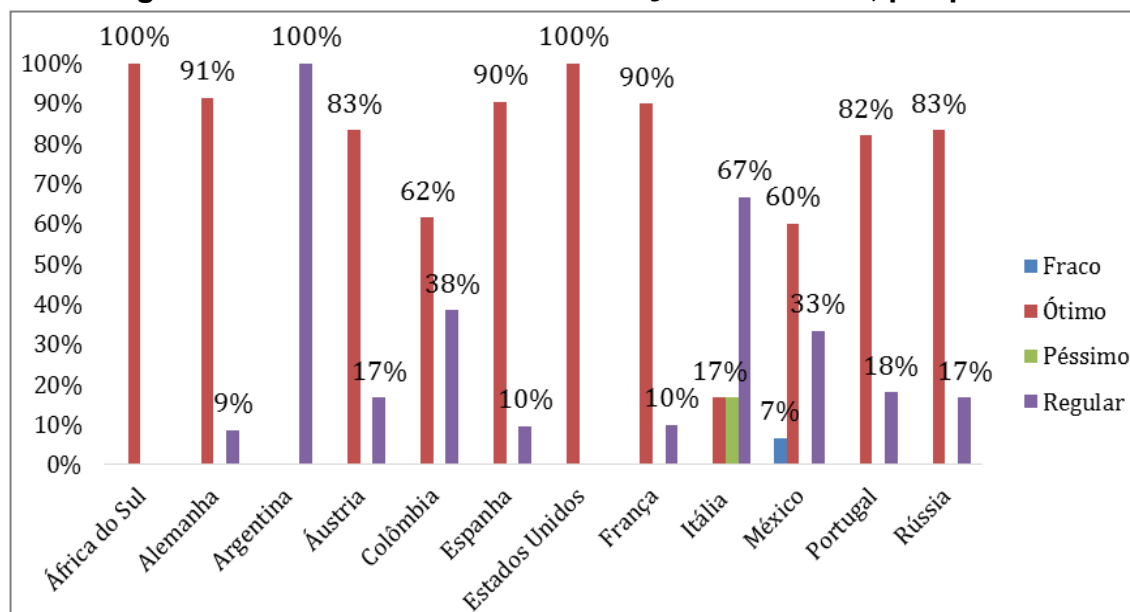
**Figura 14 - Infraestrutura da instituição de destino e Avaliação geral e em comparação com a UFOP**



Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à avaliação da estrutura da instituição de destino por país (Figura 15), a maioria dos países apresentou as avaliações “melhor” e “muito melhor” como as mais altas, com exceção da Itália (50% equivalente) e do México (40% equivalente). A comparação da infraestrutura das instituições estrangeiras com a da UFOP está representada na figura do Apêndice N.

**Figura 15 - Infraestrutura da instituição de destino, por país**

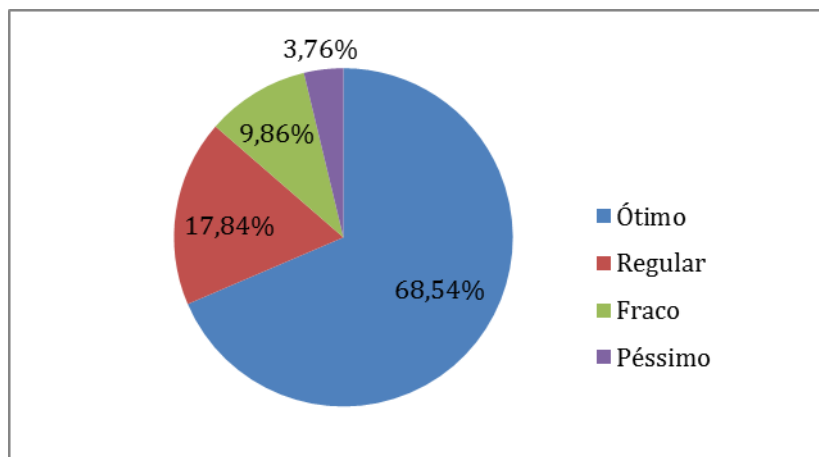


Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto à recepção e acompanhamento ao aluno estrangeiro, mais de 60% dos participantes afirmaram que foi ótima (Figura 16). Abaixo da média

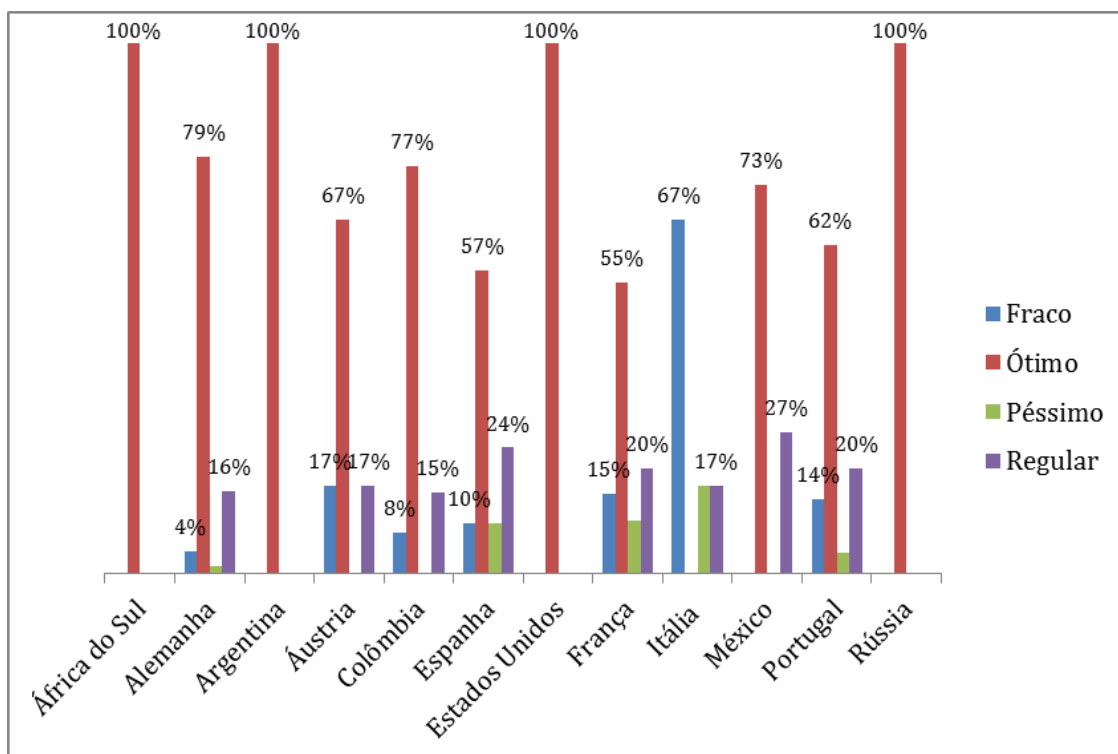
geral da avaliação “ótimo” estão os países Áustria, Espanha, França, Itália e Portugal (Figura 17).

**Figura 16 - Recepção e acompanhamento ao aluno estrangeiro – Geral**



Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 17 - Recepção e acompanhamento ao aluno estrangeiro - Por país**



Fonte: Elaborada pela autora.

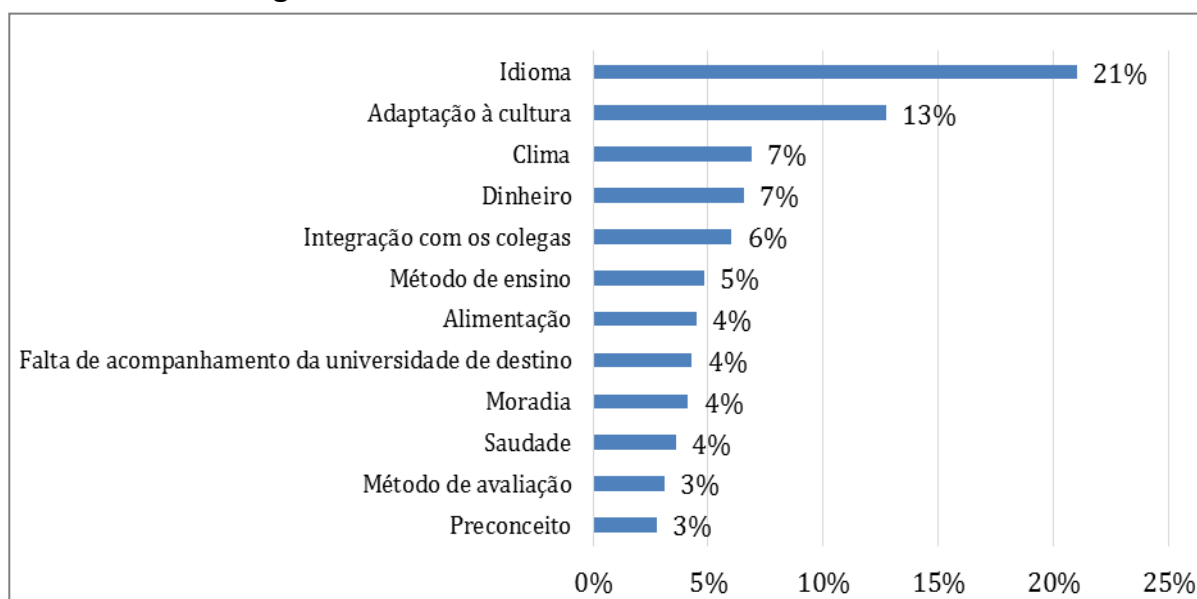
Após a avaliação da instituição de destino, os alunos apresentam suas dificuldades relacionadas à mobilidade. Em relação à questão “Elenque as 03

principais dificuldades que você enfrentou durante sua estadia no exterior em ordem de prioridade”, foram obtidas 581 respostas. Excluindo-se as 12 pessoas que indicaram nenhuma dificuldade, foram mencionadas 569 dificuldades, as quais foram agrupadas em 28 categorias.

Aproximadamente 18% das dificuldades foram classificadas como: Burocracia; Custo de vida; Estrutura da cidade; Falta de acompanhamento da UFOP; Falta de apoio financeiro por parte da UFOP; Falta de conhecimento em área específica; Fuso horário; Integração com as pessoas locais; Integração com os professores; Matrícula; Problemas bancários; Problemas de saúde; Problemas familiares; Realização de atividades extracurriculares; Solidão; Visto.

As categorias com mais recorrência estão expostas na figura a seguir na figura 18:

**Figura 18 - Dificuldades relacionadas à mobilidade**



Fonte: Elaborada pela autora.

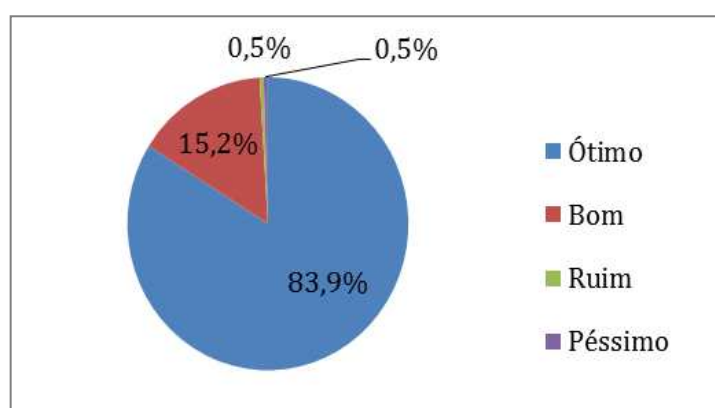
Considerando a ordem de prioridade, em primeiro lugar aparecem o idioma (32,8%), dinheiro (7,9%) e integração com os colegas (7%). Em segundo lugar, a adaptação à cultura (17,8%), idioma (13,1%) e clima (10,3%). E em terceiro, na ordem de prioridade, foram citadas as dificuldades com idioma (11,2%), adaptação à cultura (10,3%) e clima (6,1%).

Também foi solicitado aos participantes do programa que avaliassem o aproveitamento obtido com a mobilidade internacional. Como a questão é

aberta, foi feita uma análise das respostas e um agrupamento em 4 categorias (ótimo, bom, ruim, péssimo).

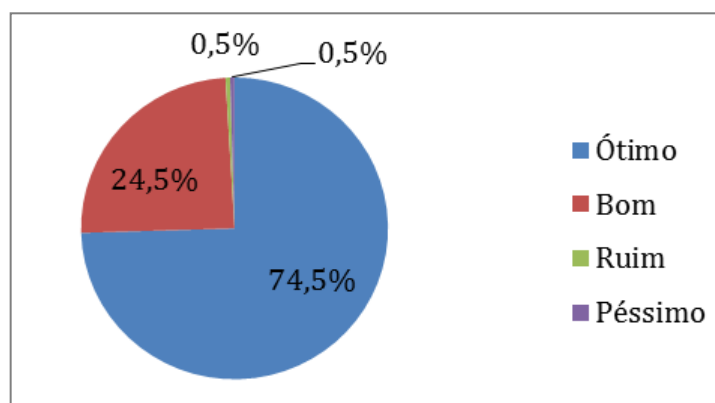
O aproveitamento pessoal (Figura 19) teve o maior destaque, sendo classificado como “Ótimo” por 83,9% dos participantes. O aproveitamento cultural (Figura 20) também obteve avaliação muito positiva, com quase a totalidade dos participantes o apontando como “Bom” ou “Ótimo”. Os aproveitamentos pessoal e cultural por país são apresentados nas figuras dos Apêndices O e P.

**Figura 19 - Aproveitamento Pessoal - Geral (%)**



Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 20 - Aproveitamento Cultural - Geral (%)**

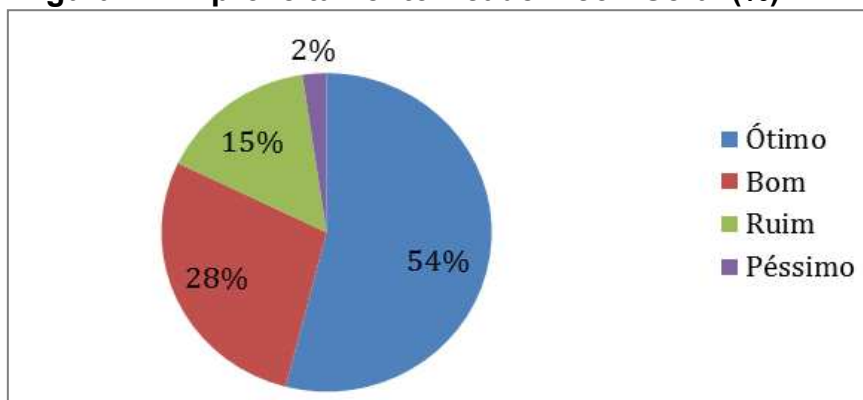


Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao aproveitamento acadêmico, apresentado nas figuras 21 e 22, apenas 17% dos participantes o indicaram como “Ruim” ou “Péssimo”, entretanto, nenhum país apresentou essas avaliações com valores maiores do

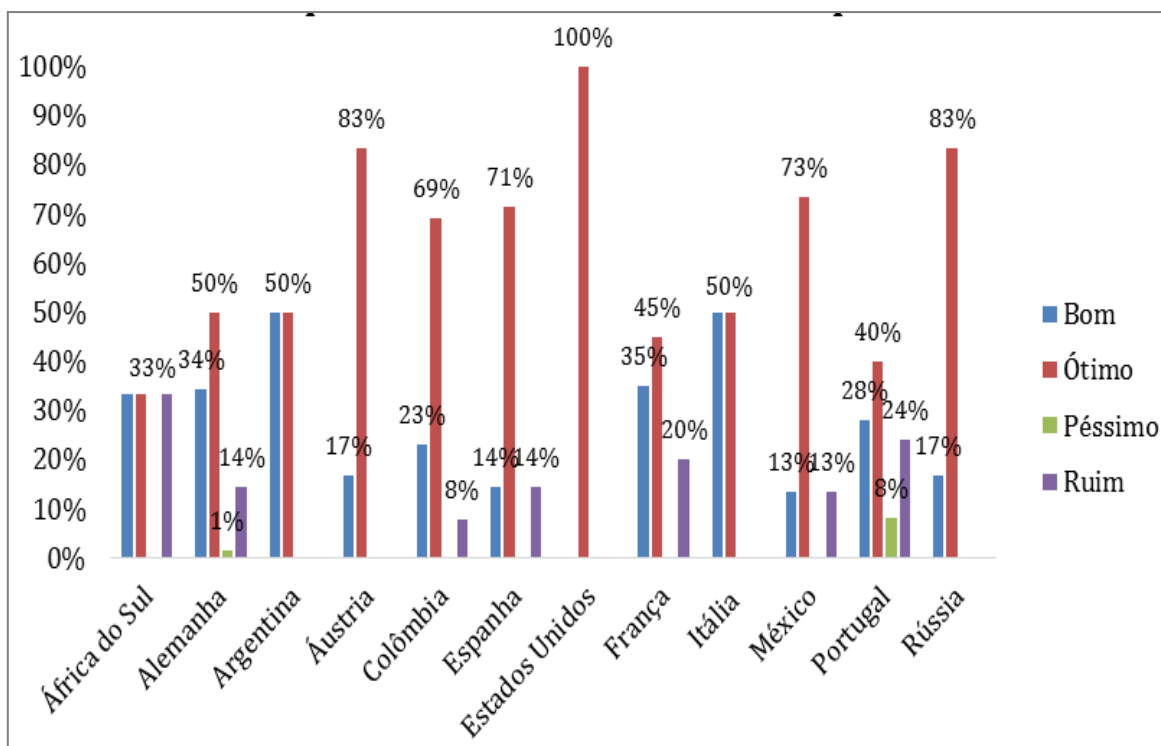
que as demais. Acima da média geral de avaliação estão os países Áustria, Colômbia, Espanha, México e Rússia.

**Figura 21 - Aproveitamento Acadêmico - Geral (%)**



Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 22 - Aproveitamento Acadêmico - Por país**



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à questão “Que recomendação você daria a um aluno que irá sair da UFOP para estudar na mesma Universidade em que você esteve?”,

foram obtidas 325 respostas, as quais foram agrupadas em 24 categorias e que estão descritas no Apêndice Q.

Essas categorias também foram agrupadas em tipos, conforme a figura 23 abaixo:

**Figura 23 - Recomendações por categoria**

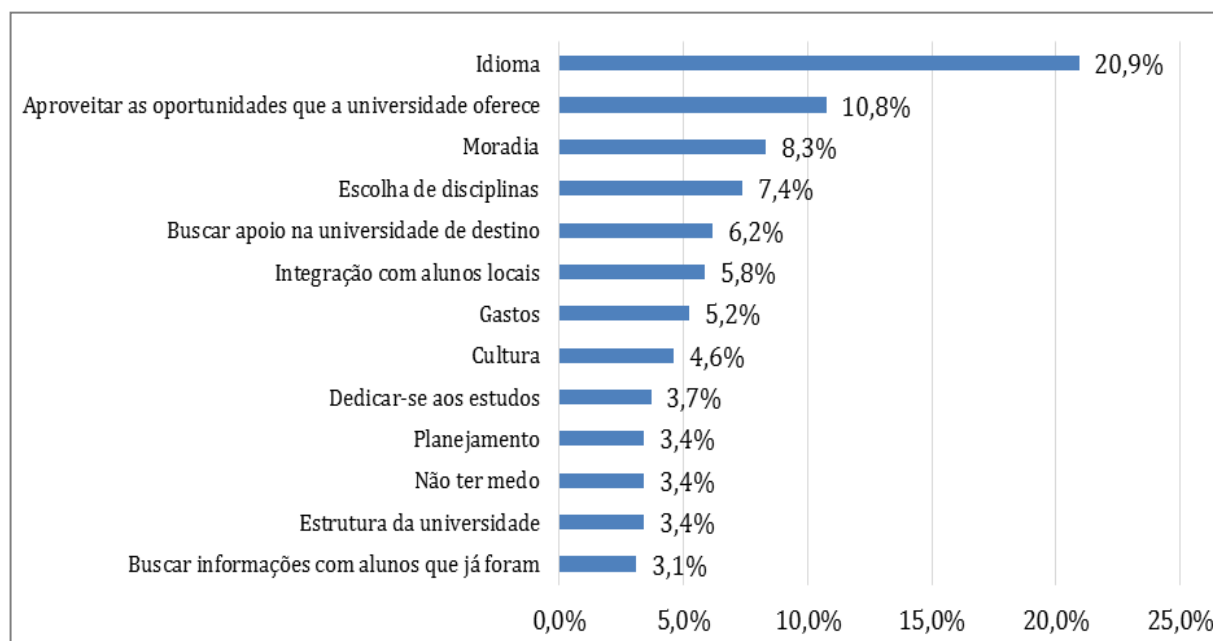


Fonte: Elaborada pela autora.

Aproximadamente 4% das recomendações foram agrupadas nas 11 seguintes categorias: Benefícios; Cidade; Clima; Documentação; Duração da mobilidade; Método de ensino; Não ir; Segurança; Transporte; Viajar; Visto.

As demais categorias, com mais recorrência, estão expostas na figura 24 a seguir:

**Figura 24 - Recomendações**



Fonte: Elaborada pela autora.

Os alunos também foram indagados sobre atividades extras realizadas durante o período de mobilidade e sobre eventuais prêmios, distinções ou outras formas de reconhecimento pelo desempenho acadêmico na Universidade de destino. Aproximadamente 38% dos estudantes afirmaram ter desenvolvido atividades extras, como pesquisa (25%), estágio (24%) e participação em eventos (21%). Dentre as formas de reconhecimento, foram citadas, por aproximadamente 15% dos discentes participantes do Programa: convite para a pós-graduação (50%), certificados de participação em projetos e eventos (22%) e bolsas de estudos (16%). As figuras referentes às atividades extras e ao reconhecimento acadêmico estão disponíveis nos Apêndices R e S.

Com o desenvolvimento da pesquisa, notou-se a necessidade de levantar alguns dados relativos ao período anterior e posterior à mobilidade. Por isso, também foi enviado um questionário adicional aos 213 alunos, com retorno de 41 respostas, as quais também serão analisadas a seguir.

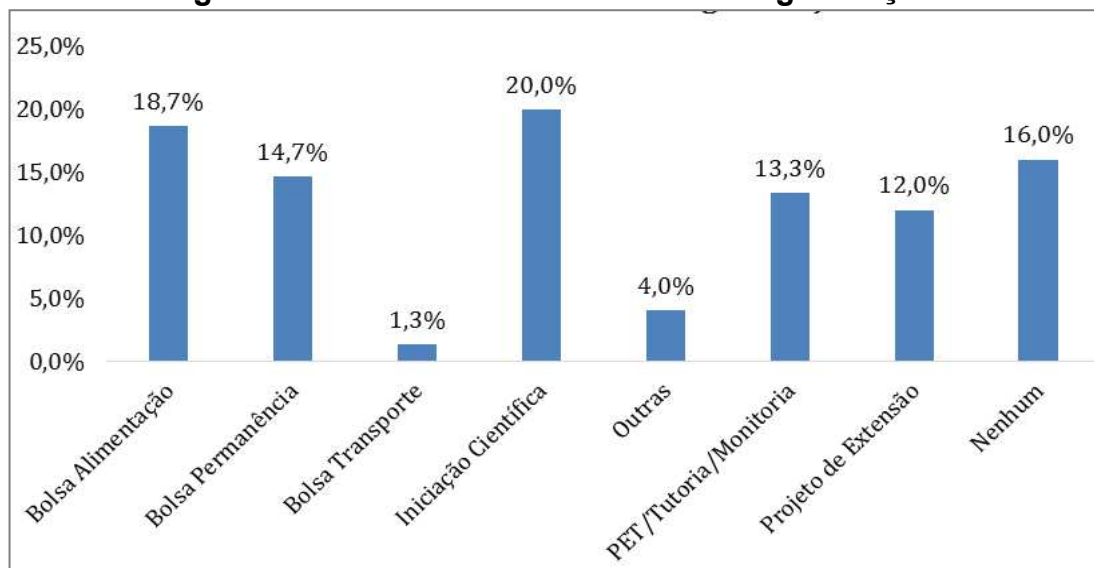
Com relação ao estado de origem dos participantes, 68% são de Minas Gerais, 12% de São Paulo, 10% do Rio de Janeiro, e 10% são dos estados do Espírito Santo, Piauí e do Distrito Federal. A proporção de alunos provenientes do estado de Minas Gerais é próxima ao índice levantado pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) no Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes da UFOP<sup>74</sup>, que é de 63,8%.

Quanto à renda familiar, a maioria dos alunos concentra-se na faixa de 3 a 6 salários mínimos (41,46%), com grupo familiar composto de 1 a 3 pessoas (53,66%). Foi considerado o valor do salário mínimo no momento da saída do aluno do país, os quais são apresentados na figura do Apêndice T com a distribuição de respondentes por faixa de renda e no Apêndice U são apresentados os dados sobre grupo familiar.

Mais de 80% deles receberam auxílio financeiro durante a graduação (Figura 25), seja por meio das bolsas de assistência estudantil ou de iniciação científica, projetos de extensão, dentre outros.

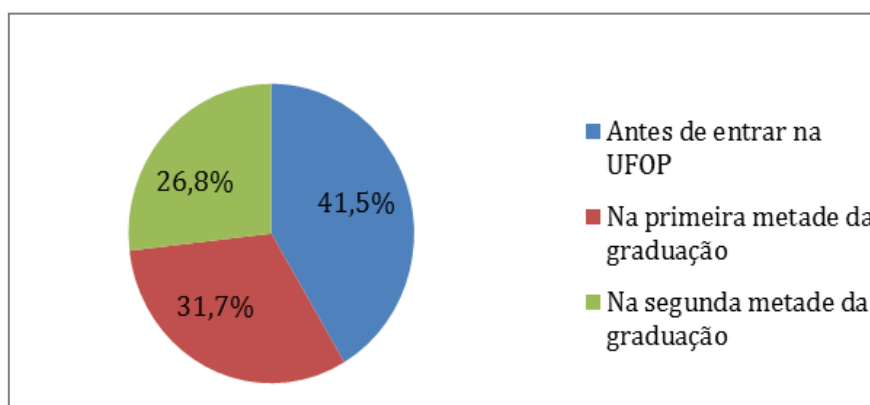
---

<sup>74</sup> Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação da UFOP: ingressantes na Graduação 2017-1. Disponível em: [http://www.prace.ufop.br/sites/default/files/perfil\\_socioeconomico\\_e\\_cultural\\_dos\\_estudantes\\_u\\_fop\\_-\\_vol\\_01.pdf](http://www.prace.ufop.br/sites/default/files/perfil_socioeconomico_e_cultural_dos_estudantes_u_fop_-_vol_01.pdf)

**Figura 25 - Auxílio Financeiro durante a graduação**

Fonte: Elaborada pela autora.

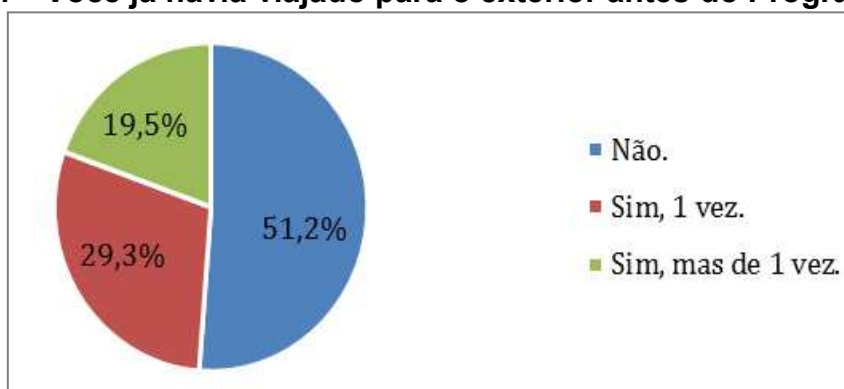
Em relação ao momento em que os alunos decidiram que realizariam uma mobilidade (Figura 26), percebe-se que mesmo antes de entrar na Universidade, mais de 40% deles já possuíam a intenção de estudar no exterior. E aproximadamente 32% tomaram essa decisão na primeira metade do curso.

**Figura 26 - Momento da decisão sobre realizar a mobilidade (%)**

Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto a viajar para o exterior, mais da metade dos alunos relataram que a primeira viagem internacional foi por meio do Programa, conforme apresentado na Figura 27.

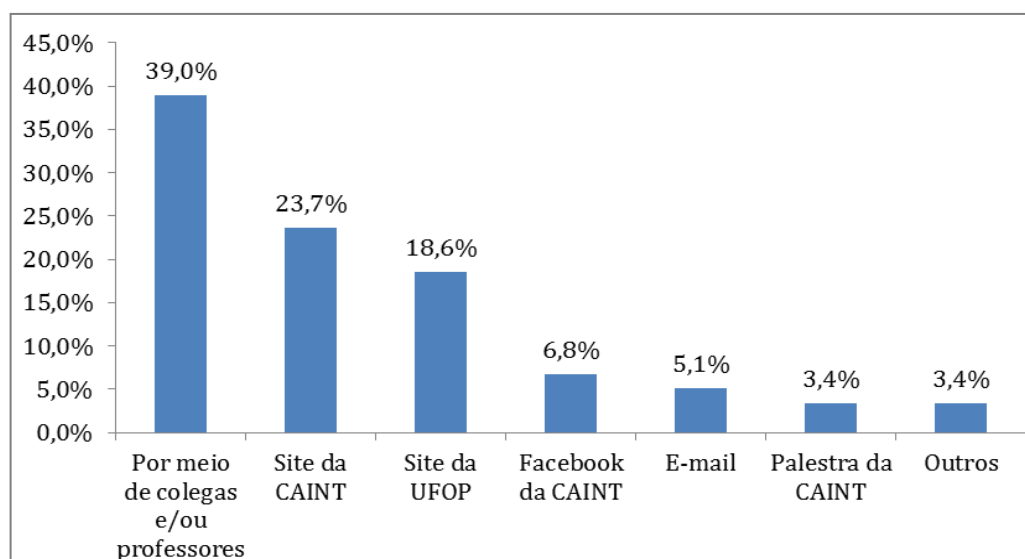
**Figura 27 - Você já havia viajado para o exterior antes do Programa?**



Fonte: Elaborada pela autora.

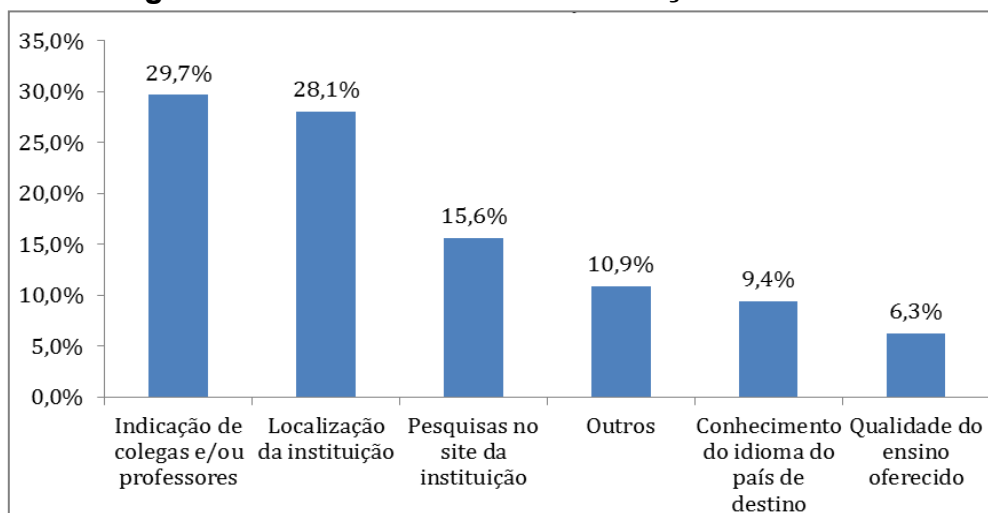
Quanto ao conhecimento sobre o Programa, aproximadamente 40% dos respondentes afirmaram que souberam por meio de colegas e/ou professores, como mostrado na Figura 28 abaixo.

**Figura 28 - Como soube do Programa?**



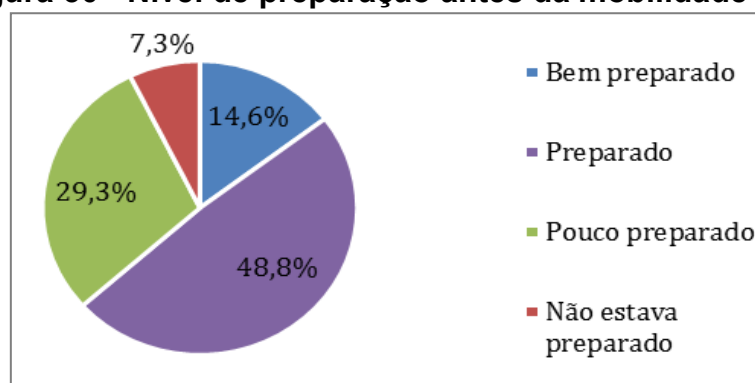
Fonte: Elaborada pela autora.

Com relação à escolha da instituição de destino (Figura 29), aproximadamente 30% dos alunos seguiram a indicação de colegas e/ou professores. Além das opções apresentadas no questionário, os alunos ainda apontaram como motivos o custo-benefício, a disponibilidade dentre as instituições conveniadas e a possibilidade de desenvolvimento de pesquisa no mesmo tema da iniciação científica desenvolvida na UFOP.

**Figura 29 - Como escolheu a instituição de destino?**

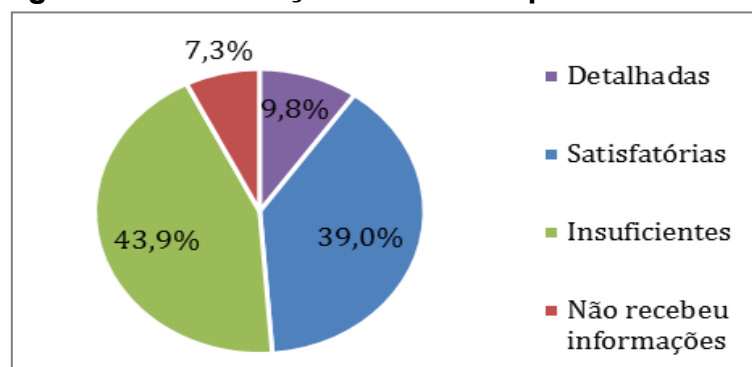
Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à mobilidade, apresentada na Figura 30, mais da metade dos alunos afirmaram se sentir preparados e bem preparados.

**Figura 30 - Nível de preparação antes da mobilidade**

Fonte: Elaborada pela autora.

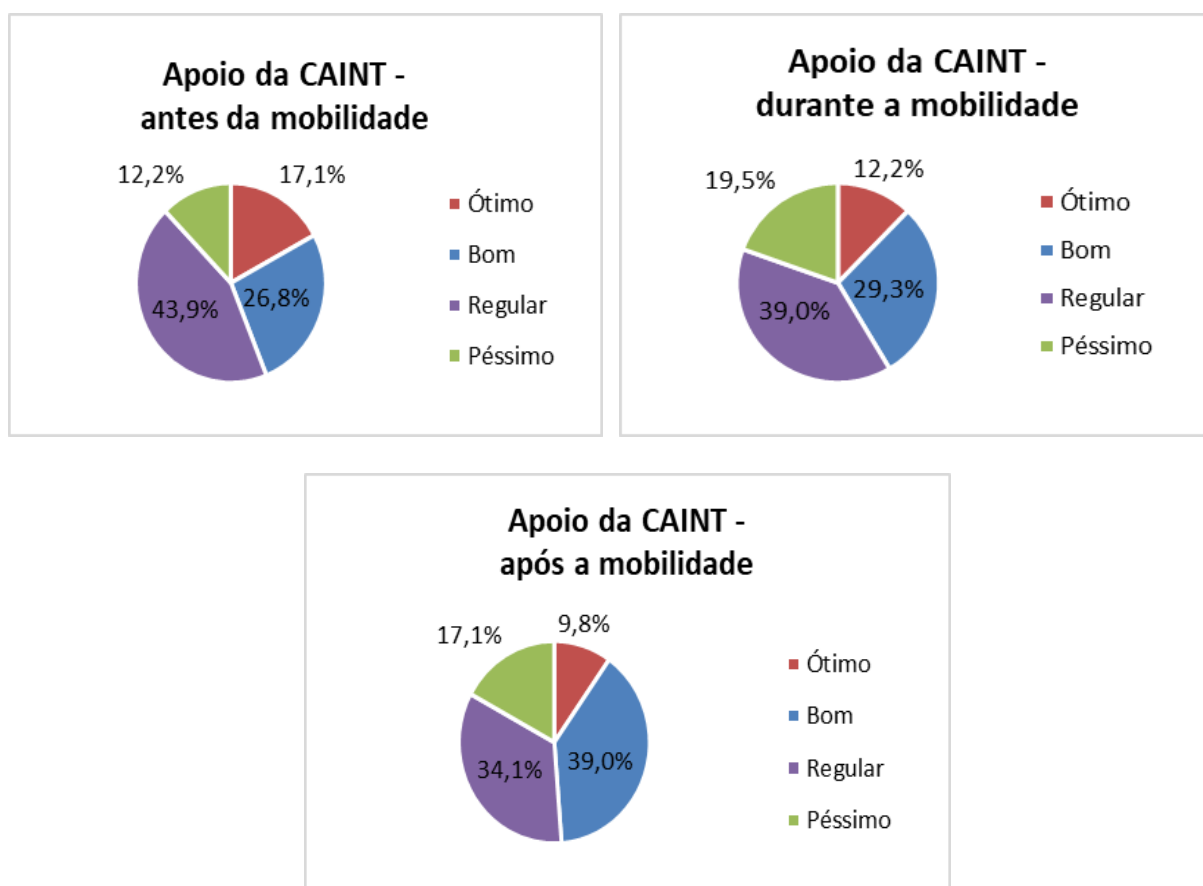
Quanto às informações recebidas pela CAINT (Figura 31), nota-se uma divisão. Aproximadamente 40% dos alunos afirmaram que foram insuficientes e outros 39% indicaram que foram satisfatórias.

**Figura 31 - Informações recebidas pela CAINT**

Fonte: Elaborada pela autora.

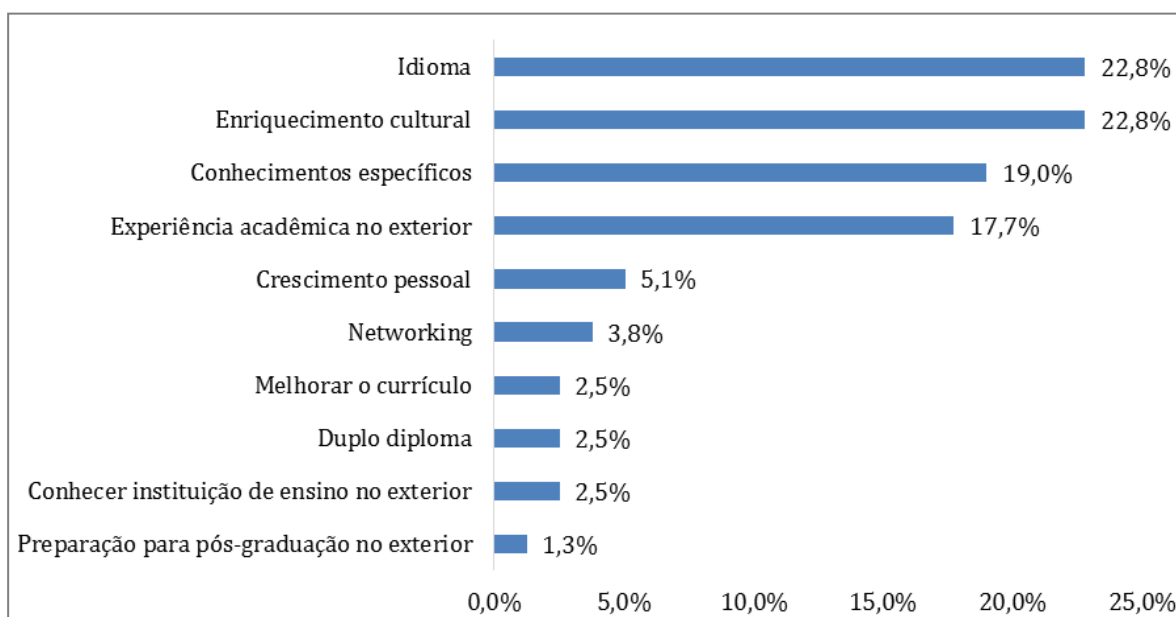
Ao verificar o apoio da CAINT antes, durante e após a mobilidade, nota-se que a classificação “regular” é a de maior recorrência nos três momentos e que o momento que precisa de mais atenção pela CAINT é durante a mobilidade.

**Figura 32 - Apoio da CAINT**

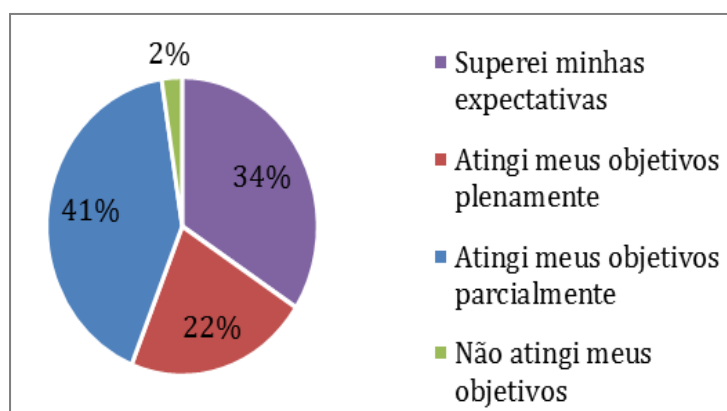


Fonte: Elaborada pela autora.

Os alunos também foram questionados sobre seus objetivos com o Programa. Os três objetivos mais recorrentes foram o aperfeiçoamento do idioma estrangeiro, o enriquecimento cultural e a aquisição de conhecimentos específicos nas respectivas áreas de formação (Figura 33). Aproximadamente 40% afirmaram que atingiram seus objetivos parcialmente e 34% afirmaram ter superado suas expectativas (Figura 34).

**Figura 33 - Objetivos de participação no Programa**

Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 34 - De que forma você considera que atingiu seus objetivos?**

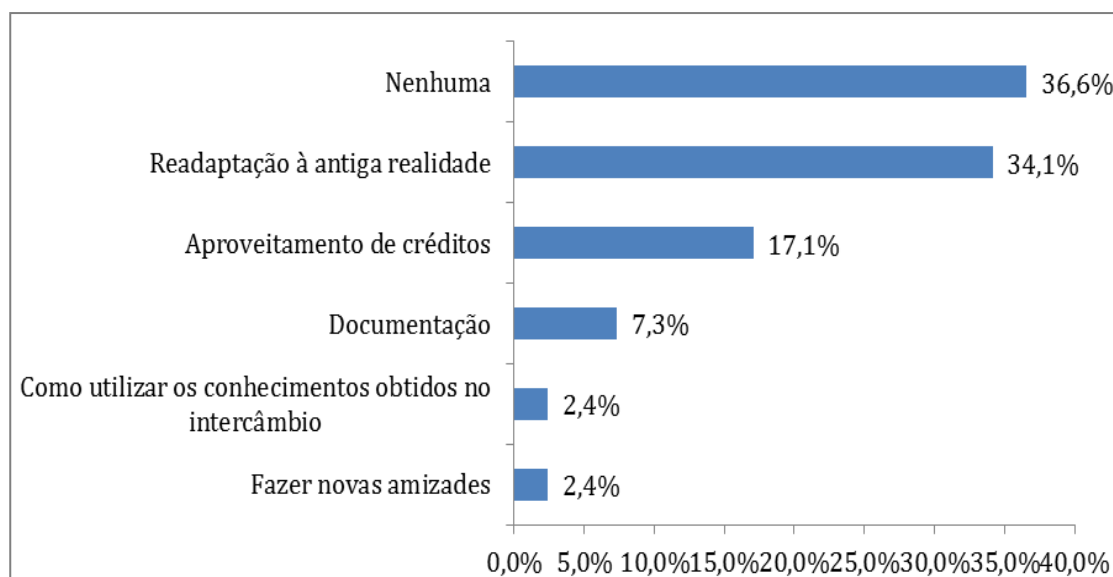
Fonte: Elaborada pela autora.

Como justificativa para não atingir os objetivos ou atingi-los parcialmente os alunos apontaram questões acadêmicas (31,6%), como o nível de dificuldade das disciplinas, a oferta de disciplinas que não poderiam ser aproveitadas, a constatação de que deveriam ter se dedicado mais e a impossibilidade de fazer estágio (10,5%). O idioma (52,6%) também foi uma das questões levantadas, pela dificuldade de compreensão e pela impossibilidade de atingir o nível de proficiência desejado durante o período do intercâmbio.

Os alunos que afirmaram ter atingido seus objetivos plenamente ou ter superado seus objetivos indicaram principalmente o crescimento pessoal (40,7%) e o aproveitamento acadêmico (37%) como justificativas. As figuras referentes às justificativas relacionadas aos objetivos encontram-se no Apêndice V.

Em relação às dificuldades de retorno, verificou-se que 36,6% afirmaram que não tiveram dificuldades. Entretanto, a maior dificuldade apontada foi a readaptação à antiga realidade (34,1%), seguida do aproveitamento de créditos (17,1%). Além disso, foram citadas dificuldades com documentação, em utilizar os conhecimentos obtidos no intercâmbio e fazer novas amizades (Figura 35).

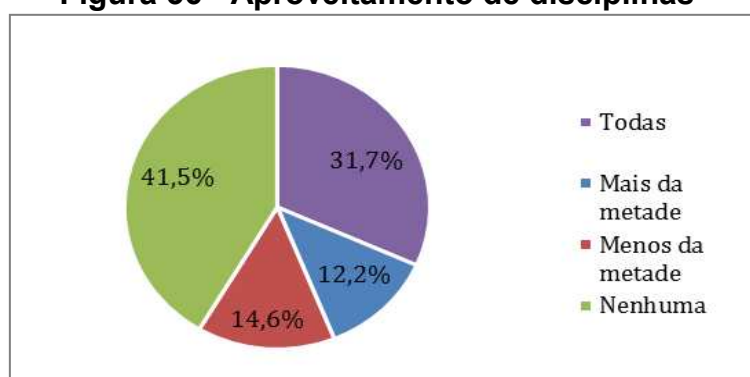
**Figura 35 - Dificuldades no retorno**



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao aproveitamento de créditos, uma das dificuldades apontadas no retorno, verificou-se que 41,5% dos alunos respondentes não aproveitaram nenhuma disciplina (Figura 36).

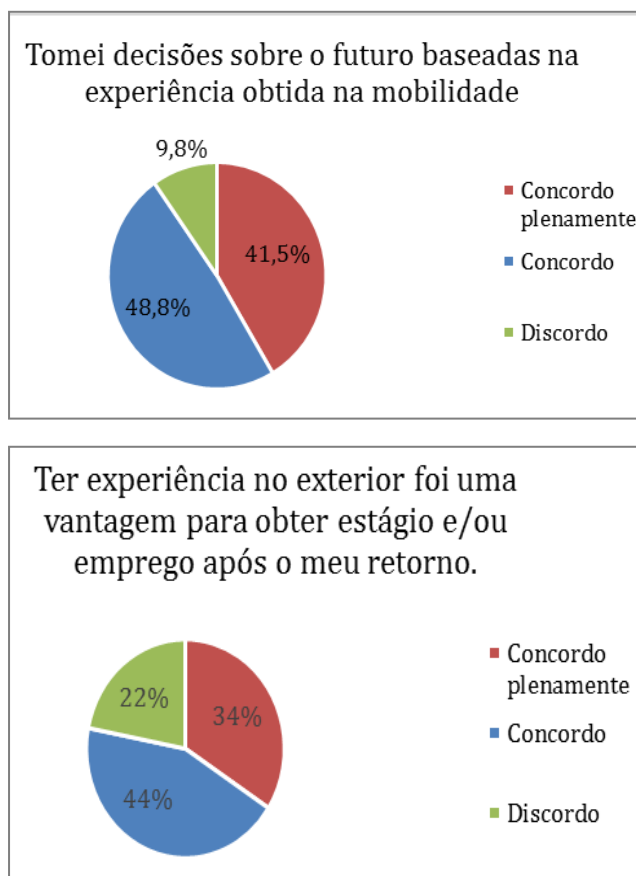
**Figura 36 - Aproveitamento de disciplinas**



Fonte: Elaborada pela autora.

A experiência de mobilidade causa vários impactos nos estudantes que a realiza. Quanto às decisões para o futuro, mais de 90% dos respondentes afirmam que o intercâmbio teve influência e quase 80% dos alunos apontaram que a experiência foi uma vantagem para obtenção de estágio e/ou emprego (Figura 37).

**Figura 37 - Impactos da experiência de mobilidade acadêmica**



Fonte: Elaborada pela autora.

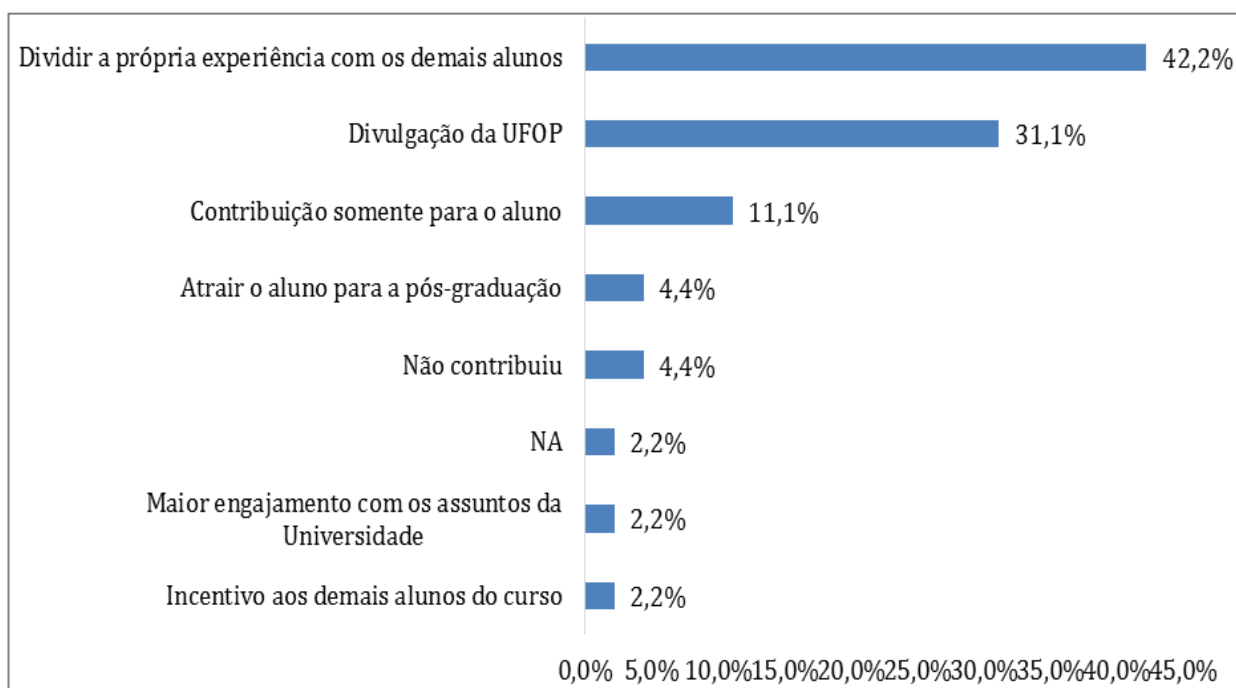
Considerando que os alunos que realizaram a mobilidade são uma das fontes mais importantes de informação para a melhoria do trabalho relativo a essa importante oportunidade da vida acadêmica, foram solicitadas sugestões. Praticamente 50% dos alunos indicaram a necessidade de maior acompanhamento na preparação para a mobilidade. Outras sugestões foram o acompanhamento durante a mobilidade, a maior divulgação das oportunidades e das ofertas de bolsas. A figura relativa às sugestões encontra-se no Apêndice W.

Os alunos também apontaram as boas práticas das instituições estrangeiras, as quais também poderiam ser adotadas pela UFOP. A principal delas diz respeito à

recepção aos alunos estrangeiros (20%). Outras se relacionam com os métodos de avaliação (13,8%) e de ensino (10,8%), com a infraestrutura, incluindo a disponibilidade das bibliotecas e os sistemas internos, e com atividades diversificadas, como o incentivo à prática de esportes, as visitas técnicas, as feiras de emprego e as atividades culturais. A figura contendo as boas práticas indicadas pelos respondentes encontra-se no Apêndice X.

Os participantes também foram questionados sobre contribuição da experiência pessoal de mobilidade com a UFOP e aproximadamente 42% dos alunos consideram que ela se dá por meio do compartilhamento da própria experiência com os demais alunos e 31% afirma que a experiência contribui com a divulgação da UFOP (Figura 38).

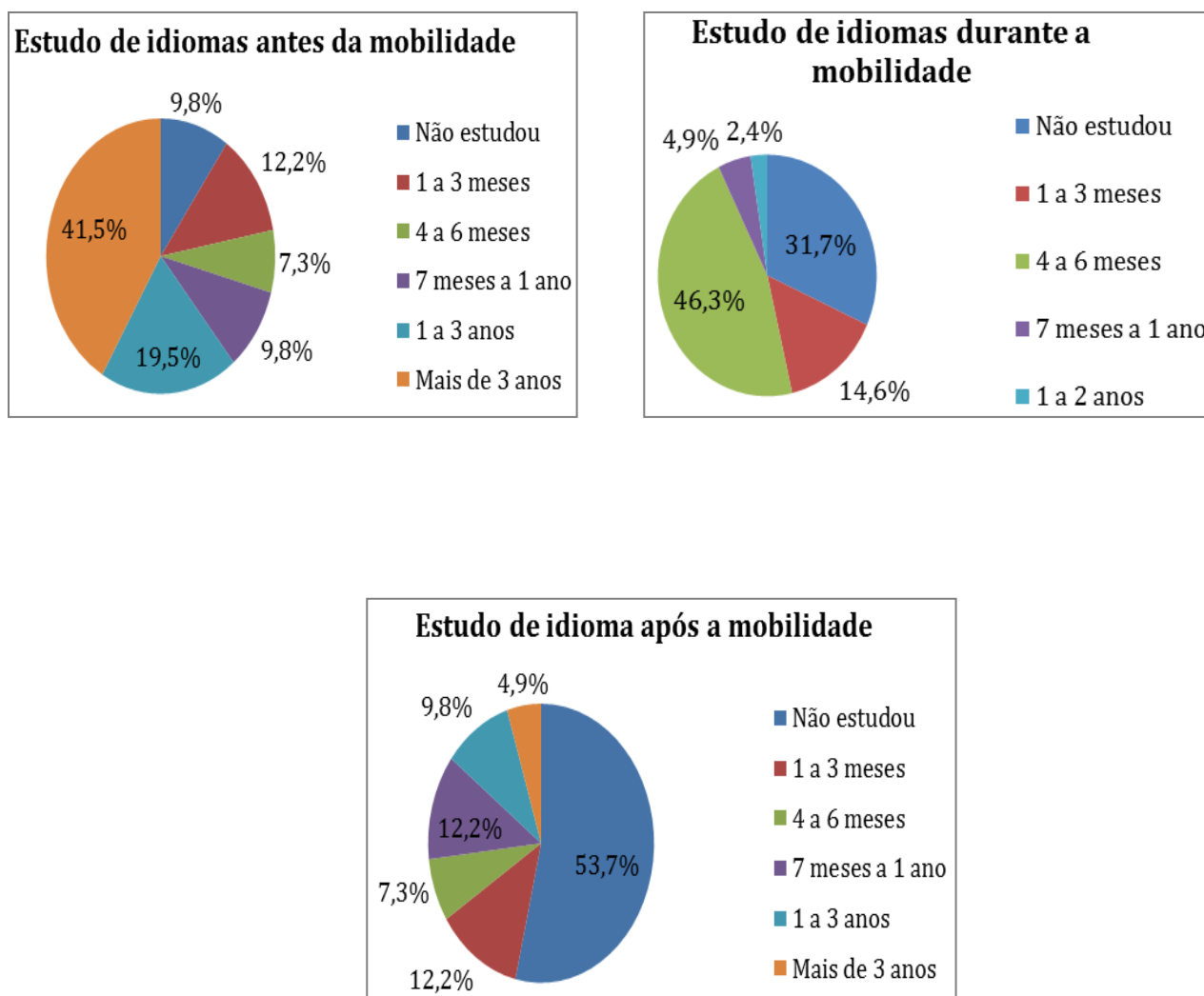
**Figura 38 - Contribuição com a UFOP**



Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação ao estudo de idiomas (Figura 39), verificou-se que 41,5% dos alunos estudaram idiomas estrangeiros por mais de 3 anos antes de realizarem a mobilidade. Durante a mobilidade, aproximadamente 30% dos alunos não estudaram idiomas estrangeiros e verificou-se que esses alunos foram para Portugal e países hispanofalantes. Após a mobilidade, mais de 50% dos alunos não estudaram idiomas.

**Figura 39 - Estudos de Idiomas**



Fonte: Elaborada pela autora.

## 4 RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos a partir da análise dos dados, considerando o Relatório de Retorno e o questionário complementar.

Verificou-se que os principais resultados relacionam-se com a questão do idioma e da preparação para a mobilidade, que em alguns momentos serão tratadas em conjunto e também serão relacionadas a questões específicas.

Considerando os dados apresentados, observa-se que a maioria dos alunos realizou mobilidade em países da Europa, que é também a origem da maioria das instituições com as quais a UFOP mantém convênios. Alemanha e Portugal são os principais destinos, o que confirma a tradição da instituição na cooperação com esses países (primeiros registros formais de 1981).

Os cursos mais representados foram Engenharia Metalúrgica, Engenharia de Produção e Direito. Infere-se que a participação dos alunos de Engenharia e Arquitetura seja fortemente influenciada pela oferta de bolsas da Fundação Gorceix a esses alunos.

Em relação à distribuição de gênero, verifica-se que ela segue a proporção da UFOP, que também era de 58% de alunos do gênero feminino no período de 2015 a 2017, conforme dados obtidos junto ao Núcleo de Tecnologia da Informação da UFOP. Já a categoria de cor de pele revela uma diferença, pois aproximadamente 60% dos participantes se declararam brancos, enquanto, no geral, para o período indicado, a proporção é de 37,4% para a mesma categoria. A distribuição de categorias de cor de pele declaradas pelos alunos de graduação, em geral, no período de 2015 a 2017, encontra-se disponível no Apêndice Y.

A idade média dos participantes é de 23 anos e estes realizam a mobilidade após cursarem uma média de sete semestres acadêmicos, o que demonstra uma possível maturidade dos estudantes.

A média de coeficiente do semestre anterior à realização da mobilidade é de 7,75, o que reflete um dos requisitos para a participação no programa (coeficiente entre 6,5 e 6,9 sem reprovações ou coeficiente acima de 7,0 com reprovações). Além disso, verificou-se no questionário complementar que mais de 80% dos alunos receberam bolsas da UFOP, relativas ao programa de permanência e por estarem envolvidos em atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que também sugere que

os participantes eram engajados, realizando atividades complementares à formação e que parte também é assistida pelos programas da Universidade.

Quanto à decisão sobre realizar a mobilidade, aproximadamente 40% dos alunos já haviam pensado sobre isso antes de entrar na Universidade e 32% tomaram essa decisão na primeira metade do curso, o que favorece o planejamento e a preparação para a experiência. Vale destacar ainda que metade dos participantes afirmou ter viajado ao exterior pela primeira vez pelo Programa, o que indica a necessidade de preparação não somente acadêmica e psicológica, mas também em relação à logística de viagem e demais questões práticas.

A escolha da instituição de destino, em sua maioria, se deu pela indicação de colegas ou professores e pela localização da instituição de destino. Considerando que um dos objetivos com a mobilidade apontados pelos alunos é o aperfeiçoamento de idiomas estrangeiros, infere-se que a localização da instituição pode estar relacionada a esse fator, além de fatores como infraestrutura e método de ensino, os quais também foram bem avaliados, no geral. Além disso, a indicação de colegas e/ou professores também pode estar relacionada à recomendação de buscar informações com pessoas que já foram para a mesma instituição e com o objetivo de obtenção de conhecimentos específicos.

Em relação à preparação antes da mobilidade, aproximadamente 60% afirmaram se sentir preparados para a experiência. Por isso, percebe-se que é necessário verificar quais as causas fizeram com que 40% dos alunos se considerassem pouco ou não preparados. E, a partir da análise das dificuldades e das recomendações apresentada a seguir, pode-se verificar alguns dos fatores que demandam melhor preparação.

Em relação às dificuldades verificou-se que a mais recorrente é a questão do idioma (21%), que é também a recomendação mais citada (21%) e o segundo motivo para reprovações mais apontado (17%). Considerando-se que aproximadamente 75% dos alunos foram para países de idiomas estrangeiros e que menos de 50% afirmaram que estudaram idiomas por mais de três anos, entende-se que é necessário incentivar os estudos e investir no ensino de línguas estrangeiras.

Além disso, a questão do idioma pode estar ligada às outras dificuldades apontadas, como a adaptação à cultura e a integração com os colegas, as quais também foram apontadas como recomendações, e ainda com o método de ensino e de avaliação e com a recomendação sobre a escolha de disciplinas. Considerando

ainda a totalidade dos motivos para reprovações apontados, com exceção dos problemas de saúde, percebe-se que todos os demais podem ter relação, de alguma forma, com o idioma. Entretanto, seria necessário realizar um estudo mais aprofundado sobre esse aspecto, pois os alunos não apontaram outras justificativas, as quais podem ter relações com outros fatores.

Os recursos financeiros e a moradia também foram apontados pelos alunos, tanto nas dificuldades quanto nas recomendações, o que mostra outro ponto importante para a viabilização da mobilidade, haja vista que a oferta de bolsas ainda é reduzida.

Outras dificuldades, como o clima, a alimentação e a saudade requerem adaptação do estudante, e são questões que podem ser abordadas na preparação do aluno para a mobilidade. Já a falta de acompanhamento da universidade de destino deve ser verificada junto às instituições parceiras e a questão do preconceito é muito delicada e exige cuidado na abordagem.

Com relação às recomendações, o idioma teve a maior recorrência, o que também pode estar ligado às demais recomendações acadêmicas, como já citado anteriormente. Entretanto, nota-se que uma recomendação se relaciona à dedicação aos estudos, o que poderia remeter ao idioma e aos demais motivos para reprovações, como não fazer a avaliação e abandonar a disciplina, primeiro e terceiro motivos mais apontados, respectivamente. O fato do método de avaliação ser considerado por 48% dos respondentes como pior e muito pior também pode estar relacionado às reprovações, o que demanda atenção durante a preparação para a mobilidade.

Os recursos financeiros também estão dentre as recomendações assim como a busca de apoio e informações junto a pessoas que já realizaram mobilidade e junto à instituição de destino. Ainda sobre a instituição de destino, os alunos recomendam aproveitar as oportunidades que a universidade oferece, dentre elas entende-se que estão contempladas as atividades extras indicadas pelos estudantes no questionário, como pesquisas, estágios e eventos bem como as sugestões de boas práticas que os alunos apontaram, como o incentivo à prática de esportes, as visitas técnicas, as feiras de emprego e as atividades culturais. E, os participantes também fazem recomendações sobre a estrutura das instituições, que em geral foram avaliadas como ótima por mais de 80% dos alunos e por 75% como melhor e muito melhor que a da UFOP. Nesse sentido, os alunos apontaram a disponibilidade

de horários das bibliotecas e os sistemas internos como sugestões de melhorias para a UFOP.

Quanto ao aproveitamento nos âmbitos pessoal, acadêmico e cultural, verifica-se que a experiência de mobilidade é muito positiva, principalmente pelo crescimento pessoal e pelo aproveitamento acadêmico, as duas principais justificativas apresentadas pelos alunos. Infere-se que isso pode estar relacionado à recepção e ao acompanhamento recebidos nas instituições de destino, que foi considerado ótimo por aproximadamente 70% dos alunos e também ao fato de mais da metade terem atingido ou superado os objetivos com a mobilidade, os quais estão relacionados a questões acadêmicas, pessoais e culturais. Além disso, praticamente todos os alunos afirmaram que recomendariam a experiência a um amigo.

Com relação à atuação da CAINT, notou-se que 40% dos alunos afirmaram que as informações recebidas foram insuficientes e que o apoio da CAINT antes, durante e depois da mobilidade é considerado regular. É possível identificar algumas oportunidades de melhoria por meio das sugestões que os alunos apontaram no questionário, como o maior acompanhamento na preparação e durante a mobilidade, que poderia amenizar as dificuldades relatadas, e a maior divulgação das oportunidades de ofertas de bolsas.

Nesse sentido, a CAINT vem realizando palestras para turmas de calouros dos cursos de graduação, explicando sobre os procedimentos de mobilidade e oportunidades de estudos de idiomas e bolsas. Além disso, mantém ativo e atualizado um website e uma página no Facebook, que conta com mais de 4000 curtidas, meios pelos quais são divulgadas as oportunidades, tanto internas quanto externas, além da divulgação por meio do site da UFOP.

Desde 2016 são realizadas reuniões de orientação com os alunos selecionados para a mobilidade e, a partir de 2017, tem sido realizadas sessões informativas sobre os editais em andamento, a fim de que os candidatos esclareçam eventuais dúvidas sobre o processo seletivo, sobre a mobilidade e demais questões. Mesmo assim, sugere-se que seja verificado junto aos alunos que indicaram as informações como insuficientes e junto aqueles que afirmaram não terem recebido, o que faltou e o que poderia ter sido melhor, a fim de melhorar o processo de mobilidade.

Quanto ao apoio após a mobilidade, que é considerado “bom” ou “ótimo” por aproximadamente 50% dos respondentes, este se dá principalmente por meio de orientações para o retorno, quanto aos procedimentos para reativação da matrícula e para aproveitamento de créditos. Entretanto, verifica-se que é necessário melhorar esse apoio, tendo em vista a avaliação dos alunos e principalmente as dificuldades relatadas por eles, que se referem à readaptação à antiga realidade, à documentação e principalmente ao aproveitamento dos créditos cursados no exterior.

Aproximadamente 40% dos alunos apontaram que não aproveitaram nenhuma disciplina. Considerando que um dos principais objetivos da mobilidade é cursar disciplinas nas instituições parceiras e que os alunos elaboram um Plano de Trabalho junto a um Professor Tutor e ao Presidente do Colegiado dos respectivos cursos, entende-se que é importante averiguar as causas do não aproveitamento. Uma das hipóteses é de que os alunos já tenham cumprido a carga horária obrigatória antes de realizarem a mobilidade e outra é a dificuldade de aproveitamento devido à resistência de alguns colegiados de cursos em relação a diferenças de carga horária, sistema de creditação, ementas, entre outras.

Ainda sobre o período após a mobilidade, verificou-se que mais de 80% dos alunos tomaram decisões sobre o futuro baseadas na experiência de mobilidade, a qual também foi considerada uma vantagem para a obtenção de estágio e/ou emprego. Confirmam-se assim alguns dos impactos que a experiência internacional proporciona aos alunos, os quais também podem contribuir com a instituição, seja na melhoria dos processos de mobilidade, in e out, e nos demais serviços oferecidos pela Universidade, ou ainda, na percepção dos alunos, pelo compartilhamento da própria experiência com os colegas e com a divulgação da UFOP.

De fato, considerando que aproximadamente 30% dos alunos escolheram a instituição de destino com base na indicação de colegas/professores e que uma das sugestões para a melhoria dos processos de mobilidade é o aumento da divulgação, é muito importante que os alunos tenham espaços para dividirem suas experiências, sendo o Encontro de Saberes uma dessas oportunidades, mas que também podem ser desenvolvidas em âmbito mais local, junto aos alunos de cada curso, por exemplo.

Em relação à divulgação da UFOP, os alunos em mobilidade são importantes atores nesse processo, principalmente considerando que mais de 70% deles

afirmaram que mantêm contato com os colegas estrangeiros após o retorno. Além disso, por meio dos alunos em mobilidade os parceiros e potenciais parceiros podem conhecer a excelência acadêmica da instituição, contribuindo assim com a atração de público estrangeiro e com o aumento de parcerias para projetos, pesquisas conjuntas, entre outras atividades.

## 5 DISCUSSÃO

Considerando os objetivos específicos desta pesquisa, serão apresentadas as potencialidades e as fragilidades da mobilidade internacional de alunos de graduação, bem como as propostas de ações para intensificar a institucionalização da política de mobilidade estudantil internacional da UFOP, baseando-se na análise dos dados e no referencial teórico apresentado.

No que tange às potencialidades, entende-se que a UFOP deu passos importantes em relação à institucionalização da internacionalização, que não se resume somente à mobilidade (DE WIT, 2011). Esses passos são representados, por exemplo, pela implantação de um setor dedicado aos assuntos internacionais (ASSINT/CAINT), pela constituição de uma Comissão (CPIInter) com representantes de todas as unidades com a finalidade de discutir a temática, pela inclusão no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de um eixo dedicado à internacionalização e pela aprovação do Plano de Internacionalização, contemplando a consolidação do setor de assuntos internacionais, as políticas linguísticas, a cooperação acadêmica e a visibilidade internacional.

Nesse sentido, a internacionalização tem se mostrado como um processo intencional na instituição, buscando a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, conforme exposto por De Wit e Hunter (2015) e de forma compreensiva, como colocada por Hudzik (2011), pois nota-se um compromisso que permeia as missões da universidade, com envolvimento da liderança institucional e da comunidade acadêmica como um todo. A internacionalização da UFOP também pode ser considerada como solidária (PERROTTA, 2015), pois se baseia na cooperação, na compreensão e é orientada para o relacionamento horizontal e não-hegemônica (OREGIONI, 2017), pois considera os interesses institucionais, de acordo com as estratégias nacionais e regionais. Além disso, ao se associar à FAUBAI, ao GCUB, à AULP e ao participar de redes como a UNIMINAS e o CGRIFES, a UFOP segue a tendência de atuação em redes, unindo esforços para aumentar a eficiência, a captação de recursos e a visibilidade internacional, como aponta Louback (2016).

Em relação à mobilidade acadêmica internacional, o programa estudado pode ser classificado como “Semestre no exterior – Exchange program” (STALLIVIERI, 2017), pois é destinado a alunos de graduação que cursam disciplinas em instituição

parceiras com as quais a UFOP mantém acordos de cooperação. As resoluções e as portarias relativas ao Programa e aos procedimentos de mobilidade são importantes instrumentos para a institucionalização dessa experiência da vida acadêmica, além de também contribuírem para o reconhecimento da relevância e da legitimidade (MEYER e ROWAN, 1977) da atuação da CAINT para a universidade.

Dessa maneira, entende-se que é extremamente importante que a CAINT tenha um regimento no qual seja possível identificar a esfera de atuação, as relações com os demais setores da Universidade, o que poderá dar mais autonomia e direcionamento às ações do setor, incluindo a mobilidade de estudantes. A criação do regimento pode apontar um processo de isomorfismo mimético (DI MAGGIO; POWELL, 1983), pois é uma prática já adotada por setores similares, assim como a mudança de status do setor de Coordenadoria para Diretoria, como na maioria das IFES, ou para Pró-Reitoria, como é previsto no Plano de Internacionalização da UFOP. Também é relevante ressaltar a necessidade de atualização das resoluções que regem a mobilidade, de forma que elas reflitam melhor as demandas relacionadas ao período no exterior e que prevejam maior engajamento das coordenações de curso, principalmente para preparação e acompanhamento dos alunos e para integrar melhor a experiência no exterior aos currículos dos cursos. A atualização das resoluções pode ser considerada um processo de isomorfismo coercitivo, para o incentivo à adaptação a uma nova realidade (DI MAGGIO; POWELL, 1983).

Outra potencialidade identificada foi a avaliação dos parceiros, por parte dos alunos que realizaram mobilidade, a qual se mostrou muito positiva, considerando-se principalmente a infraestrutura, a recepção e o acompanhamento aos alunos estrangeiros e o método de ensino. É importante ressaltar ainda o aproveitamento da experiência, nos âmbitos pessoal, acadêmico e cultural, que foi satisfatório, mostrando assim a contribuição da mobilidade internacional com a missão da universidade, que prevê a *“formação do sujeito como profissional ético, crítico-reflexivo, criativo, empreendedor, humanista e agente de mudança”* (PDI UFOP, 2016, p. 15)

Verificou-se, a partir deste trabalho, que também é fruto das experiências práticas da pesquisadora (AUPETIT; ESCOBAR, 2014), que o sucesso da experiência de mobilidade está intimamente ligado à preparação, relacionada principalmente ao conhecimento de idiomas, aspectos acadêmicos e culturais e

recursos financeiros. Nesse aspecto, Stallivieri (2017) enfatiza a necessidade da preparação não somente relativa aos conhecimentos linguísticos, mas também à comunicação intercultural, que abarca as diferentes formas de compreender o mundo. Em relação à preparação, nota-se também o processo de isomorfismo normativo (DI MAGGIO; POWELL, 1983), considerando que a pesquisadora passou pela experiência de mobilidade acadêmica internacional durante a sua graduação. Além disso, o isomorfismo normativo também se apresenta na formação da pesquisadora, em Secretariado Executivo Trilíngue, que é a mesma formação de servidores lotados em setores de relações internacionais de outras IFES, como por exemplo, em contexto regional, a UFV, UFVJM, UFSJ, UFMG, UFU, dentre outras. Esta tendência é evidenciada no estudo de Leal e Moraes (2017), os quais verificaram que a atuação dos secretários executivos contribui com a gestão do complexo processo de internacionalização da educação superior, devido às características desses profissionais, quais sejam:

“a interdisciplinaridade do seu perfil; os conteúdos específicos contemplados pela sua formação, a representatividade das suas funções em relação ao aperfeiçoamento da gestão universitária e sua caracterização como assessor, consultor, gestor e empreendedor.” (p. 158)

Em relação aos idiomas, é extremamente necessário investir no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Atualmente a UFOP conta com o Centro de Extensão que oferece cursos sequenciais de língua inglesa e com o Núcleo de Línguas do Programa Idioma sem Fronteiras, que oferece cursos online e presenciais de língua inglesa, aplicação do exame de proficiência TOEFL, além de aulas presenciais de português como língua estrangeira. Entretanto, nota-se que há uma grande demanda por cursos de idiomas como espanhol e francês, considerando os destinos procurados pelos alunos e o número de convênios da UFOP com países falantes desses idiomas.

Alunos da Escola de Minas ainda têm a oportunidade de estudarem idiomas na Fundação Gorceix, o que não abrange toda a comunidade acadêmica. Por isso, é necessário ampliar a oferta de idiomas estrangeiros na Universidade, assim como consta no Plano de Internacionalização, a fim de que a experiência de mobilidade dos estudantes seja ainda mais exitosa. Além disso, a oferta de idiomas estrangeiros contribui com o aumento da proficiência da comunidade acadêmica, trazendo benefícios não somente para a mobilidade out, mas também para o aumento da qualidade da produção científica da universidade, para a oferta de disciplinas em

línguas estrangeiras, para a melhor recepção e interação com o público estrangeiro além de contribuir com as competências interculturais da comunidade acadêmica, que para Deardoff (2006, 246, tradução nossa) é “a habilidade de se comunicar efetivamente e apropriadamente em situações interculturais com base nos próprios conhecimentos, habilidades e atitudes interculturais”.

Considerando as questões acadêmicas e culturais, a partir desse trabalho sugere-se que seja feito um guia de instruções para a mobilidade, por país, destacando as principais sugestões e os principais desafios apontados pelos estudantes que estiveram nas instituições parceiras, abordando, por exemplo, as diferenças dos métodos de ensino e avaliação, do sistema de créditos, dentre outros. Este guia também poderá conter os contatos dos alunos que realizaram mobilidade e que se dispuserem a ajudar os demais alunos, como na rede Intercambista Amigo, criada em 2018 pela CAINT.

Além disso, sugere-se que seja feita a atualização do Guia de Mobilidade, contemplando os pontos de maior destaque levantados nesse trabalho, não somente em relação ao planejamento do período no exterior, mas também durante a estadia, incluindo aspectos práticos, como logística, conta bancária, mas também aspectos emocionais, de preparação psicológica para choques culturais, de forma que o estudante tire o maior proveito possível de sua experiência no exterior. O Guia de Mobilidade poderia ser, por exemplo, a linha de base para um workshop que pode ser realizado em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis e um pré-requisito para os alunos que estejam se preparando para um período no exterior, além das reuniões de orientação que já são feitas com os alunos após a aprovação nos editais de mobilidade.

Outro ponto muito importante levantado junto aos alunos é o aproveitamento dos créditos das disciplinas cursadas no exterior. Percebe-se que ainda há muita dificuldade em relação aos aproveitamentos, por diversas questões, como diferenças de carga horária, de sistemas de pontuação e de créditos, de idiomas, dentre outras. Esta dificuldade também foi apontada por Braz (2015) em relação à mobilidade nacional na UFOP.

Dessa forma, inclusive como desdobramento deste trabalho, sugere-se um estudo aprofundado sobre os aproveitamentos de créditos, a fim de se verificar quais são os pontos mais críticos apontados pelos Colegiados de curso e pelas Seções de Ensino, no sentido de minimizar as dificuldades de aproveitamento no retorno e de

se verificar as similaridades dos currículos entre as instituições parceiras, a fim de facilitar aproveitamentos futuros e ainda identificar possibilidades de duplos diplomas. Com base na experiência de outras instituições de ensino superior, como a criação de uma disciplina específica referente ao período de mobilidade, a UFOP poderá incorporar mudanças por meio de um processo de homogeneização mimética, considerando que os possíveis procedimentos adotados já são legitimados (DI MAGGIO; POWELL, 1977). Infere-se que a vinculação automática do aproveitamento de créditos poderá influenciar no desempenho dos alunos, no sentido de aumentar a média de notas e reduzir o número de reprovações. Uma das grandes necessidades é que o Plano de Trabalho, elaborado junto a um Professor Tutor e ao Presidente do Colegiado, seja respeitado e tenha seu aproveitamento garantido no retorno. Conforme consta no Plano de Internacionalização da UFOP, é preciso reconhecer e creditar horas aos Professores Tutores, que são fundamentais no processo de mobilidade (STALLIVIERI, 2017), destacando a importância desse trabalho junto aos alunos, não somente de preparação, mas de acompanhamento em todo o período da mobilidade, como também no retorno.

A atualização do Guia de Mobilidade para os Colegiados de Curso e a ampla divulgação desse material também podem auxiliar no sentido de que se reconheça a mobilidade, para além de um período de integralização curricular, como uma oportunidade de enriquecimento da formação dos alunos, com benefícios como possibilidades de aumento da rede de cooperação da instituição, conforme exposto por Santos e Dias (2012).

Outra necessidade é a oferta de financiamento às oportunidades de mobilidade. Sabe-se que um dos maiores entraves à realização dos estudos no exterior é a falta de recursos financeiros (MARANHÃO; DUTRA; MARANHÃO, 2017) e que a maioria dos estudantes que estiveram em mobilidade foram bancados por suas famílias. Além disso, considerando a atuação de agências de fomento como a CAPES, a prioridade de financiamento de mobilidades internacionais é para a pós-graduação (CAPES, 2017). Por isso, é extremamente necessário que a Universidade dedique parte de seu orçamento ao incentivo à mobilidade internacional, destinando-se recursos principalmente para os alunos em situação de vulnerabilidade econômica e assim cumprindo o compromisso explicitado no Plano de Internacionalização.

Além disso, é fundamental engajar-se na busca de financiamento externo, por meio de submissão de projetos a órgãos de fomento nacionais e internacionais. A CAINT poderá intermediar estes esforços, mas é extremamente importante que haja engajamento dos professores e técnicos na identificação de expertises da instituição, na busca de oportunidades, e principalmente na redação de propostas. Para isso, sugere-se um esforço conjunto entre as Pró-Reitorias de Graduação, de Pesquisa e Pós-Graduação e de Extensão no sentido de identificar as expertises da instituição e criar mecanismos para motivar a busca por investimentos externos, como também exposto no Plano de Internacionalização.

Em relação ao retorno dos alunos, sugere-se atualizar o Relatório de Retorno, incluindo questões mais focadas em métodos de ensino e de avaliação e na contribuição que o período no exterior pode trazer para a UFOP. Ainda, destaca-se a importância de realizar um acompanhamento dos alunos após o retorno, para verificar o desempenho após a mobilidade, as dificuldades de readaptação, o aproveitamento de créditos, dentre outras questões.

Esse acompanhamento pode ser realizado em parceria com o Colegiado de curso, a fim de que este obtenha subsídios para orientar os próximos alunos para a mobilidade e para receber melhor os que retornam. Ademais, os alunos que retornam podem ser envolvidos em projetos de melhorias do curso, contribuindo com as discussões sobre método de ensino e de avaliação e de currículo, trazendo com sua experiência um diálogo entre a formação oferecida na UFOP e nas demais instituições parceiras, o que fortaleceria as ações de internacionalização em casa (BEELEN; JONES, 2015).

Ainda em relação aos alunos que realizaram mobilidade no exterior, assim como com todos os egressos da Universidade, é importante manter contato a fim de que esses alunos, como profissionais, também divulguem o nome da UFOP e contribuam com a boa imagem institucional, como local de excelência para formação, não somente para brasileiros, mas também para estrangeiros.

Sobre divulgação, considerando o ambiente interno, entende-se que uma das potencialidades é a localização da CAINT no Campus Morro do Cruzeiro, com um ambiente de convivência e uma sala destinada a aulas idiomas e atividades diversas, dando visibilidade ao setor. Além disso, o aumento do fluxo de acessos ao site da CAINT e da interação por meio da página no Facebook (com mais de 4000 curtidas), a partir de 2016, com a atuação da bolsista FAPEMIG dedicada à

comunicação, fez com que as ações do setor tivessem mais visibilidade. Porém, conforme indicado pelos alunos respondentes, ainda é necessário divulgar mais as oportunidades, seja de mobilidade, de bolsas, entre outras para que os alunos da instituição não tenham a mesma percepção dos alunos do curso de Administração de uma IFES mineira, de que “a internacionalização não está ao alcance deles”, e de que “muito se fala a respeito, mas pouco ainda se faz” (MARANHÃO; DUTRA; MARANHÃO, 2017).

Diante do exposto, para a implementação e acompanhamento das propostas, e aumento da divulgação das ações de internacionalização, é extremamente necessário que a equipe da CAINT seja ampliada, com núcleos nos campi de Mariana e João Monlevade, que reforçaria a institucionalização da internacionalização na UFOP, por meio de um processo de isomorfismo normativo (DI MAGGIO; POWELL, 1983), refletindo a necessidade de profissionalização no desenvolvimento das atividades de relações internacionais. Mesmo com quadro de pessoal efetivo muito reduzido, a equipe persevera em seus esforços de divulgação de oportunidades e de motivação dos alunos a se prepararem para a mobilidade.

Por isso é fundamental que continuamente sejam oferecidas oportunidades de treinamento e atualização, a fim de que a CAINT contribua não somente para a melhoria do processo de mobilidade acadêmica, mas também com todo o processo de internacionalização da UFOP, conforme consta no PDI e no Plano de Internacionalização.

## 6 CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a política de internacionalização da UFOP no que diz respeito à mobilidade de estudantes de graduação, apontando potencialidades e fragilidades do processo, bem como propostas para a sua institucionalização e pode ser considerado como um esforço inicial de sistematização e análise dos dados relativos à experiência dos alunos no exterior, bem como uma contribuição singela para o registro do processo de internacionalização da UFOP.

Por meio do contexto histórico do surgimento das universidades, dentre elas a UFOP, foi possível verificar a influência da internacionalização desde as origens da educação superior, sendo a mobilidade de estudantes uma prática disseminada e incentivada, de grande potencial para a formação do estudante e para a produção de conhecimento. No caso da UFOP, notou-se que a mobilidade também ocorre desde o início das escolas centenárias, mesmo que a criação de um setor destinado aos assuntos internacionais tenha se concretizado somente em 2006.

Ações para a institucionalização do processo de internacionalização têm sido tomadas, como a própria criação da ASSINT/CAINT, a inserção do tema internacionalização como eixo temático no Plano de Desenvolvimento Institucional e a aprovação do Plano de Internacionalização. Em relação à mobilidade, a criação do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional para alunos de graduação e as demais resoluções que regem esse processo na UFOP também são reflexos da institucionalização. Entretanto, verificou-se que ainda é necessário avançar na institucionalização por meio da atualização dessas resoluções e da consolidação da CAINT, com a criação de um regimento e de maior reconhecimento do seu trabalho, com a elevação de seu status, para Diretoria ou para Pró-Reitoria, por exemplo. Além disso, a expansão do setor para os demais campi e o aumento do número de servidores efetivos contribuirá com a maior abrangência e divulgação das atividades.

Em relação ao perfil dos alunos em mobilidade, verificou-se que dois dos três cursos que mais enviaram alunos ao exterior no período são da Engenharia, o que tem estreita relação com a oferta de bolsas pela Fundação Gorceix, que presta apoio a alunos da Escola de Minas. Os principais destinos estão na Europa, o que reflete as relações históricas da Universidade. A maioria dos estudantes é do gênero

feminino, assim como a proporção geral da Universidade, padrão que não se segue em relação à categoria de cor de pele. As principais dificuldades relatadas referem-se ao idioma, que perpassa os motivos para reprovações e as principais recomendações, além das dificuldades financeiras e de adaptação. Conclui-se que o investimento em aprendizado de idiomas estrangeiros e a preparação para a mobilidade em seus vários aspectos são fundamentais para que a mobilidade internacional tenha efeitos ainda mais positivos e para que os estudantes apresentem um grau ainda maior de satisfação com o aproveitamento cultural, acadêmico e pessoal obtidos com a experiência, conforme verificado na análise dos dados.

Entende-se que há uma grande quantidade de dados para análise e que seria necessário realizar mais correlações entre os resultados a fim de se aprofundar em temas específicos, seja por país, por curso, ou outros critérios. Como exemplo, os estudos sobre a proficiência em idiomas estrangeiros e a relação com as dificuldades apontadas, sobre o perfil socioeconômico dos participantes, a fim de serem criadas políticas destinadas aos alunos mais vulneráveis, sobre as disciplinas cursadas e o aproveitamento de créditos, sobre a atuação da CAINT na preparação e no acompanhamento da mobilidade, sobre a contribuição dos alunos ao retornarem da mobilidade, sobre os alunos estrangeiros na UFOP, entre outros.

Percebe-se ainda a necessidade de maior registro e análise da mobilidade de alunos de pós-graduação, que provavelmente possuem outro perfil, outros objetivos e trazem outros tipos de contribuições para a instituição, principalmente no âmbito da pesquisa e da visibilidade internacional da Universidade. Além disso, pode-se verificar se os alunos que participaram do programa de mobilidade durante a graduação seguiram para a pós-graduação e como a experiência pode ter contribuído nesse processo, tendo-se assim mais uma referência do potencial da cooperação com o parceiro estrangeiro, além de contribuir com a institucionalização da mobilidade internacional dos alunos de pós-graduação.

Por fim, reforça-se a necessidade de pensar e trabalhar a internacionalização como um processo transversal, no qual toda a comunidade acadêmica deve estar engajada, tendo em vista sempre que ela não é um fim em si mesma, mas sim um meio para contribuir com as missões da Universidade (DE WIT *et al.*, 2015).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMIRBEK, Aidarbek; YDYRYS, Kanat. Education and Soft Power: Analysis as an Instrument of Foreign Policy. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**. V. 143, p. 514-516, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814043560> Acesso em 19 ago. 2018.
- ALTBACH, Philip G. Globalisation and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, Camberra, v. 10, p. 3–25, 2004. Disponível em: <https://link.springer.com.ez28.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1023%2FB%3ATEAM.0000012239.55136.4b.pdf>. Acesso em: 24 set. 2017.
- ARCHANJO, Renata. Globalização e Multilinguagem no Brasil. Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada (on line)**. Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p 621-656. Acesso em: 17 set. 2018. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339842232005>
- AUPETIT, Sylvie Didou; ESCOBAR, Vielka Jaramillo De; (Coord.). **Internacionalización de la Educación Superior y las Ciencias en América Latina. Un estado del Arte**. Caracas: UNESCO-IESALC, 2014.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.
- BEELEN, Jos; JONES, Elspeth. Redefining Internationalization at Home. In: Curaj, Adrian *et al.* (Org). **The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies**. [S.l], 2015. p. 59–72. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-319-20877-0> Acesso em 02 out. 2017.
- BERRY, Caroline; TAYLOR, John. Internationalisation in higher education in Latin America: policies and practice in Colombia and Mexico. *Higher Education*. V. 67, p. 585–601, 2014. DOI: 10.1007/s10734-013-9667-z Acesso em: 04 jun. 2017.
- BOHMAN, Doris M.; BORGLIN, Gunilla. Student exchange for nursing students: does it raise cultural awareness? A descriptive, qualitative study. **Nurse Education in Practice**. V. 4, n. 3, p. 259-264. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24406034>. Acesso em 04 jun. 2017
- BRAZ, Raquel Leite. **O Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica: uma Mobilidade Estudantil no Sistema Federal de Ensino Superior Brasileiro**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A3GFUT/disserta\\_\\_o\\_raquel\\_leite\\_braz.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A3GFUT/disserta__o_raquel_leite_braz.pdf?sequence=1). Acesso em 17 out. 2017.
- BROOKS, Rachel; WATERS, Johanna. **Student Mobilities, Migration and the Internationalization of Higher Education**. Palgrave Macmillan, 2011. 196p

CAPDEVILLE, Guy. **O ensino superior agrícola no Brasil**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1991a. 184 p.

CAPDEVILLE, Guy. O Ensino Superior Agrícola no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 72, n. 172, p. 229–261, 1991b. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/1277/0>. Acesso em 05 out. 2017.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de Vieira; FALCÃO, Marcelo Milano; LOPES, Fernando Dias. Contribuições da perspectiva institucional para análise das organizações. **Anais do XXIII Encontro Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração – ENANPAD**, Foz do Iguaçu, 1999. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad1999-org-26.pdf>. Acesso em 8 out. 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **A internacionalização na Universidade Brasileira: resultados do questionário aplicado pela Capes**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>. Acesso em 4 nov. 2017.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Revista CAPES 60 anos**. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/Revista-Capes-60-anos.pdf>. Acesso em 4 nov. 2017.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona. The Future of Internationalization of Higher Education in Europe. **International Higher Education**, Boston, v. 83, n. March, p. 2–3, 2015. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/9073>. Acesso em 25 jul. 2017.

DE WIT, Hans; HUNTER, Fiona; HOWARD, Laura; EGRON-POLAK, Eva. **Internationalisation of Higher Education (Study)**. Brussels: European Union, 2015. 326 p. Disponível em: [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL\\_STU%282015%29540370\\_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/STUD/2015/540370/IPOL_STU%282015%29540370_EN.pdf). Acesso em: 22 jul. 2017.

DE WIT, Hans. Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions. **International Higher Education**. Boston, n. 64, p. 6–7, 2011. Disponível em: <http://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8556/8321>. Acesso em 01 jun. 2017.

DE WIT, Hans. Reconsidering the Concept of Internationalization. **International Higher Education**. Boston, v. 70, p. 6–7, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/ihe/IHE70original.pdf>. Acesso em 01 jun. 2017.

DEARDORFF, Darla K. Identification and assessment of intercultural competence as a student outcome of internationalization. **Journal of Studies in International Education**. V. 10, n. 3, p. 241–266, Fall, 2006. Disponível em:

journals.sagepub.com.ez28.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1028315306287002 Acesso em: 24 set. 2018

DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism and Collective Rationality in Organizational Fields. **American Sociological Review**. Washington, v. 48, n. 2, p. 147–160, 1983. Disponível em: <<http://www-jstor-org.ez28.periodicos.capes.gov.br/stable/pdf/2095101.pdf?refreqid=excelsior%3A6623d887f3679f4d3e0285f656334fef>>. Acesso em: 8 out. 2017.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 28, p. 17–36, 2006. Disponível em: <[http://ltc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/reforma\\_68.pdf](http://ltc-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/reforma_68.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2017.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne; MARMOLEJO, Francisco. Internationalization of Tertiary Education in Latin America and the Caribbean - Latest Progress and Challenges Ahead. In: JONES, Elspeth *et al.* (Org.). **Global and Local Internationalization**. Rotterdam: Sense Publishers, 2016. p. 141–148. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/301265933\\_Internationalization\\_of\\_Tertiary\\_Education\\_in\\_Latin\\_America\\_and\\_the\\_Caribbean](https://www.researchgate.net/publication/301265933_Internationalization_of_Tertiary_Education_in_Latin_America_and_the_Caribbean). Acesso em 17 jul 2017.

GALVÃO, Márcio Antônio Moreira; SOUZA, Breno Bernardes De. Antecedentes Históricos do Curso de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto. **Revista Médica de Minas Gerais**. Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 409–419, 2014. Disponível em: <<http://www.gnresearch.org/doi/10.5935/2238-3182.20140110>>. Acesso em

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Peter A; TAYLOR, Rosemary C R. As três versões do Neo-Institucionalismo. Tradução de Gabriel Cohn. **Lua Nova**. São Paulo, n. 58, p. 193–224, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n58/a10n58>>. Acesso em 17 out. 2017.

HUDZIK, John K. **Comprehensive Internationalization: From Concept to Action** Washington: NAFSA, 2011. 44 p. Disponível em: <[https://www.nafsa.org/uploadedFiles/NAFSA\\_Home/Resource\\_Library\\_Assets/Publications\\_Library/2011\\_Comprehen\\_Internationalization.pdf](https://www.nafsa.org/uploadedFiles/NAFSA_Home/Resource_Library_Assets/Publications_Library/2011_Comprehen_Internationalization.pdf)>. Acesso em 24 set. 2017.

JÖNS, Heike; HOYLER, Michael. Global geographies of higher education: The perspective of world university rankings. **Geoforum**. V. 46, p. 45-59, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718512002886> Acesso em 04 jun. 2017

KNIGHT, Jane. Five Truths about Internationalization. **International Higher Education**. Boston, v. 69, n. 69, p. 4–5, 2012. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8644>. Acesso em 01 jun. 2017.

KNIGHT, Jane. Internationalization, elements and checkpoints. **CBIE Research - Canadian Bureau for International Education**. Ottawa, n. 7, p. 1–14, 1994. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED549823>. Acesso em 01 jun. 2017.

KNIGHT, Jane. Updated Definition of Internationalization. **International Higher Education**. Boston, n. 33, 2015. Disponível em: <http://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/7391>. Acesso em 01 jun. 2017.

LAUS, Sonia Pereira. **A internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 331 p. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Administração. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/pt-br/publicacao/internacionalizacao-educacao-superior-estudo-caso-universidade-federal-santa-catarina> Acesso em: 24 set. 2018

LEAL, Fernanda Geremias; MORAES, Mario Cesar Barreto. Perspectivas de Atuação do Secretário Executivo na Gestão da Internacionalização da Educação Superior. *Revista de Gestão e Secretariado*. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 138-167, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4356/435650710008.pdf> Acesso em: 16 set. 2017

LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz. Avaliação e internacionalização da Educação Superior: Quo vadis América Latina? **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas, v. 17, n. 3, p. 763-785, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772012000300009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772012000300009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em 06 jun. 2017

LEMOS, Paulo (Org.). **A História da Escola de Minas**. 2.ed. Ouro Preto: Graphar, 2013.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**. Campinas, Sorocaba, v. 14, n. 3, p. 583–610, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n3/a04v14n3.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017.

LOUBACK, Rita de Cássia Barbosa. **A Cooperação Acadêmica Internacional sob a ótica dos Gestores**. 2016. 167 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac\\_LoubackRC\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/RelInternac_LoubackRC_1.pdf). Acesso em 06 out 2017.

MACHADO, Otávio Luis. As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, v. 66, p. 197–199, 2003. Disponível em: <https://rccs.revues.org/1174>. Acesso em 22 out. 2017.

MACMANUS, Concepta; NOBRE, Carlos A. Brazilian Scientific Mobility Program - Science without Borders - Preliminary Results and Perspectives. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. Rio de Janeiro, v. 89, n. 1, p. 773-786, 2017.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aabc/v89n1s0/0001-3765-aabc-201720160829.pdf> Acesso em: 20 set. 2018.

MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque; DUTRA, Isadora Iannini Cota; MARANHÃO, Roberto Kaehler de Albuquerque. Internacionalização do ensino superior: um estudo sobre barreiras e possibilidades. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2017. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/458>. Acesso em 01 jun. 2017.

MAXWELL, Kenneth. Conjuração mineira: novos aspectos. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 3, n. 6, p. 4-24, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a02.pdf>. Acesso em: 21 out. 2017.

MENDONÇA, Ana Waleska P C. A universidade no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, p. 131–194, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a08>. Acesso em: 5 out. 2017.

MEYER, John W.; ROWAN, Brian. Institutionalized Organizations: Formal Structure as Myth and Ceremony. **American Journal of Sociology**. Chicago, v. 83, n. 2, p. 340–363, 1977. Disponível em: <http://www-jstor-org.ez28.periodicos.capes.gov.br/stable/pdf/2778293.pdf?refreqid=excelsior%3A8c13f6b072515188ab0187dfe1c3031e>. Acesso em: 8 out. 2017.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do. Internacionalização da Educação Superior no Brasil: a produção recente em teses e dissertações. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 33, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982017000100109&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100109&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 24 jun. 2017.

MOURA, Rogério Adolfo de. Internacionalização do Ensino Superior e Processos Complexos de Externalização. In: MOURA, Rogério Adolfo; ALMEIDA, André Albino de. (Orgs.) **Internacionalização do Ensino Superior: Desafios e Perspectivas**. Curitiba: CRV, 2016. 198p.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004. 208 p.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas; FREITAS, Maria Ester de. Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 32, n. 03, p. 217-246. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982016000300217&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000300217&lng=pt&tlng=pt) Acesso em: 24 jun. 2017.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Education at a Glance 2018: **OECD Indicators**. OECD Publishing, Paris, 2018. [dx.doi.org/10.1787/eag-2018-en](https://doi.org/10.1787/eag-2018-en) Acesso em: 24 set. 2018

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. "Brazil", in Education at a Glance 2018: **OECD Indicators**, OECD Publishing, Paris, 2018. <https://doi.org/10.1787/eag-2018-73-en>. Acesso em: 24 set. 2018

OREGIONI, Maria Soledad. Aspectos sociales de la internacionalización de la investigación. Una propuesta de abordaje. **Revista CTS**. Buenos Aires, v. 10, n. 30, p. 199-229, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cts/v10n30/v10n30a09.pdf> Acesso em: 17 set. 2017.

OREGIONI, María Soledad. La internacionalización universitaria desde una perspectiva situada: tensiones y desafíos para la región Latinoamericana. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, v. 3, n. 1, p. 114–133, 2017. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/RIESup/article/view/7667/6495>.

OWEN, Chelsea; BREHENY, Patrick; INGRAM, Richard; PFEIFLE, William; CAIN, Jeff; RYAN, Melody. Factors Associated with Pharmacy Student Interest in International Study. **American Journal of Pharmaceutical Education**. V. 77, n. 3., 2013. Disponível em: <https://www.ajpe.org/doi/pdf/10.5688/ajpe77354> Acesso em: 04 jun. 2017

PEREIRA, Fernando Antonio de Melo. A evolução da teoria institucional nos estudos organizacionais: um campo de pesquisa a ser explorado. **Organizações em contexto**, São Bernardo do Campo, v. 8, n. 16, p. 275-295, 2012. Disponível em [https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/OC/article/viewFile/3396/pdf\\_65](https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/OC/article/viewFile/3396/pdf_65) Acesso em: 25 set. 2018.

PEREIRA, Yana Paula; SOUZA, Izabel Regina de; RODRIGUES, Andrigo; DIAS, Cristiane. Mobilidade Acadêmica: um Estudo Comparativo no Contexto de Instituições Universitárias. **XVI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU**, Arequipa, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/170996/OK%20-%20101\\_00427.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/170996/OK%20-%20101_00427.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 24 set. 2017

PERROTTA, Daniela. **La internacionalización de la universidad: debates globales, acciones regionales**. Buenos Aires: UNGS, 2015. 120 p. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/313694262\\_La\\_internacionalizacion\\_de\\_la\\_universidad\\_debates\\_globales\\_acciones\\_regionales](https://www.researchgate.net/publication/313694262_La_internacionalizacion_de_la_universidad_debates_globales_acciones_regionales). Acesso em 26 set. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. El Rol de la Universidad en la Construcción de Vocaciones Científicas. **La educación superior en el mundo 2008: Nuevos retos y roles emergentes para el desarrollo humano y social** p. 169–171, 2008. Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/handle/2099/7828>. Acesso em 18 set. 2017.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar De. **A Quarta Missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília: Editora UnB, 2012. 238 p.

SANTOS, Adilson Pereira dos; DIAS, Hermelinda Gomes. Mobilidade Acadêmica em perspectiva: experiências da Universidade Federal de Ouro Preto. **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 5, n. 4, p. 172–187, 2012. Disponível em: [www.gual.ufsc.br](http://www.gual.ufsc.br). Acesso em: 17 out. 2017.

SARMENTO, Simone; SANTIAGO, Elisa Maria Costa Pereira de S.; ANDREOTTI, Vanessa Oliveira. Science Without Borders: An alternative framework for evaluation. **Interface Brasil/Canadá**. Canoas, v.16, n. 1, 2016, p. 40-71. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/viewFile/7760/5614> Acesso em: 04 jun. 2017.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2017. 293 p.

UNESCO-IESALC. **Tendencias de la educación superior en América Latina y el Caribe 2018**. Caracas: UNESCO – IESALC y Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba. 2018. 330 p. Disponível em: [http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4098&Itemid=1500&lang=pt](http://www.iesalc.unesco.org.ve/index.php?option=com_content&view=article&id=4098&Itemid=1500&lang=pt) Acesso em: 01 out. 2018

TEODORO, Fernanda Silva; SILVA, Julio Eduardo Ornelas; MELO, Pedro Antônio de. Perfil dos Estudantes e Características dos Intercâmbios Realizados de um Curso de Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina: Um Caso de Institucionalização da Internacionalização. **XVI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU**, Mar del Plata, 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181162/104\\_00058.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/181162/104_00058.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 19 set. 2018.

VAN DER WENDE, Marijk C. Internationalisation policies: About new trends and contrasting paradigms. **Higher Education Policy**. London, v. 14, n. 3, p. 249–259, 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/233688697\\_Internationalisation\\_policies\\_About\\_new\\_trends\\_and\\_contrasting\\_paradigms](https://www.researchgate.net/publication/233688697_Internationalisation_policies_About_new_trends_and_contrasting_paradigms). Acesso em 24 set. 2017.

VILAÇA, Sarah Luana Vieira. O programa “Minas Mundi” de mobilidade internacional para graduandos da Universidade Federal de Minas Gerais. **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU**, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/131877/2014-228.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 set. 2017.

WIELEWICK, Hamilton de Godoy. OLIVEIRA, Marlize Rubin. Internacionalização da educação superior: Processo de Bolonha. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 215-234, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a03v1867.pdf> Acesso em: 16 set. 2017.

YEMINI, Miri. Internationalisation discourse hits the tipping point: a new definition is needed. **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education** v. 19, n. 1, p. 19–22, 2016. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=tpsp20%5Cnhttp://dx.doi.org/10.1080/13603108.2014.966280>. Acesso em 25 jul. 2017.

**APÊNDICE A - Acordos internacionais que preveem mobilidade acadêmica de alunos de graduação, sob gestão da Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT)**

<b>País</b>	<b>Instituição</b>	<b>Primeira assinatura</b>	<b>Inicial</b>	<b>Final</b>	<b>Status</b>
Áustria	Montanuniversitaet Leoben	06/05/2012	16/05/2012	-	Vigente
África do Sul	Stellenbosch University	23/01/2013	23/01/2013	22/01/2018	Expirado
Alemanha	Clausthal University of Technology	04/11/1981	26/07/1999	-	Vigente
	Freiberg University of Mining and Technology	05/01/1998	12/05/2014	15/05/2017	Expirado
	University of Applied Sciences Anhalt	01/06/2009	01/06/2009	-	Vigente
	Reutlingen University	27/01/2011	16/03/2015	15/03/2020	Vigente
	Schmalkalden University of Applied Sciences	13/09/2013	13/09/2013	13/09/2018	Expirado
	Georg Agricola University of Technology	16/05/2014	16/05/2014	16/05/2019	Vigente
	Technical University of Deggendorf	01/07/2016	01/07/2016	01/07/2021	Vigente
Angola	Universidade Lueji A'Nkonde	20/08/2015	20/08/2015	20/08/2020	Vigente
Argentina	Universidad Nacional de La Plata	05/11/2008	03/10/2014	03/10/2019	Vigente
Austrália	Queensland University of Technology	18/08/2014	18/08/2014	18/08/2019	Vigente
Chile	Universidad Católica Silva Henríquez	12/08/2016	12/08/2016	11/08/2021	Vigente
Colômbia	Universidad Nacional de Colombia	19/05/2014	19/05/2014	19/05/2019	Vigente
	Universidad de Ciencias Aplicadas e Ambientales	03/10/2014	03/10/2014	03/10/2019	Vigente
	Escuela de Administración y Mercadotecnia del Qundío	21/09/2016	21/09/2016	20/09/2021	Vigente
	Universidad Externado de Colombia	18/01/2018	18/01/2018	18/01/2023	Vigente
	Universidad Antonio Nariño	27/04/2018	27/04/2018	26/04/2020	Vigente
	Programa de Intercâmbio Brasil e Colômbia – GCUB	10/07/2014	10/07/2014	09/07/2019	Vigente
Espanha	Universidad de Sevilla	01/02/2008	03/02/2014	03/02/2020	Vigente
	Universidad de Salamanca	18/07/2009	03/07/2014	03/07/2019	Vigente
	Universidad de Jaen	06/03/2014	06/03/2014	-	Vigente
	Universidad de Oviedo	27/11/2014	27/11/2014	27/11/2019	Vigente
	Universidad de Valladolid	02/03/2015	07/08/2015	07/08/2020	Vigente
	Universidad de las Islas Baleares	13/04/2016	25/06/2016	24/06/2020	Vigente
Estados Unidos	California State University – Sacramento	08/04/2005	01/07/2014	-	Vigente
	California State University – Chico	07/11/2012	07/11/2012	07/11/2017	Expirado
	University of Georgia	13/02/2017	13/02/2017	13/02/2022	Vigente
França	Université Joseph Fourier Grenoble I	19/10/2007	27/09/2013	27/09/2018	Expirado
	École des Mines de Douai	14/10/2009	25/08/2014	-	Vigente
	Université Lille 1	22/06/2010	01/01/2016	01/01/2021	Vigente
	Université Lille 2	22/06/2010	01/01/2016	01/01/2021	Vigente
	Université Lille 3	22/06/2010	01/01/2016	01/01/2021	Vigente
	École de Biologie Industrielle	30/06/2014	30/06/2014	30/06/2019	Vigente
	Université d'Orléans	18/12/2014	18/12/2014	18/12/2019	Vigente
	University Paris-Est Créteil Val de Marne	01/07/2015	01/07/2015	01/07/2020	Vigente
	Université Paul-Valéry Montpellier 3	27/01/2017	27/01/2017	26/01/2022	Vigente
Université Grenoble Alpes	13/09/2018	13/09/2018	13/09/2023	Vigente	
Itália	Universita Degli Studi Di Palermo	09/08/2010	09/08/2010	09/08/2016	Expirado

	Universita Degli Studi Di napoli "L' Orientale"	07/09/2016	07/09/2016	06/09/2019	Vigente
México	Universidad Autonoma de Coahuila	14/10/2013	14/10/2013	14/10/2018	Vigente
	Universidad de Guadalajara	02/12/2013	02/12/2013	02/12/2018	Vigente
	Universidad Autonoma de Ciudad Juarez	05/08/2014	05/08/2014	05/08/2020	Vigente
	Instituto de Ecologia	15/07/2015	15/07/2015	-	Vigente
	Programa de Intercâmbio Brasil e México – GCUB	16/05/2011	04/04/2016	03/04/2021	Vigente
	Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo	16/12/2016	16/12/2016	15/12/2021	Vigente
Moçambique	Instituto Superior de Ciência e Tecnologia Alberto Chipande	22/05/2015	22/05/2015	21/05/2020	Vigente
Peru	Universidad Nacional de San Martin Tarapoto	18/12/2014	18/12/2014	18/12/2019	Vigente
Portugal	Universidade do Porto	18/11/1981	13/09/2014	12/09/2019	Vigente
	Universidade de Coimbra	31/07/2006	31/07/2006	-	Vigente
	Universidade de Lisboa	15/03/2007	28/03/2014	28/03/2019	Vigente
	Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro	19/09/2007	19/09/2007	-	Vigente
	Universidade do Algarve	13/01/2010	16/07/2012	-	Vigente
	Instituto Superior Técnico	16/06/2014	16/06/2014	16/06/2019	Vigente
	Universidade do Minho	13/03/2015	13/03/2015	-	Vigente
	Universidade Portucalense Infante D. Henrique	28/04/2016	28/04/2015	28/04/2018	Expirado
Rússia	Ural Federal University	04/06/2014	03/02/2016	02/02/2021	Vigente
Uruguai	Universidad de la Republica	18/08/2015	18/08/2015	18/08/2020	Vigente

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE B – Alunos de graduação da UFOP que participaram do Programa CsF

Distribuição de alunos CsF por país

<b>País</b>	<b>Quantidade</b>
Alemanha	52
Austrália	91
Bélgica	1
Canadá	56
Coreia do Sul	5
Estados Unidos	258
Espanha	64
Finlândia	1
França	32
Holanda	7
Hungria	28
Irlanda	39
Itália	45
Japão	2
Nova Zelândia	1
Portugal	27
Reino Unido	75
Suécia	1

Fonte: CAINT/UFOP (2017).

Distribuição de alunos CsF por curso

<b>Curso</b>	<b>Quantidade</b>
Arquitetura e Urbanismo	73
Artes Cênicas	1
Ciência da Computação	14
Ciência e Tecnologia dos Alimentos	10
Ciências Biológicas	22
Educação Física	2
Engenharia Ambiental	11
Engenharia Civil	68
Engenharia de Computação	12
Engenharia de Controle e Automação	67
Engenharia de Minas	81
Engenharia de Produção	117
Engenharia Elétrica	22
Engenharia Geológica	58
Engenharia Mecânica	34
Engenharia Metalúrgica	49
Estatística	3
Farmácia	44
Física	1
Jornalismo	1
Matemática	3
Medicina	49
Nutrição	14
Química Industrial	21
Química Licenciatura	1
Sistemas de Informação	7

Fonte: CAINT/UFOP (2017).

**APÊNDICE C - Número de alunos por país e por curso – Respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2**

Curso/País	ARG	AUT	COL	ESP	FRA	GER	ITA	MEX	POR	RSA	RUS	USA	TOTAL
ADM	1		1		2			1		1			6
AMB				1		5			1		1		8
ARQ					2	4		1	7				14
ART			1		1			1	2			1	6
AUT				1		6			1				8
CBI									1				1
CIV						1			1				2
DIR			1	7	3	4		1	10				26
ECO	1					3			1				5
EFI					1				1				2
FAR						1		1					2
GEO					1	2		-		1			4
HIS			2	1				1	3				7
JOR			5	2	4			3	5				19
LET								1	3				4
MEC						11	3		1				15
MET		3		1	2	11	1				5		23
MIN		3		3	1	6			1				14
MUL									1				1
MUS								2					2
NUT									5				5
PED									1				1
PRO – JM								1					1
PRO - OP			1	2	3	16	1	2	5	1			31
SSO			1				1						2
TUR			1	3									4
TOTAL	2	6	13	21	20	70	6	15	50	3	6	1	213

Fonte: CAINT/UFOP (2017).

**APÊNDICE D - Número de alunos por país e por instituição – Respostas ao Relatório de Retorno entre 2014-2 e 2017-2**

<b>País</b>	<b>Instituição</b>	<b>Quantidade</b>
África do Sul (RSA)	Stellenbosch University	03
Alemanha (GER)	Hochschule Anhalt	03
	Hochschule Reutlingen	30
	Hochschule Schmalkalden	13
	Technische Fachhochschule Georg Agricola	01
	Technische Universität Bergakademie Freiberg	09
	Technische Universität Clausthal	19
Argentina (ARG)	Universidad Nacional de La Plata	02
Áustria (AUT)	Montanuniversität Leoben	07
Colômbia (COL)	Corporación Universitaria Minuto de Dios	01
	Escuela Colombiana de Ingeniería Julio Garavito	01
	Universidad de San Buenaventura	01
	Universidad del Atlántico	02
	Universidad Del Quindío	01
	Universidad El Bosque	01
	Universidad Libre	01
	Universidad Nacional de Colombia	02
	Universidad Pedagógica Nacional de Colombia	01
	Universidad Pontificia Bolivariana	01
Universidad Santo Tomas	01	
Espanha (ESP)	Universidad de Jaén	11
	Universidad de Salamanca	04
	Universidad de Sevilla	06
Estados Unidos (USA)	California State University – Sacramento	01
França (FRA)	École des Mines de Douai	06
	Université Grenoble-Alpes	04
	Université Lille 1	01
	Université Lille 2	04
	Université Lille 3	06
Itália (ITA)	Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”	01
	Università degli Studi di Palermo	05
México (MEX)	Instituto Tecnológico de Roque	02
	Universidad Autónoma de Coahuila	06
	Universidad de Colima	01
	Universidad de Guadalajara	06
Portugal (POR)	Instituto Superior Técnico	02
	Universidade de Coimbra	06
	Universidade de Lisboa	01
	Universidade do Algarve	11
	Universidade do Porto	30
Rússia (RUS)	Ural Federal University	06

Fonte: CAINT/UFOP (2017).

### APÊNDICE E – Distribuição de alunos por países, instituições e cursos

País	Instituição e curso	Nº alunos
Alemanha	<b>Hochschule Reutlingen</b>	<b>30</b>
	Engenharia de Produção	13
	Engenharia Metalúrgica	6
	Engenharia Mecânica	6
	Engenharia de Controle e Automação	2
	Farmácia	1
	Engenharia Ambiental	1
	Ciências Econômicas	1
Portugal	<b>Universidade do Porto</b>	<b>30</b>
	Direito	7
	Engenharia de Produção	5
	Nutrição	4
	Jornalismo	3
	Letras	3
	História	2
	Engenharia de Controle e Automação	1
	Museologia	1
	Educação Física	1
	Engenharia Civil	1
	Engenharia Ambiental	1
	Engenharia de Minas	1
Alemanha	<b>Technische Universität Clausthal</b>	<b>19</b>
	Engenharia de Minas	6
	Engenharia Metalúrgica	4
	Engenharia Ambiental	4
	Engenharia Geológica	1
	Engenharia Mecânica	1
	Engenharia Civil	1
	Arquitetura e Urbanismo	1
Engenharia de Controle e Automação	1	
Alemanha	<b>Hochschule Schmalkalden University of Applied Sciences</b>	<b>13</b>
	Direito	4
	Engenharia Mecânica	3
	Engenharia de Produção	2
	Ciências Econômicas	2
	Engenharia Geológica	1
Engenharia de Controle e Automação	1	
Espanha	<b>Universidad de Jaén</b>	<b>11</b>
	Direito	3
	Turismo	3
	Engenharia de Produção	2
	Engenharia Metalúrgica	1
	Engenharia Ambiental	1
História	1	
Portugal	<b>Universidade do Algarve</b>	<b>11</b>
	Arquitetura e Urbanismo	5
	Nutrição	1
	Jornalismo	1
	Artes Cênicas	1
	Pedagogia	1
	Ciências Biológicas	1
História	1	

<b>Espanha</b>	<b>Universidad de Sevilla</b>	<b>6</b>
	Jornalismo	2
	Direito	2
	Engenharia de Minas	1
	Engenharia de Controle e Automação	1
<b>Portugal</b>	<b>Universidade de Coimbra</b>	<b>6</b>
	Direito	3
	Jornalismo	1
	Arquitetura e Urbanismo	1
	Ciências Econômicas	1
<b>Áustria</b>	<b>Montanuniversität Leoben</b>	<b>6</b>
	Engenharia Metalúrgica	3
	Engenharia de Minas	3
<b>Rússia</b>	<b>Ural Federal University</b>	<b>6</b>
	Engenharia Metalúrgica	5
	Engenharia Ambiental	1
<b>França</b>	<b>Université Lille 3</b>	<b>6</b>
	Jornalismo	4
	Administração	2
<b>México</b>	<b>Universidad Autónoma de Coahuila</b>	<b>6</b>
	Farmácia	1
	Música	1
	Jornalismo	1
	Artes Cênicas	1
	Administração	1
<b>México</b>	<b>Universidad de Guadalajara</b>	<b>6</b>
	Jornalismo	1
	Música	1
	Letras	1
	Engenharia de Produção	1
	Arquitetura e Urbanismo	1
	História	1
<b>Itália</b>	<b>Università degli Studi di Palermo</b>	<b>5</b>
	Engenharia Mecânica	3
	Engenharia Metalúrgica	1
	Engenharia de Produção	1
<b>França</b>	<b>École des Mines de Douai</b>	<b>5</b>
	Engenharia de Produção	3
	Engenharia Metalúrgica	1
	Engenharia de Minas	1
<b>Alemanha</b>	<b>Technische Universität Bergakademie Freiberg</b>	<b>4</b>
	Engenharia de Controle e Automação	2
	Engenharia Metalúrgica	1
	Engenharia de Produção	1
<b>Espanha</b>	<b>Universidad de Salamanca</b>	<b>4</b>
	Engenharia de Minas	2
	Direito	2
<b>França</b>	<b>Université Lille 2</b>	<b>4</b>
	Direito	3
	Educação Física	1
<b>África do Sul</b>	<b>Stellenbosch University</b>	<b>3</b>
	Administração	1
	Engenharia Geológica	1
	Engenharia de Produção	1

Alemanha	<b>Hochschule Anhalt</b>	<b>3</b>
	Arquitetura e Urbanismo	3
França	<b>Université Joseph Fourier</b>	<b>2</b>
	Arquitetura e Urbanismo	2
México	<b>Instituto Tecnológico de Roque</b>	<b>2</b>
	Engenharia de Produção-JM	1
	Engenharia de Produção	1
Argentina	<b>Universidad Nacional de La Plata</b>	<b>2</b>
	Ciências Econômicas	1
	Administração	1
Colômbia	<b>Universidad Nacional de Colombia</b>	<b>2</b>
	Jornalismo	1
	Direito	1
Portugal	<b>Instituto Superior Técnico</b>	<b>2</b>
	Engenharia Mecânica	1
	Arquitetura e Urbanismo	1
França	<b>Université Grenoble Alpes</b>	<b>2</b>
	Engenharia Geológica	1
	Artes Cênicas	1
Colômbia	<b>Universidad del Atlántico</b>	<b>2</b>
	História	2
Alemanha	<b>Technische Fachhochschule Georg Agricola</b>	<b>1</b>
	Engenharia Mecânica	1
Colômbia	<b>Escuela Colombiana de Ingeniería Julio Garavito</b>	<b>1</b>
	Engenharia de Produção	1
Colômbia	<b>Universidad Libre</b>	<b>1</b>
	Administração	1
Colômbia	<b>Universidad Santo Tomas</b>	<b>1</b>
	Jornalismo	1
Colômbia	<b>Universidad Pedagógica Nacional de Colombia</b>	<b>1</b>
	Turismo	1
Colômbia	<b>Universidad de San Buenaventura</b>	<b>1</b>
	Jornalismo	1
Colômbia	<b>Universidad El Bosque</b>	<b>1</b>
	Artes Cênicas	1
Colômbia	<b>Corporación Universitaria Minuto de Dios</b>	<b>1</b>
	Serviço Social	1
Colômbia	<b>Universidad Pontificia Bolivariana - Montería</b>	<b>1</b>
	Jornalismo	1
Colômbia	<b>Universidad Del Quindío</b>	<b>1</b>
	Jornalismo	1
Estados Unidos	<b>California State University</b>	<b>1</b>
	Artes Cênicas	1
França	<b>Université Lille 1</b>	<b>1</b>
	Engenharia Metalúrgica	1
México	<b>Universidad de Colima</b>	<b>1</b>
	Jornalismo	1
Itália	<b>Università Degli Studi Di Napoli "L'Orientale"</b>	<b>1</b>
	Serviço Social	1
Portugal	<b>Universidade de Lisboa</b>	<b>1</b>
	Artes Cênicas	1
<b>Total Geral</b>		<b>213</b>

Fonte: CAIN/UFOP (2017).

**APÊNDICE F – Roteiro do questionário complementar enviado aos alunos que retornaram de mobilidade entre 2014-2 e 2017-2**

1. Endereço de e-mail:

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Declaro ter lido e aceitado os termos expressos no TCLE acima e concordo em participar como sujeito voluntário da referida pesquisa.

3. Cidade e estado de origem

4. Curso na UFOP:

5. Quantas pessoas faziam parte do seu grupo familiar quando você participou do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional? (Considere o grupo familiar do qual se originava a sua renda. Ex: casa dos pais).

Opções: Morava sozinho; Uma a três; Quatro a sete; Oito a dez; Mais de dez.

6. Qual era a sua renda familiar quando você participou do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional? (Considere a sua renda somada à renda do seu grupo familiar citado na pergunta anterior e o ano de início da mobilidade)

Nenhuma

Até 1 salário mínimo (2013: R\$678,00; 2014: R\$724,00; 2015: R\$788,00; 2016: R\$880,00)

De 1 a 3 salários mínimos (2013: R\$678,00 a R\$2034,00; 2014: R\$724,00 a R\$2172,00; 2015: R\$788,00 a R\$2364,00; 2016: R\$880,00 a 2640,00)

De 3 a 6 salários mínimos (2013: R\$2034,00 a R\$4068,00; 2014: R\$2172,00 a R\$4334,00; 2015: R\$2364,00 a R\$4728,00; 2016: R\$2640,00 a R\$5280,00)

De 6 a 9 salários mínimos (2013: R\$4068,00 a R\$6102,00; 2014: R\$4334,00 a R\$6516,00; 2015: R\$4728,00 a R\$7092,00; 2016: R\$5280,00 a R\$7920,00)

De 9 a 12 salários mínimos (2013: R\$6102,00 a R\$8136,00; 2014: R\$6516,00 a R\$8688,00; 2015: R\$7092,00 a R\$9456,00; 2016: R\$7920,00 a R\$10560,00)

De 12 a 15 salários mínimos (2013: R\$8136,00 a R\$10170,00; 2014: R\$8688,00 a R\$10860,00; 2015: R\$9456,00 a R\$11820 ; 2016: R\$10560,00 a R\$13200)

Mais de 15 salários mínimos (2013: mais de R\$10170,00; 2014: mais de R\$10860,00; 2015: mais de R\$11820 ; 2016: mais de R\$13200)

7. Você recebeu algum tipo de auxílio financeiro da UFOP durante a graduação?

Opções: Nenhuma; Bolsa Alimentação; PET/Monitoria/Tutoria; Bolsa Transporte; Bolsa Permanência; Bolsa de apoio a atividades administrativas da Universidade; Projeto de Extensão; Iniciação Científica, Outra.

1. Em que momento você decidiu que gostaria de fazer um intercâmbio?

Opções: Antes de entrar na UFOP; Na primeira metade da graduação; Na segunda metade da graduação.

2. Você já havia viajado para o exterior antes de participar do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional?

Opções: Sim, 1 vez; Sim, mas de 1 vez; Não.

10. Como você ficou sabendo do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP?

Opções (possível marcar mais de uma): E-mail; Site da UFOP; Site da CAINT; Facebook da CAINT; Palestra da CAINT; Por meio de colegas e/ou professores; Outro.

11. Como você escolheu a instituição de destino?

Opções (possível marcar mais de uma): Indicação de colegas e/ou professores; Pesquisas no site da instituição; Localização da instituição; Qualidade do ensino oferecido; Conhecimento do idioma do país de destino; Outro.

12. Como você obteve informações sobre o país de destino?

Opções (possível marcar mais de uma): CAINT-UFOP; Consulado do país de destino no Brasil; Pessoas que já haviam estado no país de destino; Outro.

13. Como você se sentiu antes do intercâmbio?

Opções: Bem preparado; Preparado; Pouco preparado; Não estava preparado.

14. Quais eram seus objetivos ao participar do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional?

15. De que forma você considera que atingiu seus objetivos?

Opções: Não atingi meus objetivos; Atingi meus objetivos parcialmente; Atingi meus objetivos plenamente; Superei minhas expectativas.

16. Por favor, justifique a resposta da pergunta anterior (Questão aberta)

17. Por quanto tempo, antes da mobilidade, você estudou idiomas estrangeiros?

Opções: Não estudou; 1 a 3 meses; 4 a 6 meses; 7 meses a 1 ano; 1 a 3 anos; Mais de 3 anos

18. Por quanto tempo, durante a mobilidade, você estudou idiomas estrangeiros? \*

Não estudou; 1 a 3 meses; 4 a 6 meses; 7 meses a 1 ano; 1 a 2 anos.

19. Por quanto tempo, após a mobilidade, você estudou/tem estudado idiomas estrangeiros?

Opções: Não estudou; 1 a 3 meses; 4 a 6 meses; 7 meses a 1 ano; 1 a 3 anos; Mais de 3 anos

20. Como você avalia as informações recebidas pela CAINT-UFOP?

Opções: Detalhadas; Satisfatórias; Insuficientes; Não recebeu informações.

21. Como você avalia o apoio prestado pela CAINT antes da mobilidade?

Opções: Ótimo; Bom; Regular; Péssimo.

22. Como você avalia o apoio prestado pela CAINT durante a mobilidade?

Opções: Ótimo; Bom; Regular; Péssimo.

23. Como você avalia o apoio prestado pela CAINT após a mobilidade?

Opções: Ótimo; Bom; Regular; Péssimo.

24. Das disciplinas que você cursou no exterior, quantas foram aproveitadas na UFOP? Opções: Todas; Mais da metade; Menos da metade; Nenhuma.

25. Em sua opinião, de que forma a sua participação no Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional contribuiu com a UFOP? (Questão aberta)

26. Considerando a sua experiência de mobilidade, quais boas práticas da instituição estrangeira onde você esteve poderiam ser aplicadas na UFOP? (Questão aberta)

27. Qual foi a sua maior dificuldade ao retornar à UFOP, após a mobilidade? (Questão aberta)

28. Após o seu retorno, você ainda mantém contato com a comunidade acadêmica da instituição onde realizou mobilidade? \*

Opções (possível marcar mais de uma): Sim, relações acadêmicas e/ou profissionais  
Sim, relações pessoais/informais; Não.

29. Tomei decisões sobre o meu futuro, em relação a questões acadêmicas e/ou profissionais, com base em experiências vivenciadas durante o intercâmbio.

Opções: Concordo plenamente; Concordo; Discordo; Discordo plenamente.

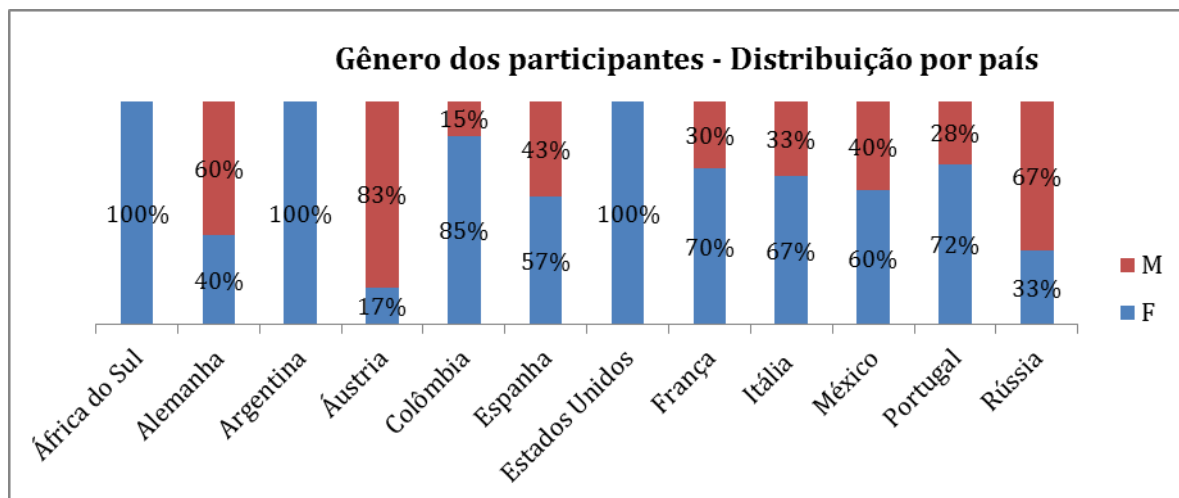
30. Ter experiência no exterior foi uma vantagem para obter estágio e/ou emprego, após meu retorno do intercâmbio.

Opções: Concordo plenamente; Concordo; Discordo; Discordo plenamente.

31. Quais são as suas sugestões para a melhoria do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP? (Questão aberta)

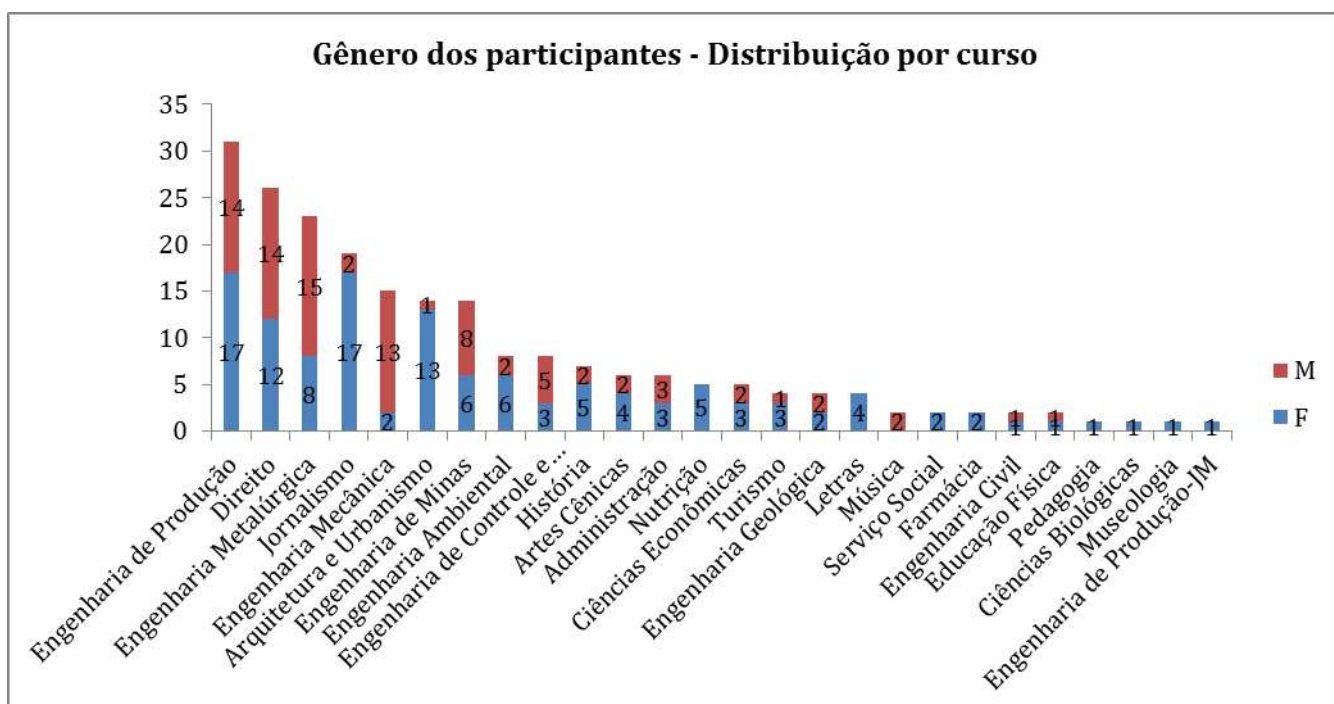
32. Você indicaria o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da UFOP a um amigo? (Opções: Sim; Não)

33. Você gostaria de fazer algum comentário sobre o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, em relação a algum assunto que não tenha sido contemplado nesse questionário? (Questão aberta)

**APÊNDICE G - Distribuição de gênero por país**

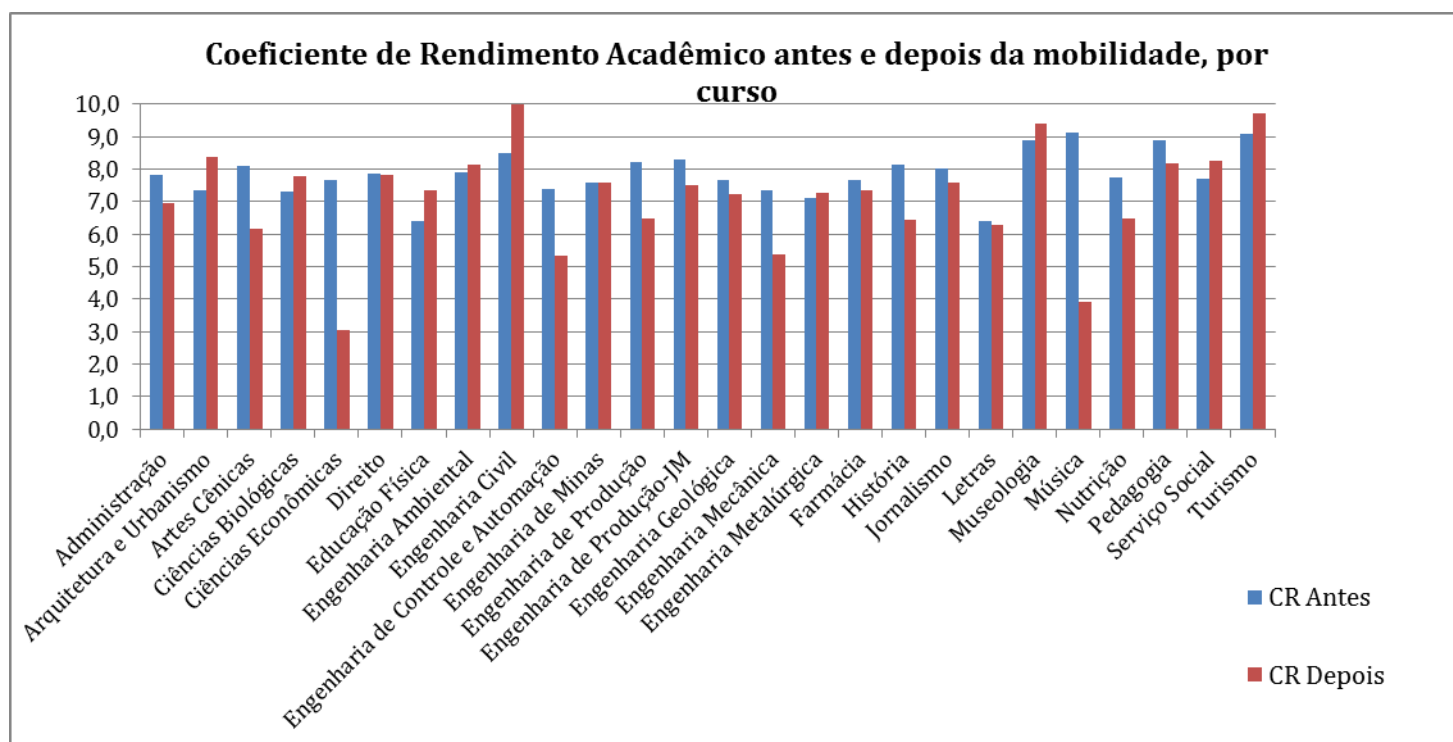
Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE H - Distribuição de gênero por curso



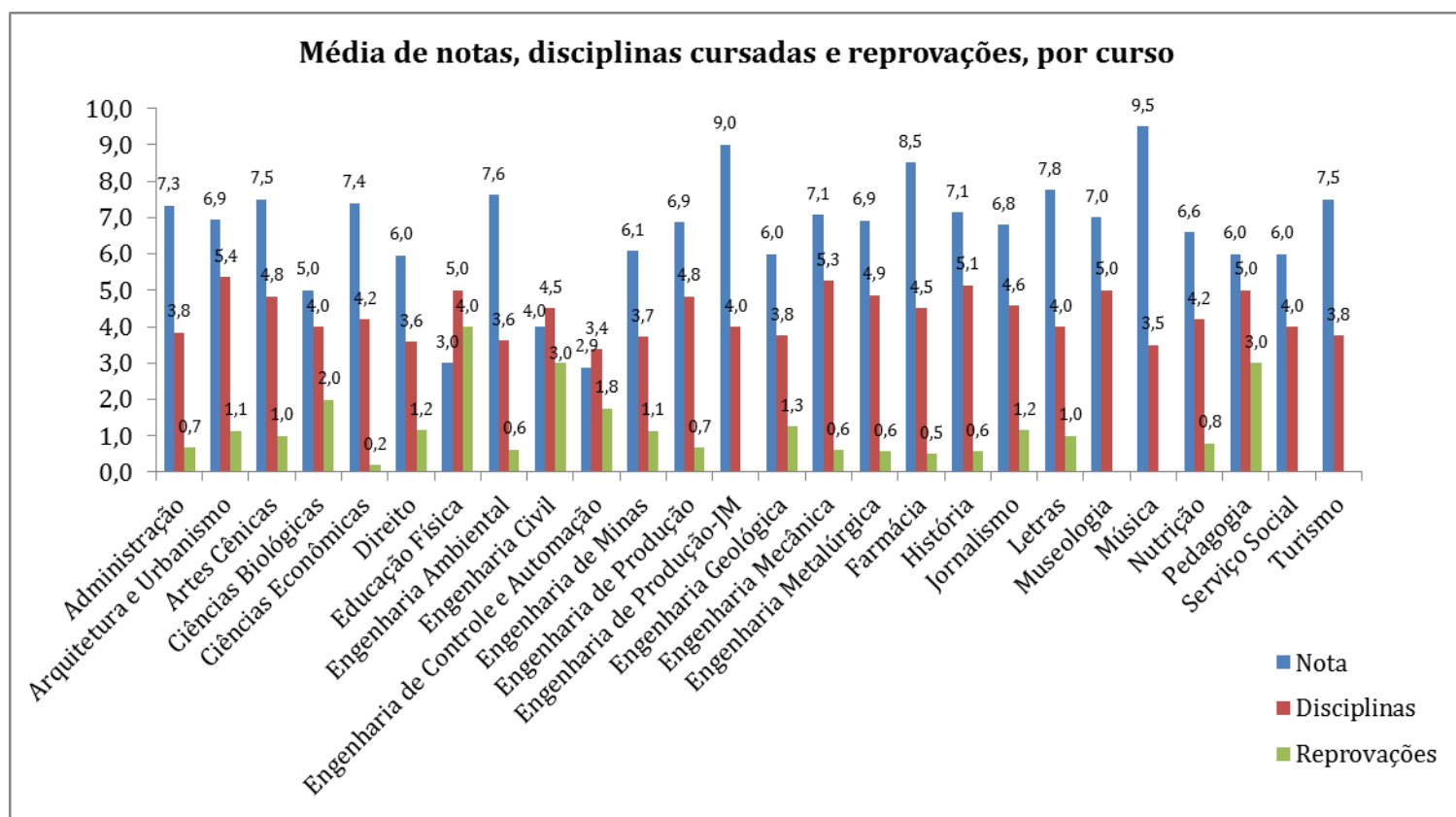
Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE I - Coeficiente de Rendimento Acadêmico antes e depois da mobilidade, por país



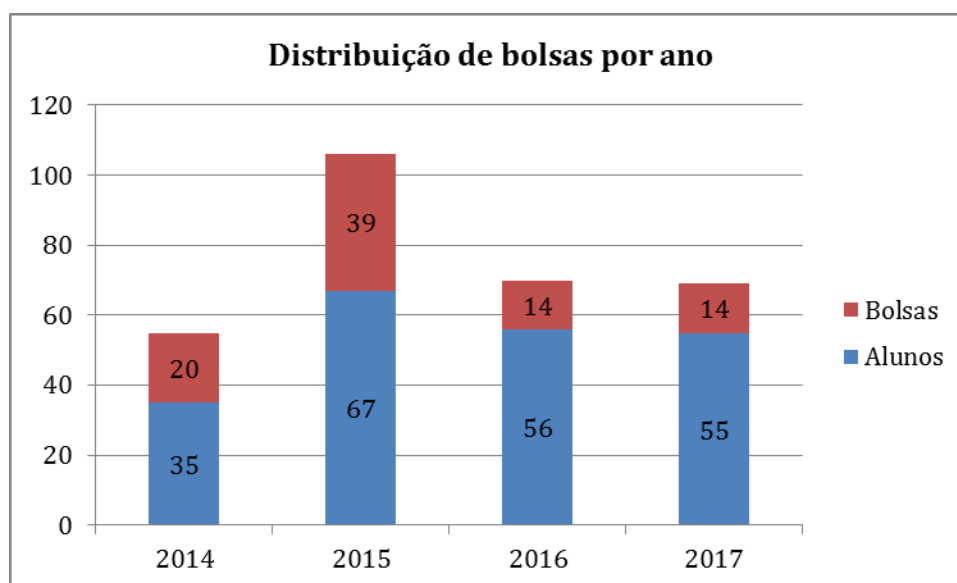
Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE J – Média de disciplinas cursadas e reprovações por curso



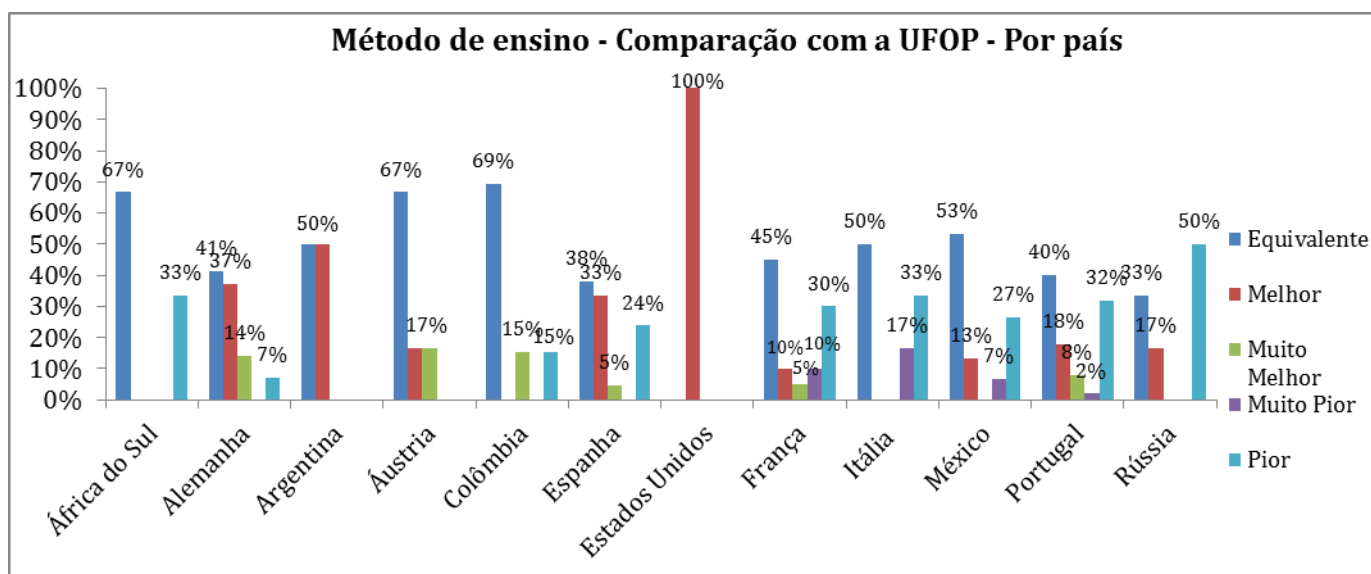
Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE K - Distribuição de bolsas para mobilidade acadêmica internacional e total de alunos que retornara, por ano**



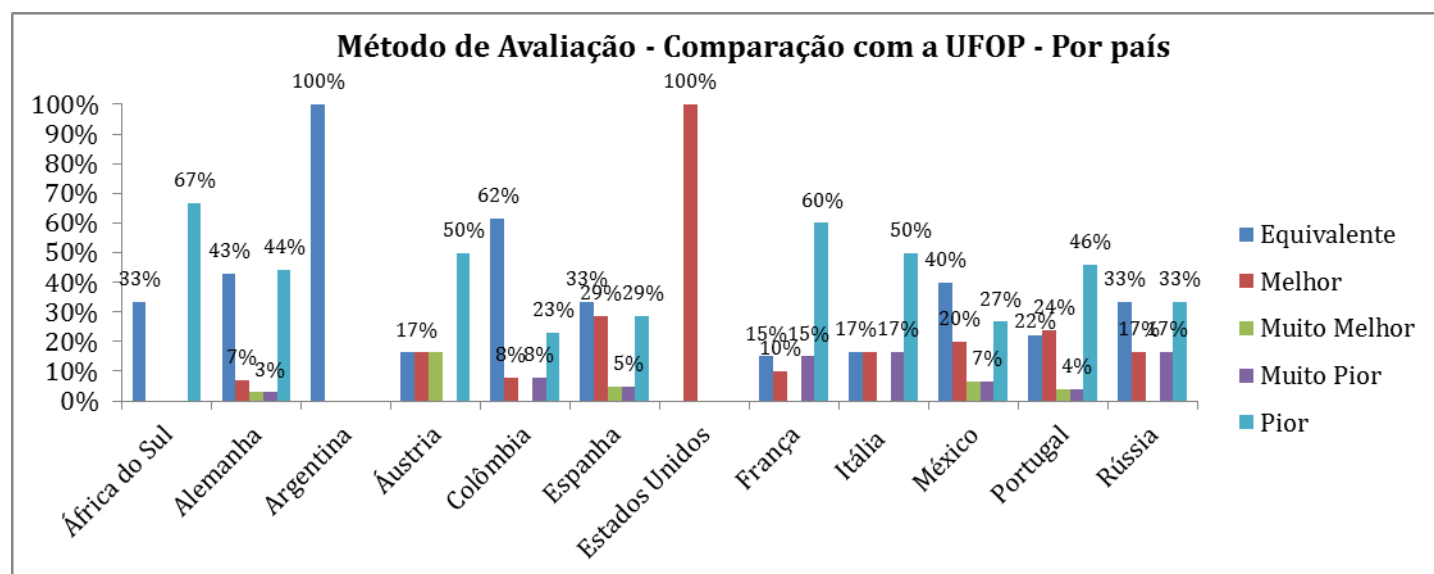
Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE L - Avaliação do método de ensino da instituição de destino em comparação com a UFOP, por país



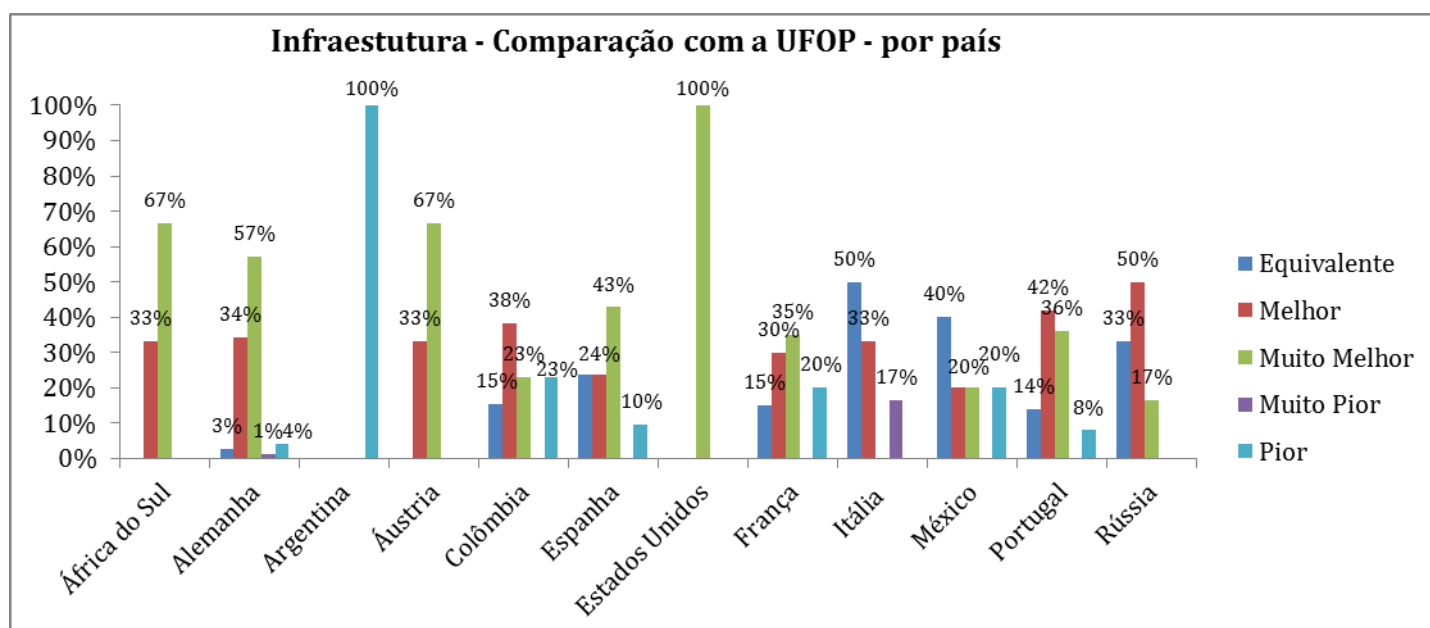
Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE M - Comparação entre o método de avaliação da instituição de destino e o método de avaliação da UFOP, por país



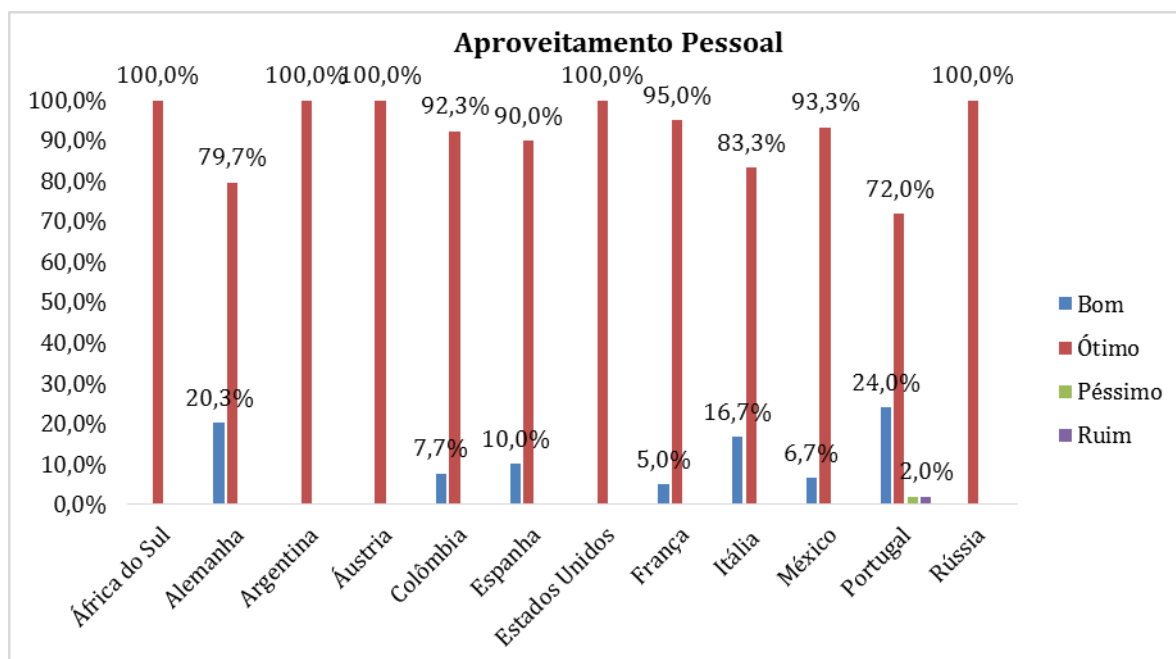
Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE N - Comparação entre a infraestrutura da instituição de destino e a infraestrutura da UFOP, por país



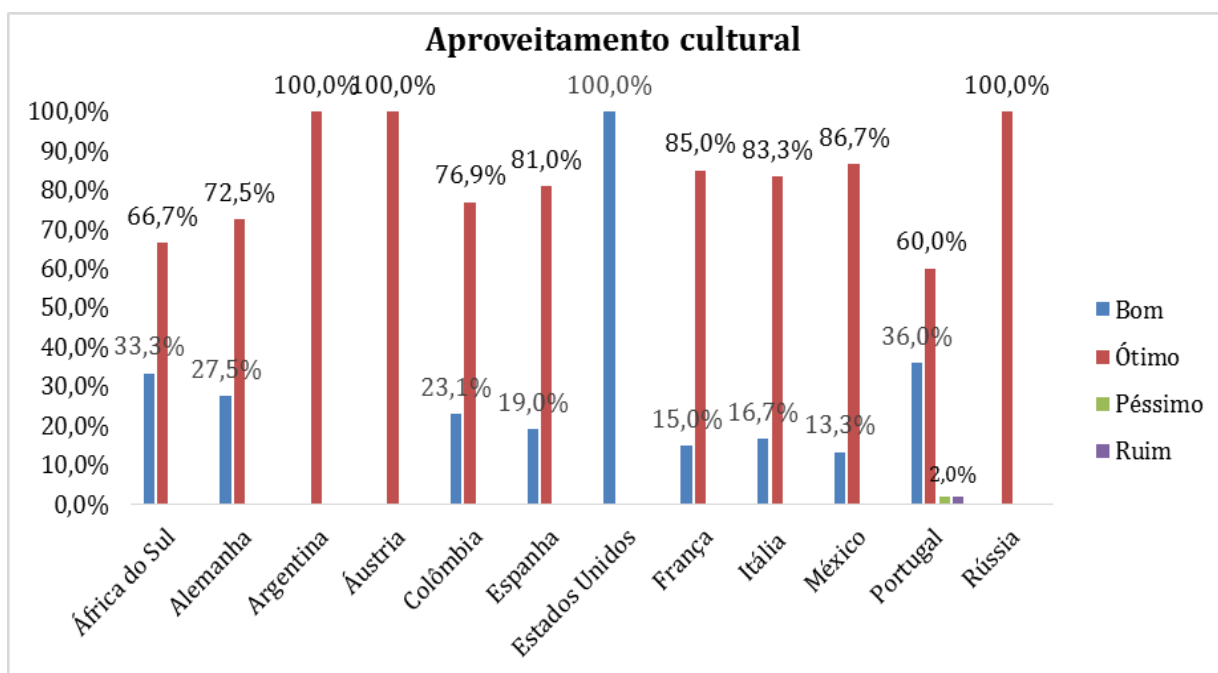
Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE O - Aproveitamento pessoal, por país



Fonte: Elaborado pela autora.

### APÊNDICE P - Aproveitamento cultural, por país

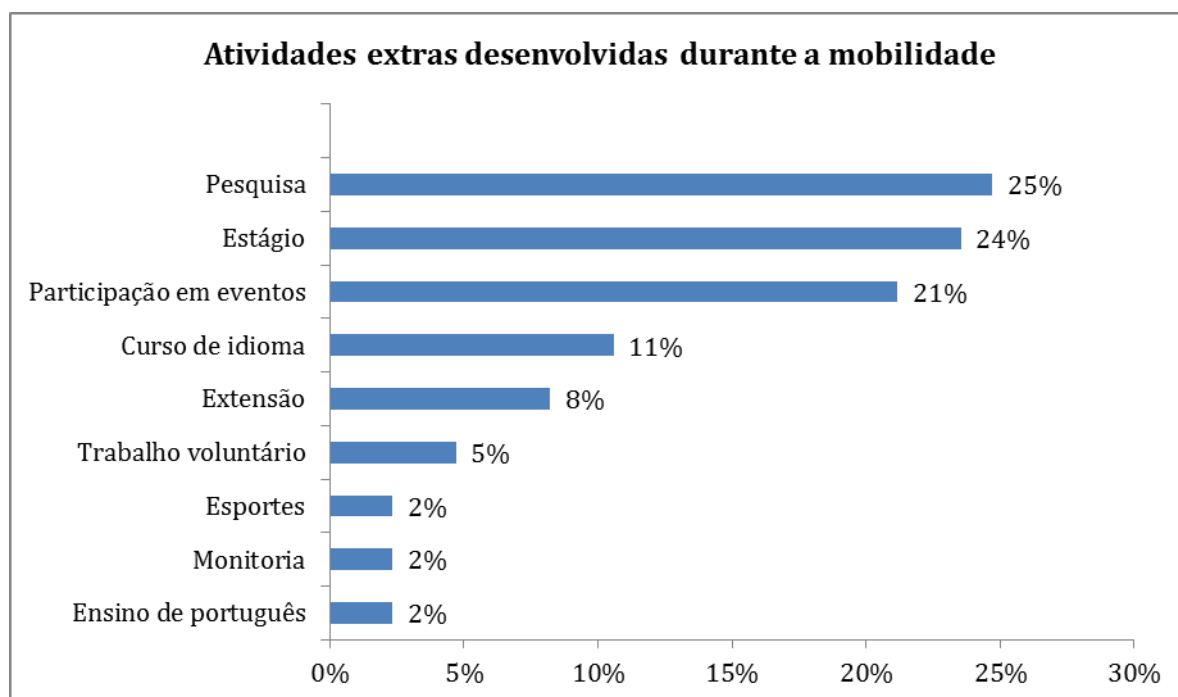


Fonte: Elaborado pela autora.

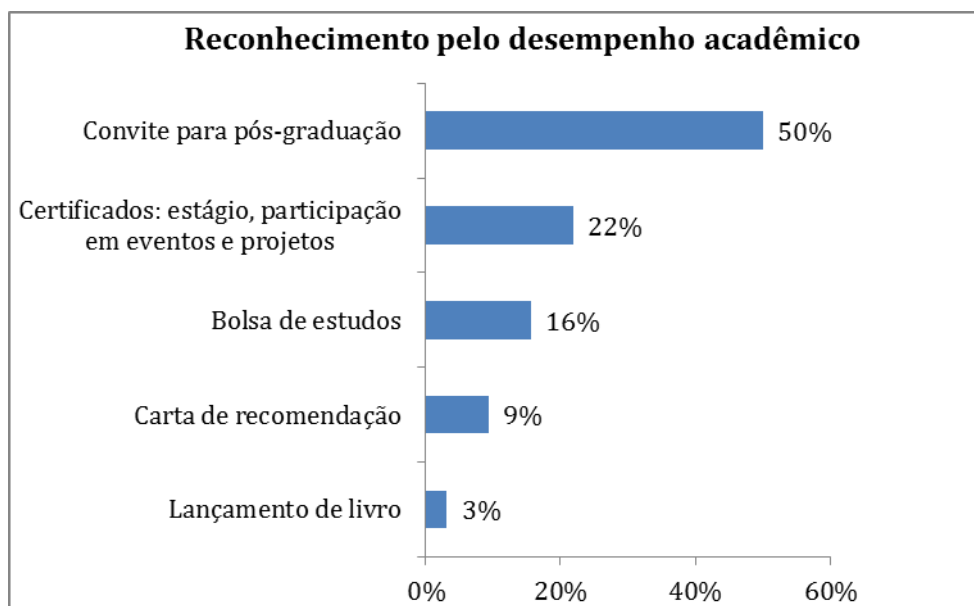
**APÊNDICE Q - Categorias das recomendações fornecidas pelos alunos participantes do Programa**

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>	<b>Quant.</b>
Acadêmico	Aproveitar as oportunidades que a universidade oferece	10,8%
	Escolha de disciplinas	7,4%
	Dedicar-se aos estudos	3,7%
	Estrutura da universidade	3,4%
	Método de ensino	2,5%
Bem-estar	Moradia	8,3%
	Integração com alunos locais	5,8%
	Não ter medo	3,4%
	Transporte	1,5%
	Benefícios	0,9%
	Viajar	0,9%
	Segurança	0,6%
	Não ir	0,3%
Idioma	Idioma	20,9%
Planejamento e Organização	Buscar apoio na universidade de destino	6,2%
	Gastos	5,2%
	Cultura	4,6%
	Planejamento	3,4%
	Buscar informações com alunos que já foram	3,1%
	Cidade	2,8%
	Documentação	1,5%
	Clima	1,2%
	Visto	0,9%
	Duração da mobilidade	0,6%
N/A	N/A	0,3%
	Nenhuma	0,3%

Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE R - Atividades extras desenvolvidas durante a mobilidade**

Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE S - Tipos de reconhecimento acadêmico recebidos pelos alunos**

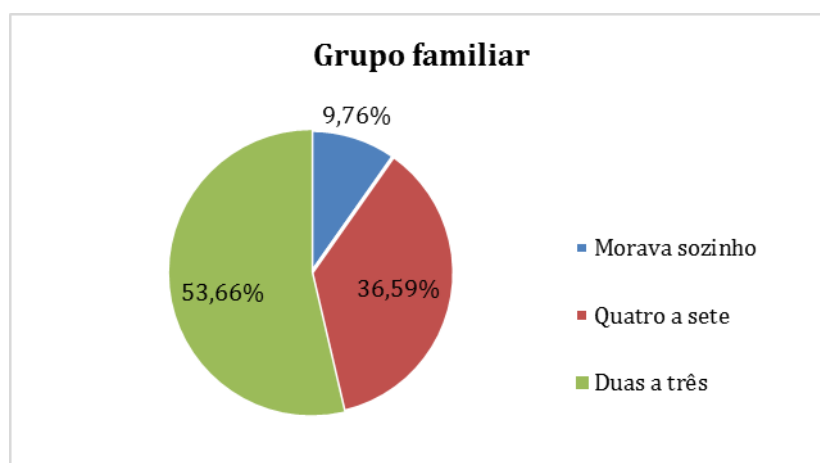
Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE T - Distribuição de alunos participantes do Programa, que responderam ao segundo questionário, por renda**

<b>Renda</b>	<b>Quant</b>
De 3 a 6 salários mínimos (2013: R\$2034,00 a R\$4068,00; 2014: R\$2172,00 a R\$4334,00; 2015: R\$2364,00 a R\$4728,00; 2016: R\$2640,00 a R\$5280,00)	41,46%
De 9 a 12 salários mínimos (2013: R\$6102,00 a R\$8136,00; 2014: R\$6516,00 a R\$8688,00; 2015: R\$7092,00 a R\$9456,00; 2016: R\$7920,00 a R\$10560,00)	17,07%
De 1 a 3 salários mínimos (2013: R\$678,00 a R\$2034,00; 2014: R\$724,00 a R\$2172,00; 2015: R\$788,00 a R\$2364,00; 2016: R\$880,00 a 2640,00)	17,07%
De 6 a 9 salários mínimos (2013: R\$4068,00 a R\$6102,00; 2014: R\$4334,00 a R\$6516,00; 2015: R\$4728,00 a R\$7092,00; 2016: R\$5280,00 a R\$7920,00)	9,76%
Até 1 salário mínimo (2013: R\$678,00; 2014: R\$724,00; 2015: R\$788,00; 2016: R\$880,00)	4,88%
De 12 a 15 salários mínimos (2013: R\$8136,00 a R\$10170,00; 2014: R\$8688,00 a R\$10860,00; 2015: R\$9456,00 a R\$11820; 2016: R\$10560,00 a R\$13200)	4,88%
Mais de 15 salários mínimos (2013: mais de R\$10170,00; 2014: mais de R\$10860,00; 2015: mais de R\$11820; 2016: mais de R\$13200)	4,88%

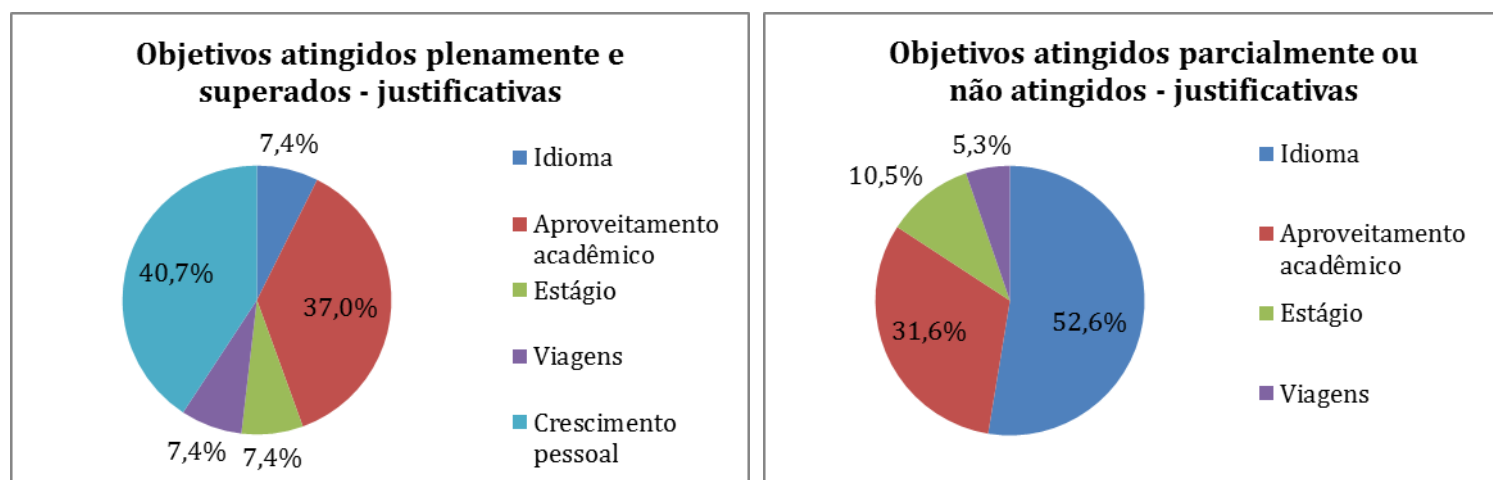
Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE U - Composição do grupo familiar dos alunos participantes do Programa que responderam ao segundo questionário**



Fonte: Elaborado pela autora.

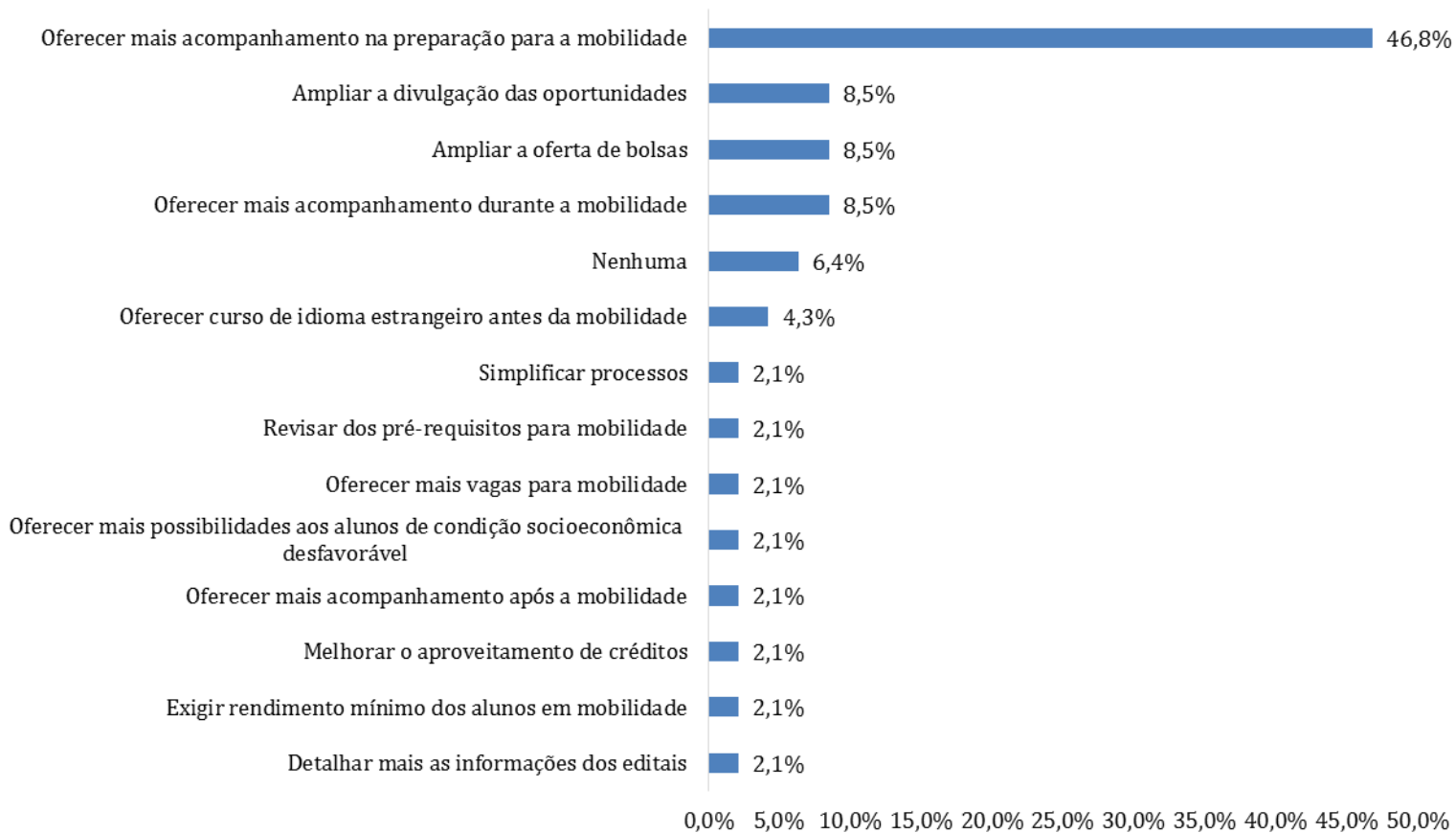
### APÊNDICE V - Justificativas relacionadas aos objetivos com a participação no Programa



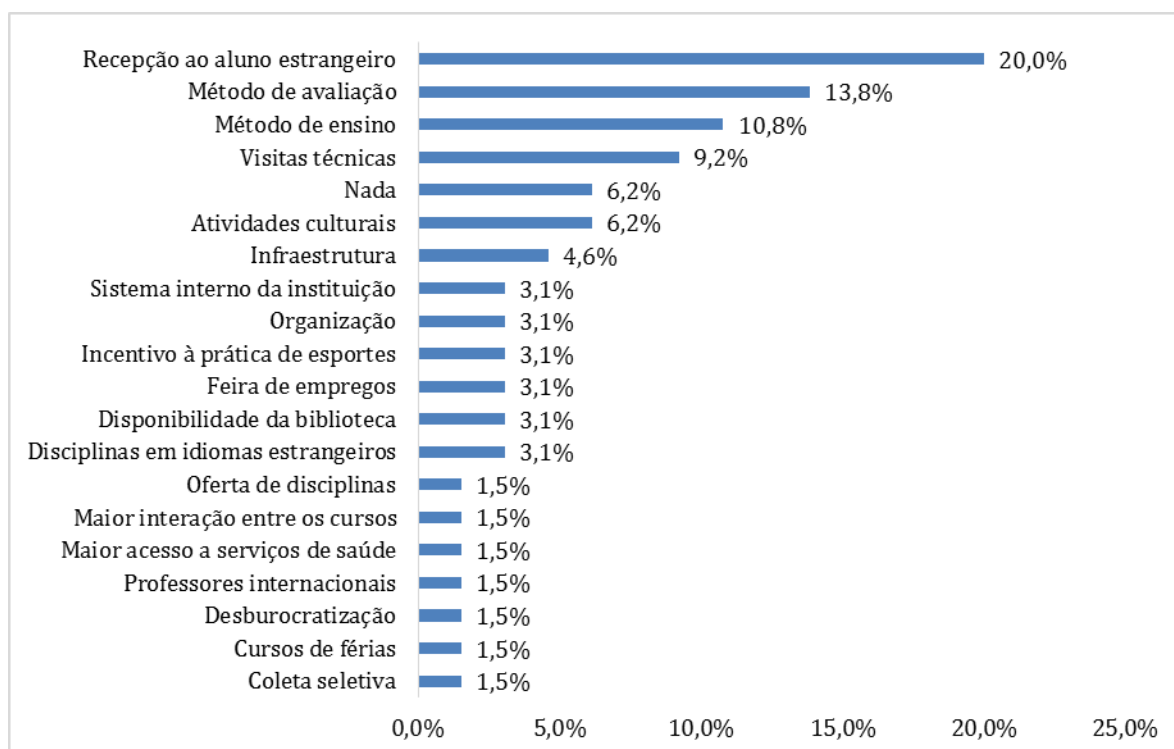
Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE W - Sugestões para a melhoria do Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional

### Sugestões

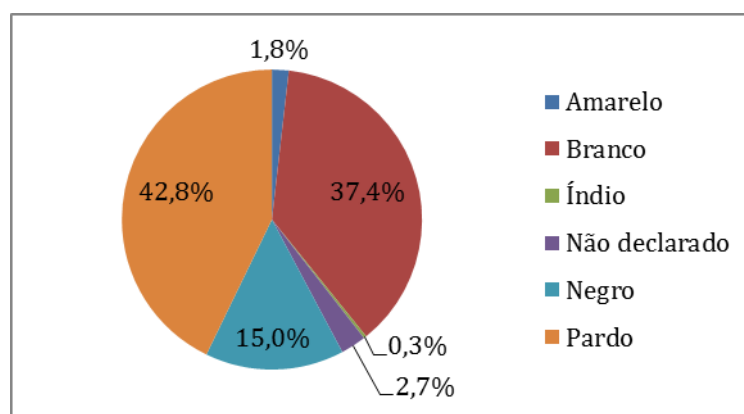


Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE X - Boas práticas adotadas pelas instituições estrangeiras**

Fonte: Elaborado pela autora.

**APÊNDICE Y - Distribuição de categorias de cor de pele declaradas pelos alunos de graduação matriculados entre 2015 e 2017**



Fonte: Elaborado pela autora.

**ANEXO A – Roteiro do Formulário Relatório de retorno – CAINT/UFOP**

1. Nome do curso na UFOP:
2. Matrícula na UFOP:
3. Data de afastamento da UFOP:
4. Data de retorno à UFOP:
5. País de destino:
6. Universidade de destino:
7. Curso de destino:
8. Quantas disciplinas do seu plano de estudo você cursou? (Opção de 01 a 10)
9. Em quantas disciplinas do seu plano de estudo você foi aprovado(a)? (Opção de 01 a 10)
10. Quais disciplinas você cursou na Universidade estrangeira? Indique se foi aprovado ou reprovado em cada uma? (Questão aberta)
11. Caso tenha sido reprovado em alguma, qual o motivo? (Questão aberta)
12. Qual foi sua média de nota entre as disciplinas cursadas? (Opção de 01 a 10)
13. Você desenvolveu outras atividades acadêmicas na Universidade de destino além das disciplinas cursadas? Quais? (Opções: Nenhuma, Estágio, Monitoria, Pesquisa, Extensão, Outra – campo para preencher)
14. Como você avalia a qualidade da Universidade onde você estudou no exterior quanto ao Método de Ensino? (Opções: Péssimo, Fraco, Regular, Ótimo)
15. Como você avalia a qualidade da Universidade onde você estudou no exterior quanto ao Método de Avaliação? (Opções: Péssimo, Fraco, Regular, Ótimo)
16. Como você avalia a qualidade da Universidade onde você estudou no exterior quanto a Infraestrutura? (Opções: Péssimo, Fraco, Regular, Ótimo)
17. Como você avalia a qualidade da Universidade onde você estudou no exterior quanto Recepção e Acompanhamento do Aluno Estrangeiro? (Opções: Péssimo, Fraco, Regular, Ótimo)
18. Comparando com a UFOP como você avalia a Universidade que você estudou no exterior quanto ao Método de Ensino? (Opções: Muito Pior, Pior, Equivalente, Melhor, Muito Melhor)
19. Comparando com a UFOP como você avalia a Universidade que você estudou no exterior quanto ao Método de Avaliação? (Opções: Muito Pior, Pior, Equivalente, Melhor, Muito Melhor)
20. Comparando com a UFOP como você avalia a Universidade que você estudou no exterior quanto a Infraestrutura? (Opções: Muito Pior, Pior, Equivalente, Melhor, Muito Melhor)
21. Qual foi sua média de gastos mensais durante a estadia no exterior (em reais)? (Questão aberta)
22. Elenque as 03 principais dificuldades que você enfrentou durante sua estadia no exterior em ordem de prioridade. (Questão aberta)

23. Que recomendação você daria a um aluno que irá sair da UFOP para estudar na mesma Universidade em que você esteve? (Questão aberta)

24. Como você avalia o seu aproveitamento acadêmico, cultural e pessoal a partir da sua experiência com a mobilidade internacional? (Questão aberta)

25. Você recebeu algum prêmio, distinção ou outra de forma de reconhecimento pelo seu desempenho acadêmico na universidade de destino? (Questão aberta)

## ANEXO B - Plano de Internacionalização da UFOP

### Introdução

A difusão da informação tem alcançado velocidades e extensões territoriais inimagináveis há poucas décadas o que, se por um lado, tem o poder de, em pouco tempo, aproximar a fascinante diversidade de povos e culturas, de expor suas realidades políticas e sociais e de, em teoria, diminuir o estranhamento ao novo e a distância entre a produção do conhecimento e sua apropriação por qualquer cidadão global, ao mesmo tempo cria demanda vital pela formação de pessoas capacitadas para realizar seu papéis profissional, acadêmico e pessoal na resolução de problemas e enfrentamento dos desafios do mundo contemporâneo tanto em nível regional como global.

Ciente de sua missão estratégica neste contexto, a Universidade Federal de Ouro Preto tem incorporado paulatinamente e de maneira mais organizada e transversal na última década, temas da internacionalização e da interculturalidade ao debate e às práticas acadêmicas. Assim, políticas institucionais têm sido elaboradas com vistas a buscar o desenvolvimento sustentável de ações que possam vir a elevar a produção, disseminação e o acesso a conhecimento científico, tecnológico, social, cultural, patrimonial e ambiental, contribuindo para a formação de profissionais competentes no cenário global e do sujeito humanista, crítico reflexivo e ético, e para uma sociedade mais democrática e integrada, respeitando o plurilinguismo e o interculturalismo.

O presente documento apresenta ações em curso e em implementação delineadas para alcançar metas da internacionalização na UFOP relacionadas a objetivos maiores ou eixos. Tais ações respeitam o histórico da construção teórico-prática de sua identidade no contexto do processo da internacionalização, mantendo-se compatível com a seção pertinente do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2016-2025<sup>75</sup>) transcrita a seguir:

---

<sup>75</sup> Disponível em: <http://www.pdi.ufop.br/wp-content/uploads/2015/12/PDI-UFOP-2016-2025-1.pdf>  
Acesso em 22 mar. 2018

A UFOP objetiva-se a “ter uma população flutuante, somando entrada e saída de mobilidade internacional, de 10% do total de docentes, TAs e discentes da UFOP, buscando sempre o equilíbrio de fluxo”, sendo as metas intermediárias as seguintes:

- Ter dez disciplinas oferecidas em idioma estrangeiro na graduação e na pós-graduação, até 2018.
- Oferecer um curso de idiomas a distância por meio da sala multimídia da CAINT, até 2018.
- Ter um fluxo de 2% de pessoas em mobilidade (mob *in* e mob *out*) até 2018.
- Regulamentar o controle de entrada e saída para a mobilidade internacional até 2018.
- Ter o site principal da UFOP e dos programas de pós-graduação traduzidos para o inglês até 2018.
- Ter uma equipe de trabalho adequada às necessidades do setor, com um Tradutor, um Secretário Executivo, um Técnico em TI, um Técnico em Comunicação e dois Assistentes Administrativos até 2018.
- Estabelecer ao menos um acordo de duplo diploma com um país da América Latina até 2018.
- Incluir dez estrangeiros nos Projetos de Extensão da UFOP até 2018.
- Ter um fluxo de 4% de pessoas em mobilidade (mob *in* e mob *out*) até 2020.
- Ter todos os sites dos cursos de graduação traduzidos para o inglês até 2020.
- Oferecer três cursos de idiomas a distância por meio da sala multimídia da CAINT até 2020.
- Dobrar o número de convênios com países da América Latina até 2020.
- Estabelecer ao menos dois acordos de duplo diploma com um país da América Latina até 2020.
- Fazer com que a CAINT tenha competências acadêmicas para atribuição de créditos e montagem de cursos até 2020.
- Criar dois cursos de férias (com atribuição de créditos) sobre temas diversos, em inglês, até 2020.
- Incluir 20 estrangeiros nos Projetos de Extensão da UFOP até 2020.
- Ter no programa das disciplinas introdutórias de cada curso de graduação a temática da internacionalização até 2022.
- Ter um fluxo de 6% de pessoas em mobilidade (mob *in* e mob *out*) até 2022.

- Ter uma nova sede que comporte uma estrutura de Ações Internacionais/Centro de Línguas/Educação Continuada para o público estrangeiro até 2022.
- Ter ambientes CAINT em Mariana e João Monlevade e em horário noturno até 2022.
- Oferecer cursos de capacitação em gestão de relações internacionais para o público externo até 2024.
- Ter um programa de pós-graduação oferecido em inglês até 2025.
- Oferecer disciplina de inglês ou espanhol a partir do primeiro período até 2025.
- Ter uma “international house” até 2025.

As ações especificadas nas metas e compartimentalizadas nos eixos do presente documento devem produzir efeito complementar ou sinérgico entre si, resultando em propriedades emergentes que, a exemplo dos ecossistemas naturais, aumentam a eficiência do todo. Neste sentido, espera-se que a realização das ações planejadas promova um ambiente crescente de internacionalização verificável por meio da consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais, efetivação das políticas linguísticas, ampliação da cooperação acadêmica-científica, na produção científica de qualidade e na visibilidade internacional.

**Eixos:**

1. Consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais
2. Políticas Linguísticas
3. Cooperação acadêmica-científica internacional
4. Produção científica internacional
5. Visibilidade internacional

**1. Consolidação da Coordenadoria de Assuntos Internacionais**

O papel desempenhado pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAINT) na UFOP é reconhecido pela gestão superior como de relevância estratégica e equivalente ao de outras pró-reitorias. Para que possa, entretanto, realizar suas funções de maneira adequada e eficiente, o setor necessita, entre outras coisas, de ampliação do seu corpo técnico, conforme previsto no PDI.

**Meta 1: Ampliar o número de servidores efetivos**

- Contratar, até 2019, de 01 Tradutor, 01 Secretário Executivo, 01 Técnico em Tecnologia da Informação, 01 Técnico em Comunicação e 02 Assistentes Administrativos.
- Investir, continuamente, na capacitação dos servidores da CAINT.

**Meta 2: Transformar a Coordenadoria em Pró-Reitoria****Ações**

- Captar as CDs necessárias para os cargos de pró-reitor e pró-reitor adjunto nos órgãos federais responsáveis (até 2021).
- Estabelecer que o setor tenha competências acadêmicas para atribuição de créditos e montagem de cursos.

**2. Políticas Linguísticas**

As línguas estrangeiras têm papel importantíssimo no desenvolvimento da internacionalização e da mobilidade acadêmica tanto interna quanto externamente. Com ações visando atingir esses objetivos, busca-se o aumento do acesso à produção de conhecimento por parte das diferentes comunidades linguísticas que constituem a identidade universitária, incentivando o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras. Além da língua inglesa, as línguas espanhola e francesa, que constam do currículo de Letras, poderão fazer parte do processo de internacionalização, partindo-se da análise de necessidade e estratégica da UFOP.

**Meta 1: Realizar diagnóstico das competências linguísticas**

A proporção dos discentes, técnicos e docentes que apresentam algum grau de proficiência ou de competência de inglês ou de qualquer outro idioma é apenas subjetivamente conhecida na UFOP. O resultado do diagnóstico revelará a linha de base numérica da situação atual e ajudará a verificar os resultados das ações em curso e a delinear novas metas e ações para a ampliação das competências linguísticas no futuro.

**Ações**

- Verificar o nível de proficiência da comunidade acadêmica até julho de 2018.

**Meta 2: Promover o acesso ao estudo da língua inglesa e outros idiomas para a comunidade acadêmica**

## **Ações**

- Fortalecer a participação da UFOP no Programa Idioma sem Fronteiras (IsF), para a oferta de cursos de inglês.
- Divulgar os cursos à distância oferecidos pelo MEC.
- Atrair professores nativos de países de língua inglesa para ministrar aulas de inglês através de participação contínua em editais específicos como o Fulbright.
- Ter oferta regular de cursos de espanhol (níveis básico, intermediário e avançado) para toda a comunidade acadêmica.
- Articular as várias ações de políticas linguísticas com a criação de um **Centro de Línguas** no novo prédio que será construído para o ICHS.
- Fortalecer o Centro de Extensão através da contratação de docentes para ministrar sistemática e continuamente:
  - cursos de inglês destinados à preparação para testes de proficiência (TOEFL, IELTS, outros);
  - cursos modulares de verão de inglês para servidores da UFOP, com prioridade inicial para docentes, técnicos e discentes da pós-graduação;
  - cursos de curta duração de inglês instrumental (leitura e redação de artigos científicos), visando à publicação internacional de artigos científicos e à apresentação de pôsteres em eventos internacionais;
  - curso de inglês durante o semestre para todos os servidores e estudantes da UFOP.
- Viabilizar contratação de um professor de inglês para o DELET, objetivando ministrar disciplinas em língua inglesa aos discentes da UFOP.
- Criar um programa de bolsas institucionais e transporte para discentes do curso de Letras/Inglês para apoio aos docentes na oferta de cursos de inglês nos três campi da UFOP.
- Fornecer apoio ao Programa de Linguística Aplicada (PLA) do Departamento de Letras (DELET) com bolsas de extensão e transporte para alunos/bolsistas participantes do processo de ensino e de aprendizagem de língua estrangeira. Isso inclui alunos/bolsistas do PLA que atendem à comunidade da UFOP e à comunidade externa. Assim como outras ações desenvolvidas de educação continuada para professores de inglês como o projeto Movie Time e o Grupo de Estudo de Análise de Discurso (GEAD), que têm potencial para expansão.

- Viabilizar trocas interculturais na CAINT com a criação de espaço de encontro para estudantes brasileiros e estrangeiros, por meio de estrutura moderna, acesso a canais de TV em inglês e wi-fi.

### **Meta 3: Ampliar a oferta de Português como Língua Estrangeira**

#### **Ações**

- Ampliar a oferta de turmas de Português como Língua Estrangeira (PLE) vinculadas ao programa IsF e ao Centro de Extensão da UFOP.
- Incluir disciplinas na matriz curricular do curso de Letras que sejam destinadas à formação de professores de PLE.
- Buscar parcerias com instituições de ensino estrangeiras interessadas em receber professores e alunos da UFOP para ofertar cursos de Português em seus países em contrapartida ao envio de professores nativos para ministrar cursos de idiomas (vários, além do inglês) na UFOP.

### **Meta 4: Incentivar o uso da língua inglesa e outras línguas estrangeiras nas disciplinas dos cursos de Graduação, Pós-graduação, na capacitação dos servidores e em eventos organizados pela UFOP**

#### **Ações**

- Ampliar o uso de literatura de língua inglesa e espanhola nas aulas de graduação e pós-graduação.
- Fomentar práticas pedagógicas que viabilizem o uso de literaturas de expressão inglesa, práticas de letramento crítico e multiletramentos nas aulas de língua inglesa.
- Estimular o oferecimento de disciplinas eletivas e obrigatórias em língua inglesa nos cursos de graduação e de pós-graduação, em todas as áreas do conhecimento abarcadas pela UFOP.
- Fomentar a ampliação da oferta de disciplinas ministradas em inglês/espanhol através de políticas de valorização do professor:
  - Pontuação no sistema de avaliação de produtividade em pesquisa e no sistema de progressão da carreira docente a atividades como: oferecimento de disciplinas de graduação e pós-graduação em língua estrangeira, oferecimento de

curso de verão, mini-curso e outras atividades em língua estrangeira, elaboração de testes de proficiência em língua estrangeira.

- Regular a oferta de disciplinas eletivas na graduação e obrigatórias na pós-graduação ministradas em inglês ou espanhol.
- Fomentar a participação de professores/pesquisadores estrangeiros para ministrarem aulas em inglês/espanhol nas disciplinas de graduação e pós-graduação por meio de videoconferência.
- Ampliar a aquisição de material bibliográfico em inglês nas modalidades online e impressa.
- Oferecer curso de língua inglesa semestralmente para comunidade ufopiana, englobando universalmente seus servidores e estudantes, nos 3 campi.
- Vincular a liberação de docentes para estágios pós-doutorais no exterior a formas de apropriação da experiência adquirida para a comunidade acadêmica na UFOP, como obrigatoriedade de oferta de palestra, de curso ou minicurso em idioma estrangeiro para a comunidade acadêmica.
- Regular a inclusão de comprovação de proficiência em nível intermediário ou superior de inglês como requisito obrigatório para a conclusão do período probatório da carreira docente.
- Implantar políticas de atração de docentes/pesquisadores estrangeiros com elevada produção científica para atuação nas atividades de pesquisa e na docência. Nesse sentido, uma proposta é a utilização de parte do saldo do banco de professor equivalente da UFOP para a contratação de pesquisadores visitantes via editais.
- Atribuir pontuação no sistema de ATV ou de creditação (para a graduação) ou de carga horária (para a pós-graduação) aos discentes que realizarem curso de línguas estrangeiras.
- Atribuir pontuação no sistema de progressão para servidores que realizarem curso de línguas estrangeiras.
- Estabelecer a elaboração, aplicação unificada e correção de testes de proficiência em línguas estrangeiras modernas, incluindo português para estrangeiros, voltadas para os processos seletivos de pós-graduação da UFOP. Essas atividades seriam pontuadas no sistema de progressão da carreira docente

- Apoiar a realização de eventos internacionais na UFOP nos quais o idioma oficial do evento seja o inglês ou outro idioma estrangeiro.
- Incentivar apresentações orais e escritas na língua inglesa nos congressos de iniciação científica e pós-graduação da UFOP.

### **Meta 5**

#### **Ampliar o conhecimento de língua espanhola e cultura hispânica nos *campi* da UFOP**

##### **Ações**

- Criar cursos de língua espanhola de curta duração que visem incentivar e preparar alunos de graduação e pós-graduação para os programas de mobilidade, potencializando a adaptação e a experiência de possíveis alunos-intercambistas da UFOP.
- Oferecer gratuitamente cursos de língua espanhola de curta duração para alunos da UFOP com a possibilidade de que venham a ser contabilizados como: carga horária de disciplinas eletivas, como ATVs ou como créditos de extensão.
- Ampliar a oferta de disciplina de língua espanhola como eletiva para outros cursos da UFOP, a partir de um estudo de possibilidades, necessidades e interesses.
- Realizar aplicação de prova de proficiência de língua espanhola para alunos que farão parte de intercâmbio com universidades cuja língua oficial é o espanhol sem custo para o aluno.

### **3. Cooperação acadêmica e científica internacional**

#### **Meta 1: Aumentar o número de discentes e estagiários estrangeiros nos cursos de graduação e pós-graduação e em projetos de pesquisa e extensão na UFOP**

Além das ações relacionadas às políticas linguísticas apresentadas anteriormente, a UFOP vem desenvolvendo e se propõe a ampliar ações que aumentem a sua atratividade ao público estudantil estrangeiro.

##### **Ações**

- Divulgar a universidade por meio de material impresso e digital em inglês e espanhol.

- Disponibilizar versão em inglês dos *websites* dos programas de pós-graduação e dos cursos de graduação.
- Disponibilizar versão em inglês das ementas das disciplinas de graduação e pós-graduação.
- Fornecer informações em inglês sobre candidatura, funcionamento da universidade, moradia estudantil, aspectos legais (vistos, CPF) e a vida nas cidades onde estão localizados os *campi* da UFOP na página institucional e no Facebook da Coordenadoria de Assuntos Internacionais.
- Publicar o Guia do Estudante Estrangeiro em inglês e em português.
- Disponibilizar a emissão via sistema Minha UFOP do Histórico Escolar da pós-graduação em inglês.
- Disponibilizar a emissão via sistema Minha UFOP de documentos em inglês para os discentes, referentes a atividades da PROGRAD, PROPP e PRACE.
- Consolidar o programa de recepção a estrangeiros (Projeto *Welcome*) atualmente conduzido por alunos voluntários e bolsistas que desenvolvem ações de recepção e acompanhamento ao estrangeiro vinculado à UFOP tais como:
  - auxílio para encontrar moradia, aquisição de documentos (CPF, visto de estudante junto à Polícia Federal, carteira estudantil para acesso à biblioteca e restaurante universitário), abertura de conta bancária, matrícula em disciplinas;
  - promoção de atividades culturais como visitas a pontos turísticos do patrimônio arquitetônico e natural e a eventos culturais da tradição regional;
  - promoção de atividades de integração entre a comunidade acadêmica nacional e estrangeira como oferta de atividades em diferentes modalidades desportivas e de aulas de dança em parceria com o CEDUFOP;
  - orientação sobre o sistema público de saúde e oferta de acompanhamento psicológico especializado em parceria com a PRACE.
- Fazer versão em inglês da apresentação do “Bem-vindo Calouro” (documento elaborado pela PRACE e entregue a todos os alunos ingressantes na UFOP).
- Regulamentar a figura de aluno estagiário e aluno extensionista, para que discentes de instituições estrangeiras em missões de curta duração específicas de participação em projeto de pesquisa ou de extensão possam ser matriculados como alunos da UFOP.

- Promover capacitação do corpo docente e técnico-administrativo para a recepção de público estrangeiro e para elaboração e execução de projetos internacionais.
- Regular a oferta de vagas nas repúblicas federais a custos competitivos para alunos estrangeiros.
- Ampliar a participação da UFOP em programas governamentais como o PEC-G e PEC-PG, e em programas do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, como o PAEC, BRACOL, BRAMEX e ProAfri.
- Ter oferta regular de disciplinas de graduação e pós-graduação em inglês.
- Criar programas de pós-graduação em rede com universidades estrangeiras.
- Facilitar a formalização de convênios de dupla-diplomação e co-tutela com a definição de fluxos internos mais claros e elaboração de modelos de convênio e manual sobre o tema para os colegiados de curso.
- Regular a oferta de vagas em processos seletivos à distância (via videoconferência) para ingresso de estrangeiros na pós-graduação.
- Regular a possibilidade de redação e defesa de monografias, dissertações e teses em inglês e espanhol.
- Incentivar o docente que venha a aprovar projetos de cooperação internacional que permitam o intercâmbio de discentes (Probral, Brafitec, Erasmus+, dentre outros) por meio de pontuação na progressão da carreira.
- Ampliar o orçamento da PROPP com vistas ao oferecimento de bolsas de estudo (mestrado e doutorado) para os Programas de Pós-Graduação (PPG's) que selecionarem alunos estrangeiros.
- Criar programa institucional de atração de alunos estrangeiros para projetos de extensão. Anualmente, editais específicos da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) selecionarão projetos de extensão cujos coordenadores tenham interesse em atrair estudantes estrangeiros para a realização das atividades previstas. Os projetos pré-selecionados serão divulgados em inglês nas instituições internacionais parceiras da UFOP e uma bolsa será destinada ao aluno estrangeiro por projeto. O aluno deverá se matricular em pelo menos uma disciplina da graduação ou pós-graduação na UFOP por semestre acadêmico e terá acesso a todas as facilidades de moradia em República Federal, alimentação, biblioteca, etc, que os alunos brasileiros.

- Fornecer apoio institucional para a realização de cursos internacionais de curta duração capazes de atrair o público estrangeiro, como por exemplo, no âmbito do Festival de Inverno.

## **Meta 2: Ampliar o número de discentes de graduação e pós-graduação da UFOP em mobilidade para instituições estrangeiras**

### **Ações**

- Formalizar convênios efetivos com instituições estrangeiras que prevejam a mobilidade de estudantes nos cursos de graduação e pós-graduação, preferencialmente com isenção de taxas acadêmicas.
- Criar programa institucional de fomento à mobilidade *out* para alunos com alto rendimento acadêmico e classificados em categorias de vulnerabilidade financeira na UFOP.
- Criar programa institucional de auxílio financeiro a alunos de graduação com alto rendimento acadêmico (e não classificados como vulneráveis) nas diferentes áreas do conhecimento para incentivo à mobilidade *out*.
- Manter a Bolsa Permanência para o aluno em mobilidade no exterior.
- Criar programa da PRACE em parceria com a CAINT para orientação sobre as possibilidades e necessidade de se preparar para a realização de semestre letivo em instituição estrangeira (proficiência do idioma, diferenças culturais, moradia, alimentação, socialização, etc).
- Estimular a incorporação da prática extensionista nos planos de trabalho elaborados pelos estudantes da UFOP candidatos à experiência de mobilidade acadêmica.
- Padronizar os procedimentos a fim de que todos os créditos de disciplinas cursadas no exterior, por alunos de graduação, sejam validados após o retorno.
- Incluir no Histórico Escolar os nomes das disciplinas e das instituições estrangeiras onde foram cursadas.
- Atribuir 1h/aula na carga horária semanal e pontos no sistema de progressão de carreira ao docente-tutor que se responsabilizar pelo planejamento acadêmico pré-mobilidade e pelo acompanhamento do aluno da UFOP no exterior, bem como por receber e acompanhar os discentes estrangeiros em mobilidade na UFOP.

- Induzir o envio de alunos de pós-graduação da UFOP para o exterior por meio do remanejamento e preenchimento total da cota PDSE – Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - ofertada pela CAPES, que atualmente concede 1 bolsa de 12 meses para cada PPG da UFOP que tenha curso de Doutorado.
- Padronizar critérios e estabelecer normas na pós-graduação de forma a permitir o aproveitamento de créditos e atividades cursadas/realizadas no exterior.
- Incentivar o docente que venha a aprovar projetos de cooperação internacional que permitam o intercâmbio de discentes (Probral, Brafitec, Erasmus +, dentre outros) através de pontuação na progressão da carreira e na avaliação de desempenho do pesquisador nos editais da PROPP.
- Apoiar a participação discentes em eventos internacionais de extensão universitária a fim de fortalecer as trocas de experiências a partir de vivências em diferentes comunidades.
- Construir novas moradias e disponibilizar vagas nas moradias já existentes para alunos e pesquisadores estrangeiros.

### **Meta 3: Aumentar a cooperação técnica, científica e extensionista com parceiros internacionais**

#### **Ações**

- Formalizar convênios efetivos com instituições estrangeiras que prevejam a mobilidade de docentes e técnico-administrativos, preferencialmente com isenção de taxas acadêmicas.
- Simplificar os trâmites para formalização de convênios com instituições estrangeiras.
- Revisar normas e ações que permitam a utilização do saldo do 'banco de professor equivalente' para contratar docentes/pesquisadores estrangeiros com elevada produção científica para fortalecer a docência e a pesquisa e pós-graduação na UFOP. Nesse sentido, está em discussão uma proposta de reserva de 10% das vagas de professores substitutos no banco de equivalentes para contratação de docentes/pesquisadores visitantes, incluindo estrangeiros, com elevada produção científica.
- Fornecer auxílio ao docente/técnico na elaboração de projetos de cooperação internacional que prevejam o intercâmbio de docentes/pesquisadores, servidores

técnico-administrativos e discentes (Probral, Brafitec, Erasmus+, dentre outros) por meio da Coordenadoria de Assuntos Internacionais.

- Definir critérios para a liberação de docentes para estágios pós-doutorais no exterior com especificação clara dos produtos (consolidação de parcerias científicas, técnicas e/ou extensionistas, publicação de artigos, desenvolvimento de patentes) e formas de apropriação da experiência adquirida para a comunidade acadêmica na UFOP, como obrigatoriedade de oferta de curso ou minicurso em inglês pelo menos para a pós-graduação, palestras sobre o tema e participação em eventos de internacionalização organizados pela UFOP, como o Encontro dos Saberes.
- Incentivar, por meio de editais específicos, missões de curto prazo a instituições estrangeiras (até três meses) de servidores docentes e técnico-administrativos considerando a liberação quinquenal para capacitação prevista em lei, com foco na consolidação ou criação de novas parcerias de ensino, pesquisa e extensão.
- Apoiar a participação de servidores docentes e técnico-administrativos em eventos internacionais de extensão universitária a fim de fortalecer as trocas de experiências a partir de vivências em diferentes comunidades.
- Destinar um servidor da PROEX para a busca de recursos externos em agências internacionais.
- Revisar as normas que permitam a utilização da Casa do Pesquisador para oferecer acomodação a pesquisadores estrangeiros por período superior a 30 dias.
- Ampliar a capacidade de hospedagem para docentes/pesquisadores estrangeiros através da construção de novos prédios e reforma de imóveis da UFOP.
- Criar um programa institucional de bolsas de iniciação científica que garanta a cada docente estrangeiro visitante uma bolsa para aluno de graduação de sua instituição de origem, atrelando, dessa forma, a vinda do professor visitante à vinda também de um aluno de graduação com intenção de prepara-lo e atraí-lo para a pós-graduação na UFOP.

#### **4. Internacionalização da produção científica e inovação tecnológica**

**Meta 1: Aumentar a produção científica de qualidade em periódicos internacionais de alto fator de impacto**

## **Ações**

- Divulgar anualmente edital de auxílio à publicação que apoia financeiramente pesquisadores para arcarem com custos de tradução ou revisão de textos para outras línguas, especialmente o inglês, bem como cobrir custos de publicação de artigos em períodos internacionais qualificados (B1, A2 e A1).
- Fornecer auxílio à participação de docentes e discentes da pós-graduação e de servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais com critérios baseados na amplitude do evento, na obrigatoriedade de apresentação de trabalho em língua estrangeira e na possibilidade de publicação de artigo ou capítulo de livro.
- Promover a articulação interna na UFOP entre grupos de pesquisa consolidados e com reconhecida experiência internacional com grupos emergentes.
- Divulgar editais nacionais e internacionais que contemplem recursos para missões científicas e publicação.
- Revisar normas e ações que permitam a utilização do saldo do 'banco de professor equivalente' para contratar pesquisadores estrangeiros com alto nível de produção científica para fortalecer a pesquisa e pós-graduação na UFOP. Os editais de seleção de docentes/pesquisadores estrangeiros deverão explicitar entre outras coisas, a obrigatoriedade de que os contratados submetam projetos de captação de recursos financeiros para subsidiar as atividades de pesquisa, orientar alunos de graduação e de pós-graduação, e submeter anualmente pelo menos dois artigos a periódicos com Qualis-CAPES A1, A2 e B1 com parceiros da UFOP.
- Criar programa de estímulo à publicação com critérios e categorias de auxílio destinadas para a participação do docente em eventos internacionais.

## **5. Visibilidade internacional**

### **Meta 1: Realizar diagnóstico dos principais parceiros internacionais e potenciais**

#### **Ações**

- Reformular ferramentas de tecnologia da informação necessárias para garantir o acesso preciso ao banco de dados relacionados à internacionalização na UFOP.

- Atualizar dados para identificação dos principais países e instituições estrangeiros com os quais a comunidade acadêmica da UFOP se relaciona de maneira efetiva e potenciais a serem explorados. Esses dados serão a base para as ações de comunicação para aumento da visibilidade da UFOP no cenário internacional.

## **Meta 2: Aumentar a visibilidade em ambiente internacional**

### **Ações**

- Para a maior inserção das oportunidades e resultados da UFOP internacionalmente, enviar regularmente *releases* em inglês para os veículos de comunicação, assessorias de universidades conveniadas e *blogs* que tratam de temas afins por meio da Coordenadoria de Comunicação Institucional (CCI) em parceria com a Coordenadoria de Assuntos Internacionais.
- Contratar profissional com domínio da língua inglesa para trabalhar na CCI com direcionamento prioritário às questões da CAINT.
- Produzir material de divulgação institucional impresso e em meio digital em inglês e em espanhol.
- Garantir a participação de representante institucional em eventos nacionais e internacionais relevantes para a divulgação da UFOP como centro universitário de reconhecida qualidade acadêmica e científica.
- Participar de redes nacionais e internacionais que contribuam para a visibilidade internacional da UFOP.

## **Meta 3: Facilitar o acesso à informação sobre cursos de graduação e pós-graduação e sobre projetos de extensão na UFOP para o público estrangeiro**

### **Ações**

- Reformular a página da UFOP para abrigar abas em inglês e espanhol com as informações básicas da estrutura acadêmica e *links* de acesso às páginas dos programas de pós-graduação, grades curriculares e ementas dos cursos de graduação, à página da PROEX e à página da CAINT.
- Disponibilizar versão em inglês dos *websites* dos programas de pós-graduação e dos cursos de graduação e das Pró-Reitorias.

- Fornecer informações em inglês sobre candidatura, funcionamento da universidade, moradia estudantil, aspectos legais (vistos, CPF) e a vida nas cidades onde estão localizados os campi da UFOP na página institucional e no Facebook da Coordenadoria de Assuntos Internacionais.
- Criar uma rede de contatos *alumni* da UFOP, disponibilizando contatos de alunos estrangeiros que realizaram qualquer tipo de atividade acadêmica e científica na UFOP e de brasileiros que realizaram mobilidade em instituições estrangeiras para proporcionar ambiente de troca de informações e memórias.